



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Maria de Lourdes Soares Milheiro Lau

**Entre sonhos, realidades e possibilidades: a trajetória de estudantes negros
que passaram pelo Preparatório Comunitário Paulo Freire**

Duque de Caxias

2024

Maria de Lourdes Soares Milheiro Lau

**Entre sonhos, realidades e possibilidades: a trajetória de estudantes negros
que passaram pelo Preparatório Comunitário Paulo Freire.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Ribeiro Neto

Duque de Caxias

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

L366
Tese

Lau, Maria de Lourdes Soares Milheiro
Entre sonhos, realidades e possibilidades: a Trajetória de Estudantes
Negros que passaram pelo Preparatório Comunitário Paulo Freire. / Maria
de Lourdes Soares Milheiro Lau - 2024.
87 f.

Orientador(a): Alexandre Ribeiro Neto.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Trajetórias educacionais populares - Teses. 2. Pré-vestibular comunitário
- Teses. 3. Acesso ao ensino superior – Teses. I. Ribeiro Neto, Alexandre.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da
Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 37.06:378

Bibliotecária: Ana Paola Araujo – CRB7/6387

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria de Lourdes Soares Milheiro Lau

**Entre sonhos e realidades: a trajetória de estudantes negros que passaram pelo
Preparatório Comunitário Paulo Freire.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Aprovada em 26 de setembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Ribeiro Neto (Orientador)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof.ª Dra. Gabriela dos Santos Barbosa
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof.ª Dra. Dayse Martins Hora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2024

DEDICATÓRIA

A todos os meus familiares, principalmente ao meu irmão Dico que sempre me incentivou a estudar e a não desistir dos meus sonhos. Aos meus pais, José Matheus e Domingas Soares, que mesmo estando em outro plano, acredito que estão sempre ao meu lado. A minha madrinha e irmã Ana Maria que me fortalece com suas orações. Minha cunhada e irmã Elza Maria, que durante esse duro processo de escrita não me deixou desistir me dando forças e dizendo sempre: “confia em sua ancestralidade e escreva”. Pois em minha trajetória do mestrado houve momentos de muitas dificuldades, momentos em que pensei em desistir, mas pude sempre contar com pessoas que não permitiram pensar em tal possibilidade, porque não largaram minha mão, transmitindo uma energia que não me permitia fraquejar, mas seguir em frente sem desviar do meu caminho. “Coragem! Não desista!”, palavras do meu querido e saudoso amigo Pe. Bruno, que não se encontra fisicamente em nosso plano, mas sua energia ainda nos envolve. Ao meu esposo e companheiro George Lau, que sempre acreditou em meu potencial, mesmo naqueles momentos em que eu dizia: “eu não vou conseguir, não quero mais”, ele dizia: “você consegue, acredite em ti.” E como não lembrar dos amigos que sempre estiveram comigo, Daiane Fran e Fran, que estiveram presente desde a escolha do tema do projeto de mestrado, além de Luis Miguel, Nycollas, Prof^o. Amouri, Prof^a. Eliana e Nadja. Por fim, ao meu orientador prof^o. D. Alexandre por sua dedicação.

RESUMO

LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro. **Entre sonhos, realidades e possibilidades: a Trajetória de Estudantes Negros que passaram pelo Preparatório Comunitário Paulo Freire.** 2024. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

A Baixada Fluminense do Rio de Janeiro é marcada por muitos estigmas e especialmente o da violência, desleixo público e berço das cidades-dormitório. Contudo, os projetos e personagens que seguem lutando por melhorias concretas nestes territórios nos ensinam a inverter o olhar e enxergar os sinais de vida e esperança que brotam do chão flagelado dos municípios da Baixada Fluminense. Buscando, portanto, acolher a pluralidade, colocamo-nos à seguinte pergunta: como imaginar que seja possível o sonho e a conquista em um lugar marcado pela negação à vida? Levantamos como hipótese, nesta dissertação, que tais possibilidades podem ser consideradas pela via das trajetórias individuais: traços marcantes dos sujeitos que vivenciam as dificuldades e potenciais dos territórios periféricos. Para comprovar nossa hipótese, especialmente, sobre as trajetórias de jovens estudantes, apresentaremos a trajetória de estudantes do Grupo de Estudos Leonardo, braço pedagógico de Projeto Marvin e parte da rede de grupos do Preparatório Comunitário Paulo Freire. Todos os projetos de educação, cultura e arte, emergem como na geração de horizonte para que esta juventude, marcada por estigmas, passe a seguir e a sonhar.

Palavras-chave: Trajetórias educacionais populares. Pré vestibular comunitário.

Acesso ao ensino superior. Trajetórias individuais e coletivas.

ABSTRACT

LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro. **The trajectory of black students:** who went through, Paulo Freire Community Preparatory. 2024. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

The Baixada Fluminense of Rio de Janeiro, and especially that of violence, public neglect and the birthplace of dormitory cities. However, the projects and characters that continue to fight for concrete improvements in these territories teach us to reverse our gaze and see the signs of life and hope that emerge from the plagued ground of the municipalities of Baixada Fluminense. Seeking, therefore, to welcome plurality, we ask ourselves the following question: how can we imagine that dreams and achievement are possible in a place marked by the denial of life? We hypothesize, in this dissertation, that such possibilities can be considered through individual trajectories: striking traits of subjects who experience the difficulties and potentials of peripheral territories. To prove our hypothesis, especially about the trajectories of young students. We will present the trajectory of Leonardo, the pedagogical arm of Projeto Marvin and part of the Paulo Freire Community Preparatory group network. All education, culture and art projects emerge as a generation of horizon for this youth, marked by stigmas, to continue dreaming.

Keywords: Popular educational trajectories. Community preparatory school. Access to higher education. Individual and collective trajectories.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Estudantes de onde vem - Belford Roxo e Duque de Caxias RJ.....	49
Gráfico 2 -	Como conheceu o projeto.....	50
Gráfico 3 -	Um território educador popular do empoderamento feminino.....	51
Gráfico 4 -	Um território educador popular afrodescendente	52
Gráfico 5-	Um território de tolerância e diversidade religiosa.....	53
Gráfico 6-	Um território de alunos de oriundos de Escola Pública.....	54
Gráfico 7-	Um território marcado pela desigualdade social.....	55
Gráfico 8-	Um território que busca o acesso à Universidade.....	56
Gráfico 9-	O ensino híbrido: ensino online e presencial.....	58

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
CAP-UERJ	Colégio de Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro
CAP-UFRJ	Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
CEASM	Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré
CEBs	Comunidade Eclesial de Base
CEDERJ	Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
CIEP	Centros Integrados de Educação Pública
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
COPENI	Conferência de Pesquisadores Negros
CPA	Comissão de Ações Afirmativas
Educafro	Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAETEC	Fundação de Apoio à Escola Técnica
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
FEUDUC	Fundação Educacional de Duque de Caxias
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FNB	Frente Negra Brasileira
FPVP-RJ	Fórum de Pré-vestibulares Populares do Rio de Janeiro
FUNDEC	Fundação de Apoio à Escola Técnica, Ciência, Tecnologia, Esporte, Lazer, Cultura e Políticas Sociais de Duque de Caxias
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MNU	Movimento Negro Brasileiro
NEM	Novo Ensino Médio
NICA	Núcleo Independente e Comunitário de Aprendizagem
ONG	Organização não governamental

PCPF	Preparatório Comunitário Paulo Freire
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PJ	Pastoral da Juventude
PPP	Plano Político Pedagógico
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PVCM	Pré Vestibular Comunitário de Mesquita
PVP	Pré Vestibular Popular
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PVNC	Pré-Vestibular para Negros e Carentes
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UERJ	Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 UM PEQUENO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO À INVENÇÃO DOS PRÉ-VESTIBULARES.....	17
1.1 Um pequeno histórico da educação no brasil até a emergência dos prés vestibulares	17
1.2 Preparatório comunitário paulo freire: surgimento em imagens, proposta, idealização e protagonistas	22
1.3 Grupo de estudos leonardo: a reinvenção do projeto marvin	26
1.4 Outros formatos de participação do preparatório paulo freire: grupos de estudo, pareria com escolas públicas e pré-indígena	28
2 INICIATIVAS DE GRUPOS DE PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS.....	33
2.1 Uma reflexão teórica.....	33
2.2 Pré-vestibulares como horizontes: a perspectiva do popular	34
2.3 A arituclação entre fé e vida: pré-vestibular e os movimentos religiosos.....	41
3 OUTRAS FORMAS DE ENSINSAR DESDOBRAMENTO DO PRÉ – VESTIBULAR.....	46
3.1 Novas redes: entre sonhos e possibilidades a trajetória de estudantes negros do preparatório comunitário Paulo Freire	47
3.2 Vivências /trajetórias: vamos agora a partir da escuta do afeto sentirmos esse projeto	59
3.3 A pedagogia marvin, inspirações e utopias	62
3.4 Cartografia dos afetos	64
3.5 Novas redes: entre sonhos e possibilidades a trajetória de estudantes negors do preparatório comunitário Paulo Freire	67
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

A Baixada Fluminense tem uma história de estigmas. É lida por décadas na universidade, mídia e no discurso público como lugar de violência, desleixo do Estado e como dormitório das áreas suburbanas (Almeida, 2019; Alves, 2019). Esta realidade é uma grande ameaça às possibilidades de futuro traçadas pela juventude desse lugar. Apesar das resistências que disputam os estigmas da Baixada Fluminense (Sales, 2019) o passado das cidades desta região recorta a vida dos/as jovens com um presente de graves desafios. Essas barreiras históricas parecem, por vezes, intransponíveis. Cada cidade da Baixada Fluminense conta com registros cada vez mais graves de violência e descaso. Entre estes registros, porém, Belford Roxo tem se destacado pelos índices alarmantes de criminalidade, pela constância das enchentes, pelos escândalos de corrupção e demais problemas cotidianos sentidos pela população.

Esta que já foi considerada a cidade mais violenta do mundo (Beraba, 1995), está hoje entre os dez municípios do país com as maiores taxas de letalidade policial (Acayaba et al., 2021). Basta uma busca rápida na internet e em jornais sobre as notícias de Belford Roxo para perceber as representações deste lugar, composto pela maioria de afrodescendente - uma continuação das brutalidades feitas com os antepassados indígenas e quilombolas de outrora (Rocha, 2020). Tanto sangue derramado na Baixada Fluminense faz essa ser a terra onde se canta, como lembrou padre Bruno, o “Clamor dos Mártires” (Sales, 2019, p. 74–75).

Bruno sempre teve uma profunda busca pela dignidade humana, sendo assim sempre lutou contra as exclusões sociais e todas as formas de extermínio da juventude negra. Por isso diante de uma história violenta, que foi o extermínio de uma família, para dar lugar ao tráfico, ele se juntou com outras pessoas e buscou ressignificar essa realidade desumana. Bruno foi um padre italiano nascido em 03 de abril de 1942, na cidade de Mellea, foi ordenado presbítero em 1967 e chegou ao Brasil dois anos depois, em 1969, durante os “anos de chumbo” da Ditadura Militar brasileira. Além disso, começou sua trajetória no Brasil atuando na Arquidiocese do Rio de Janeiro, mudando-se para Belford Roxo em 1982, quando assumiu a Paróquia São Simão, da Diocese de Nova Iguaçu, localizada no bairro do Lote XV (Da Silva, 2022).

Em outubro de 1989, padre Bruno acompanhou os eventos que se seguiram do extermínio de uma família inteira no bairro do Jardim Amapá, em Duque de Caxias, onde a família foi assassinada dentro de casa, em 1988, por membros do tráfico de drogas local,

após o pai da família negar que fosse instalado ali um ponto de venda de entorpecentes. Os traficantes assassinaram não só a família, mas todo sinal de vida que havia no lugar: plantas, animais, e até mesmo o feto que estava na barriga da mãe, morta a tesouradas. Mas, quando moradores do bairro entraram no local, encontraram um único galho de roseira crescendo em um dos cantos da casa (Lins, 2013).

Após esse ocorrido, Padre Bruno visitou o lugar da tragédia e lutou para que fosse fundado ali um Santuário, denominado Santuário dos Mártires da Baixada. No local, acontecem hoje encontros, palestras, momentos litúrgicos e retiros de espiritualidade (Dias, 2023). A trajetória de padre Bruno demonstra que nem só de estigmas vive a Baixada, pois aqui também florescem possibilidades no chão manchado de sangue, a vida brota por aqui, e brota em cenários de total negação das potências e esperanças.

Padre Bruno, faleceu no ano de 2022, deixando na Baixada Fluminense, além dos legados de sua ação pastoral, o fato nos recordamos, sempre, que territórios marcados pela morte podem se tornar um sinal de vida. Inspirados por sua atuação, ancoramos as reflexões desta dissertação na ótica de inverter o olhar. Na luta por fincar sinais de vida, a Baixada e Belford Roxo se revelam como lugares da escrita histórica e social, guardando complexidades, desafios e potencialidades (Souza, 2014). Não é um mero lugar de sangue indígena e africano derramado; apresenta-se também como lugar de resistência. Nesse sentido, as chacinas não são a única voz da Baixada, as enchentes não são a única voz da Baixada, a violência contra a mulher e as crianças não são o único grito desta periferia.

Buscando acolher essa pluralidade de realidades que compõem cidades como Belford Roxo, invertendo, assim, o olhar da Baixada Fluminense como território unicamente flagelado, se coloca a seguinte pergunta: como imaginar que seja possível o sonho e a conquista em um lugar marcado pela negação à vida? Com que categorias podemos conceber essas possibilidades que brotam do impossível? Argumentamos aqui que tais possibilidades podem ser consideradas entrelaçando as trajetórias individuais (traços marcantes dos sujeitos que vivenciam as dificuldades) com as potências dos territórios periféricos. Para explorar este argumento, refletimos sobre as trajetórias individuais de estudantes do Grupo de Estudos Leonardo, braço pedagógico do Projeto Marvin e parte da rede de grupos de estudos do Preparatório Comunitário Paulo Freire¹, todos projetos de educação popular² do município de Belford Roxo.

¹ Mais sobre o Preparatório Comunitário Paulo Freire disponível em:

https://www.facebook.com/PreparatorioComunitarioPauloFreire/?locale=pt_BR . Acesso em 12 jun. 2023.

² Segundo Gadotti (1995, p. 4), educação popular – ou social, ou comunitária – consiste em “uma longa história e

Nessa reflexão, compreendemos que os preparatórios comunitários, e outros projetos correlatos, são potências na geração de horizontes para que a juventude marcada dos territórios periféricos possa seguir a sonhar. São espaços que articulam educação, cultura e arte na construção de oportunidades para que os jovens periféricos possam ser aquilo que desejam. Por isso, destacamos as pedagogias vividas como propulsoras desta construção de futuros. O PCPF (Preparatório Comunitário Paulo Freire) nasce a partir do olhar para a situação de uma população periférica de maioria negra onde as oportunidades beiravam a exclusão do ensino superior, na intenção de gerar acesso e tratando os desiguais como iguais. Como nos disse Theodoro (2022):

Assim, o aluno pobre que cursou a escola pública e recebeu um ensino de baixa qualidade não tem condições de concorrer e, portanto, não consegue disputar uma vaga na universidade pública, por outro lado quem sempre teve o melhor estudo, os alunos de escolas particulares, é aquele que terá acesso às universidades de ponta. É a toada perversa da educação, que cumpre seu papel como filtro racial, que alimenta as distâncias sociais e estabiliza a sociedade desigual (Theodoro, 2022 p. 205.)

Para enfrentar a desigualdade diante da ausência de políticas públicas, o Preparatório Comunitário Paulo Freire atua como movimento social educador, para atender a jovens negros, especialmente no momento da pandemia de COVID-19. Nas páginas a seguir explicaremos melhor essa relação. Os idealizadores do curso Preparatório foram construindo sua identidade, tomando como inspiração a trajetória do educador popular que acreditava numa Educação Libertadora, que além do conhecimento pelo conhecimento, lutava por inclusão social e por oportunidade igual para todos.

Assim, aos poucos, a iniciativa do Pré-Vestibular Comunitário Paulo Freire no bairro do Lote XV, periferia de Belford Roxo - Baixada Fluminense do Rio de Janeiro (RJ), nasceu em 2009. Adotam o nome de Paulo Freire, iniciativa conscientes da responsabilidade que é trabalhar, fazendo com que o oprimido se torne agente transformador (Freire, 1987).

Diante da conjuntura de políticas públicas em territórios periféricos, nos quais a maioria da população é negra e descendente de nordestinos, que migraram para o Rio de Janeiro, nas décadas de 1960 e de 1970, os organizadores de forma unânime, aceitaram o nome de Paulo Freire como forma de homenagem a esse grande educador popular, que se idealizou dentro da construção do PCPF com uma educação solidária, humanizada, transformadora e principalmente que atinja as classes populares. Aqui estamos entendendo

muitos aprendizados de experiência feitos na luta pelo direito à educação, por moradia, por trabalho decente, por saúde pública, por segurança alimentar etc.”, onde diferentes profissionais-voluntários atuantes nos ambientes pedagógicos colocam estas lutas “em favor de um outro mundo possível”.

classes populares como os grupos socioeconomicamente colocados à margem no que tange a tudo, principalmente na área de educação e cultura que podem ser motores para modificar vidas, motivo pelo qual adotaram o nome do educador Paulo Freire.

Cabe ressaltar que o PCPF contempla alunos na sua maioria de baixa renda, ou seja, estudantes que possuem renda familiar abaixo de 1 salário mínimo, sendo eles sujeitos que não têm condições de arcar com despesas escolares. Os (as) candidatos(as) em situação de vulnerabilidade social comprovada são abonados de qualquer contribuição. Os colaboradores são voluntários, professores, monitores, pessoas que cuidam da limpeza do espaço e tantas outras atividades inerentes ao curso. De maneira geral, os estudantes atendidos no curso Preparatório Paulo Freire possuem uma trajetória escolar com maior número de reprovação, abandono do sistema formal de ensino. Eles conseguiram completar sua escolaridade, fora do tempo previsto pelo Ministério de Educação, que em sua legislação determina que os indivíduos concluam a Educação Básica - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio até os 17 anos. O curso Preparatório Paulo Freire não tem como objetivo apenas o acesso ao Ensino Superior, ele busca preparar os estudantes também para carreira militar, concursos públicos e ensino Superior, preferencialmente, em universidades públicas, porém, alguns também são aprovados em universidades privadas, com o auxílio de diferentes percentuais de bolsa.

Como se não fosse suficiente todas as lutas diárias que a população periférica trava todos os dias, no ano 2022, fomos surpreendidos por um vírus, totalmente desconhecido para nós, que veio devastando a população. Embora as pesquisas estejam em desenvolvimento sobre os impactos da COVID-19 para a população, podemos considerar que a grande maioria dos óbitos foram entre a população negra e pobre. Dessa forma, houve grandes esforços de rever pensamentos, valores e acionar novas estratégias para seguir com o as ações educativas. Não podemos esquecer que entre as medidas, para conter o avanço da COVID-19 estava o isolamento social, pois ainda não havia nenhuma vacina a qual pudesse conter o avanço do vírus, que realiza diferentes mutações, ora tornando-se mais letal, ora tornando-se mais transmissível. Essa medida, trouxe um grande problema: com a pandemia, revela-se aumentos e situações que já ocorriam, entretanto se mantinham obscuras. Os jornais³ demonstram essa realidade complexa. O confinamento veio

³ Jornal digital Brasil de Fato, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/08/baixada-fluminense-registrou-um-em-cada-quatro-casos-de-feminicidio-no-estado-do-rio>. Acesso em 12 de junho de 2023. Jornal Extra: Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/casos-de-agressao-contra-criancas-no-rio-aumentaram-29-durante-pandemia-25298710.html>. Acesso em 12 jun. 2023.

acompanhado com o alto índice de caso de feminicídios na Baixada Fluminense e um grande aumento das notificações de abuso sexual de crianças e adolescente:

Foram registradas 110 mortes por feminicídio no estado no último ano. Do total, aproximadamente 24% aconteceram na Baixada Fluminense. Segundo o IDMRJ, a região teve um aumento de 67% nas mortes nas mulheres em comparação ao ano anterior. Duque de Caxias concentrou 23% dos casos de feminicídios na Baixada, seguindo por Belford Roxo (19%) e Nova Iguaçu (17%). O documento aponta que o domínio da milícia nesses territórios é um impedimento para as mulheres registrarem dos casos. (Brasil de Fato, Março de 2023.1)

Casos de agressões contra crianças no Rio aumentaram 29% durante a pandemia: (...) Em média, uma crueldade foi registrada a cada horas. (...) Ficam na Baixada Fluminense cinco dos seis municípios com mais casos de violência infantil registrados. (Extra, 2021) .

Observamos o reinventar e se adaptar do projeto através do acompanhamento semi presencial dos estudantes e de suas respectivas famílias. Muitas vezes, a Equipe de Coordenação precisou prestar auxílio aos estudantes através da doação de cestas básicas e também encaminhamentos a atendimento psicológico à distância. Com o aumento de casos de pessoas contaminadas pela COVID-19, os municípios e governos estaduais tomaram a iniciativa de suspender as aulas presenciais nas escolas públicas, sob sua responsabilidade, para evitar a propagação do vírus no ambiente escolar. O curso Preparatório Paulo Freire também precisou se adequar às medidas sanitárias, logo, as aulas que antes eram em formato presencial, na sede no bairro do Lote XV no município de Belford Roxo, transformaram-se em aulas remotas online como medidas preventivas para evitar a contaminação e proliferação da doença. Algumas das plataformas usadas foram: o Facebook, Google Meet, Youtube, Streamyard, Zoom e WhatsApp. O Facebook e WhatsApp foram as plataformas com o maior número de acessos. Embora não entremos nessa discussão, o “ensino remoto” não pode ser confundido com “ensino à distância”, o qual possui uma metodologia e material confeccionados para essa modalidade.

A pandemia também revelou não só a fragilidade do nosso sistema de saúde, como também a sua força, pois foi o SUS (Sistema Único de Saúde) que atendeu o maior número de casos e, conseqüentemente, conseguindo salvar vidas. Havia uma campanha para a privatização da rede pública de saúde, que se apoiava na pretensa má qualidade dos serviços prestados, da ausência de medicamentos e aparelhos necessários para o pronto atendimento, contudo, essa campanha naufragou diante do quadro de caos que se instaurou no Brasil e no mundo. Ficou exposto, também, nestes anos de 2020, 2021 a fragilidade de nossas tecnologias, pois até o momento, poucos brasileiros adotavam a medida de trabalho, conhecida como Home Office - que usa a internet como principal ferramenta. Diante do

aumento do número de usuários, algumas vezes não foi possível manter aulas e reuniões pedagógicas. As telas congelavam, as vozes sumiam, nossas casas não estavam adaptadas para esse tipo de uso com maior frequência. Houve grande esforço para adquirir pacotes de dados maiores, banda larga e também aparelhos para que pudéssemos realizar as aulas remotas. Havia casas em que apenas uma pessoa dispunha de celular ou aparelho similar que pudesse conectar à internet.

Mesmo diante desse cenário, o curso Preparatório Paulo Freire realizou mudanças para se adequar ao modelo, o que nos levou a um outro lado do Brasil, pois nos permitiu o contato com diversas aldeias indígenas. Um exemplo de longo alcance foi a estudante Korê, da aldeia Porquinhos, da etnia Kanela do estado do Maranhão. Ela interessou-se pela proposta estruturante do preparatório, e logo conversou com o coordenador geral do PCPF sobre a possibilidade de criar um curso para os indígenas. Assim, surgiu o Pré-indígena Paulo Freire, como mais uma das várias atividades que acontecem nessa pedagogia das periferias.

Apesar da diversidade de atuação do PVCPCF, esta dissertação tem como objetivo pesquisar e se debruçar sobre os caminhos e descaminhos de estudantes negros na Baixada Fluminense. Está dividido, portanto, em três capítulos, além desta introdução. No primeiro capítulo, pequeno percurso da História da educação até o surgimento dos cursos preparatórios e como afloram as possibilidades de sonhos e de vidas transformadas pela educação. No segundo capítulo iremos trazer um pouco do desenvolvimento do que é a Baixada Fluminense no RJ, sobre os territórios de descaso e de falta de oportunidades muitas vezes para a juventude, destacando algumas iniciativas de grupos de pré-vestibular para negros como uma tentativa de mudança dessa territorialidade de sonhos que é negada, bem como a perspectiva de articulação entre fé e vida: Pré-vestibular e movimentos religiosos. No terceiro capítulo iremos apresentar as trajetórias do preparatório comunitário Paulo Freire e os desdobramentos para os alunos na região.

1 UM PEQUENO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO À INVENÇÃO DOS PRÉ-VESTIBULARES

1.1 Um pequeno histórico da educação no Brasil até a emergência dos pré-vestibulares:

Antes de falar da emergência dos Pré-vestibulares, precisamos fazer um breve histórico da educação. Esse projeto educacional e escolar no Brasil se desvela em todas as suas nuances com um reflexo da sociedade desigual que é construída no Brasil. A Educação para a periferia em geral no Brasil é tratada de forma desigual. O afrodescendente e o indígena no Brasil colonial e imperial não poderiam avançar muito no processo de aprendizagem e escolarização, pois a intenção era manter essas pessoas em situação de escravidão e catequização. Por outro lado, é preciso perceber que a educação ocidental não traz tudo para a formação dos sujeitos. Nesse sentido, existe um conhecimento destes povos que são colonizados, os quais são justamente explorados pela riqueza, saberes e técnicas que eles têm. Uma ressalva importante aqui sobre periferia é que periferia é rebeldia, resistência diante daqueles que insistem em manter essas classes que têm baixo poder aquisitivo à margem. A fome que assola o Brasil de Paulo Freire, ou de outrora no período colonial, chega até hoje, quando o Brasil retoma seu lugar no mapa da fome. Como nos aponta Paulo Freire, podemos deduzir a periferia primeiro com esse aspecto da pobreza, e segundo resistência:

Que excelência é essa que, no Nordeste brasileiro, convive com uma exacerbação tal da miséria que parece mais ficção: meninos, meninas, mulheres, homens, disputando com cachorros famintos, tragicamente, animaismente, detritos nos grandes aterros de lixo, na periferia das cidades, para comer. E São Paulo não escapa à experiência dessa miséria. Que excelência é essa que parece não ver meninos barrigudos, comidos de vermes, mulheres desdentadas, aos 30 anos parecendo velhas alquebradas, homens gastos, populações diminuindo de porte. Cinquenta e dois por cento da população do Recife favelada, vítima fácil das intempéries, das doenças que abatem sem dificuldade os corpos enfraquecidos. Que excelência é essa que vem compactuando com o assassinato frio, covarde, de camponeses e camponesas, sem terra, porque lutam pelo direito à sua palavra e a seu trabalho à terra ligado e pelas classes dominantes dos campos espoliado. Que excelência é essa que não se comove com o extermínio de meninas e meninos nos grandes centros urbanos brasileiros; que "proíbe" que 8 milhões populares se escolarizem, que "expulsa" das escolas grande parte das que conseguem entrar e chama a tudo isso "modernidade capitalista. (Freire, 1992, p. 49).

Freire (1992), ainda, destaca seu olhar e envolvimento, ao dizer:

Conheci, nessa época, uma jovem freira norte-americana que trabalhava no Nordeste e que me disse ter entrado algumas vezes no Brasil, no regresso de suas

viagens aos Estados Unidos, com alguns exemplares da Pedagogia, sobre cuja capa original ela punha capas de livros religiosos. Desta forma, amigos seus, que trabalhavam em periferias de cidades nordestinas, puderam ler o livro e discuti-la antes mesmo de sua publicação em português. (Freire, 1992, p. 33)

Para refletir sobre a potência inovadora de Paulo Freire é preciso considerar que a história da educação no Brasil é marcada por muitas desigualdades, desde o período colonial. A educação jesuítica na colônia era somente para filhos dos colonos e alguns indígenas aldeados. Essa educação traz a violência e a negação do outro e também está no contexto da contrarreforma. O sistema educacional é colonizador\evangelizador. Dominar o espírito e as mentes e impedir o livre pensamento:

O que nos leva a consultar fontes religiosas para tal fim é o fato de que, na época, o ato educativo era inseparável da aculturação católica e, quanto a esta, é perceptível que o pregador jesuíta visava convencer os negros de que a escravidão era a única forma de salvação da alma, ou seja, o milagre divino que possibilitaria a transposição da condição de de gentios em cristãos. (Amarílio Ferreira Jr, Marisa Bittar, 2003, p. 43)

Existe a educação do colonizador, a pedagogia do colonizador. A reforma pombalina expulsou a pedagogia da catequese, mas não significou um avanço para os grupos sociais brasileiros, porque tratava-se de criar uma elite. Assim que algumas pessoas abastadas faziam universidade na Europa, existia na colônia brasileira o desinteresse em Universidade:

O Alvará Régio de 1772 procurou reorganizar a universidade de Coimbra, alterando profundamente todos os seus cursos. Porém, não atingindo o Brasil, já que não dispúnhamos de cursos superiores, pois Portugal nunca permitiu a instalação de escolas de ensino superior na colônia. [...]

A Espanha, por sua vez, permitiu desde cedo a criação de universidades. Datam de 1551 as duas primeiras, no México e no Peru, contribuindo, assim, muito mais do que Portugal para a educação superior. Calcula-se que até o fim do período colonial 15.0000 pessoas tenham se diplomado pelas universidades da América espanhola (Fávero, 2000, p. 100)

Mesmo com a reforma educacional e com a proposta de escolas públicas, não tinha como custear os professores e, neste caso, a elite continuava sendo beneficiada, pois o pagamento desses professores, passava a ser responsabilidade dos pais no Brasil do período pombalino. (Uincamp, Histedbr, 2006). Quanto ao período imperial, os não cidadãos já estavam colocados - eram os que não tinham nem terras e nem pessoas escravizadas. Os cidadãos eram, portanto, somente a elite, ou seja, o Brasil imperial é de certa forma continuação do Brasil colonial. Em relação à educação, foi o desafio da gratuidade do ensino que jamais alcançou a todos. A primeira lei de educação no país de 1827 trazia características daquilo que chamamos na atualidade de machismo (pois apontavam as

meninas incapazes intelectualmente). O currículo era diferenciado, supervalorizando os meninos, sem separação por idades e níveis, não existiam escolas, as aulas eram ministradas nas casas dos professores ou dos alunos e os mestres poderiam ter até cem alunos. Além disso, é preciso salientar o professor intelectual negro, Hemetério José dos Santos⁴, que em 1858 lecionava com uma perspectiva para promover uma educação popular, antirracista e pública.

Era garantida a todos os cidadãos, porém as classes populares ficaram limitadas legalmente. O trabalho infantil e a escravidão impediam a cidadania\educação. Os alunos faziam um exame do governo central, após um ciclo de 4 anos para ser certificado ou não. Os meninos poderiam tentar a Universidade de Direito em São Paulo e Olinda, criadas em 1827, já para as meninas restariam somente as primeiras letras, com quantidade menor de matemática, com bordar, costurar e bordar (Agência Senado; Ricardo Westin, 2020). Segundo Dermeval Saviani (2001) a obra de Liberato Barroso, a Instrução Pública no Brasil, publicada em 1867, foi um movimento importante diante da luta social pela obrigatoriedade do ensino. Com base no país que nascia republicano, ainda que sem resolver o seu passado de escravidão e exploração, continuava a deixar a desejar quanto ao quesito educação. O voto do cabresto destes tempos de exploração da terra e muita violência necessitava de um povo analfabeto. O contexto da república trouxe, aos poucos, urbanização, industrialização e novas ideias culturais e políticas, o que acabou influenciando na luta por direitos sociais; foram eles o voto, a educação, dentre outros.

A educação começou a encampar uma movimentação pelo fim do analfabetismo e a Escola Nova é fruto desse otimismo pedagógico. “Para alguns, a Escola Nova, pretendeu promover a pedagogia da existência, superação da pedagogia da essência.” (Santos; Prestes; Vale, 2006, p. 133). O Brasil entra no mundo liberal, o Manifesto, vai trazer a emergência da educação pública, leiga, gratuita, sem distinção de pessoas. Atender a comunidade, regionalidade, formação dos mestres, democracia e liberalismo. Anísio Teixeira é nome forte desta perspectiva filosófica e ele dará nome ao instituto responsável pelo ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que é o INEP⁵ (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). O INEP é essa autarquia que hoje decide os

⁴ Mais sobre o professor Hemetério José dos Santos afrodescendente que em meio ao clima desfavorável da escravidão, mesmo assim lecionou e buscava uma educação para os periféricos disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2020/07/a-historia-do-professor-negro-e-antirracista-que-ensinou-durante-a-escravidao.shtml> . Acesso em: 01 ago. 2024.

⁵ Mais sobre o Inep, disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/helena.html> . Acesso em: 30 out. 2023.

rumos de milhões de jovens do Brasil. A luta pelos direitos não é apenas das instituições e intelectuais, pois os movimentos sociais também se articulam e vão demandar direitos. É desta forma que notamos a imprensa negra sendo instrumento de luta para esses fins, além das irmandades que educavam os afrodescendentes. O relato da imprensa negra, que encontramos no Observatório da Educação Instituto Unibanco é revelador da luta pela educação que está no DNA da periferia:

Na década de 1920, a imprensa negra, por meio da circulação de jornais como O Monelike, O Kosmos, A liberdade, o Clarim da Alvorada, marca a continuidade da luta em defesa do direito à educação da população negra. Os jornais também tinham a função estratégica de informar essa população sobre locais de cursos, centros de formação e alfabetização. (Observatório da Educação Instituto Unibanco).

Até 1930 não havia uma política nacional, e os legisladores oscilavam entre se omitir e negar a educação a população negra. Isso não impediu que em alguns casos a própria comunidade negra buscasse se organizar e criar escolas. Os registros históricos não são completos, mas há referências a iniciativas importantes, como a irmandade de São Benedito, que já a partir de 1821 oferecia aulas públicas para a comunidade negra em São Luís do Maranhão. (Theodoro, 2022, p. 174)

A Frente Negra brasileira (FNB), nascente na década de 1930 e na década de 1940, são uma pequena demonstração da potência deste povo que não está calado, que teima e faz da vida muito mais que uma mera sobrevivência. Na década de 1970 e em plena Ditadura Militar no Brasil, surge o MNU (Movimento Negro Unificado), grupo este que protesta contra os anos de chumbo e dar força para mais à frente alcançarmos a volta da democracia, a possibilidade de uma Constituição mais cidadã, em que o povo seja representado e seja autor desta carta. Depois dessas e outras tantas lutas, o Brasil que queria sair do analfabetismo lá em 1920, não saiu, e foi impedida também as reivindicações dos escola novistas. Depois, o movimento de educação de base, liderado por Paulo Freire, que poderia revolucionar o Brasil, acaba virando pedagogia do exílio. A ditadura teve vários motivos, mas um deles, que é pouco falado, foi justamente o povo ser silenciado, em que as pessoas mais simples não teriam o direito de aprender, logo, continuariam analfabetos. Isso não significa, como já apontamos acima, que os grupos afrodescendentes e indígenas não tivessem seu lugar de saber e memória, de aprendizagem e de ensinamento. A marcha afro culmina com a LDB⁶, Lei 10639, 116346⁷ e a Lei de Cotas⁸.

⁶ Lei de Diretrizes e Bases 1996, atualizada em 2022, disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/600653/LDB_6ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 04 nov. 2023.

⁷ Leis que tornam obrigatório o ensino da cultura afrodescendente e indígena nas escolas.

⁸ Leis de ações afirmativas que surgem na luta e abrem oportunidades para a periferia na universidade e em

Se existe o inesperado acesso à educação desde o nascedouro do Brasil, após muitos embates abertos às oportunidades, seja no Ensino Básico e também no Ensino Superior, os pré-comunitários terão essa possibilidade de os periféricos abraçarem as vagas. Os sindicatos, grupos políticos, setores religiosos vão trazer a alternativa aos grupos privados que são uma barreira para os grupos menos favorecidos economicamente e a alternativa são os pré-vestibulares comunitários. Um dos grupos que vai se destacar nessa missão é o grupo liderado pelo Frei David nos grupos de PVNC's⁹, que trazem a ancestralidade da luta afroindígena. David cria outro grupo, o Educafro, e vários grupos nascem desta inspiração, desde a década de 1990.

O processo de escolarização, por sua vez, com o passar do tempo, cumpre o papel de reproduzir as desigualdades, então, o colonismo não será vencido e sim transformado em colonialidade. A colonialidade do ensino passa por seu processo de exclusão dos povos que, anteriormente, como foi demonstrado acima, não tinham acesso à construção do saber. Coube então, mesmo num ambiente democrático, o disfarce do óbvio, a maioria da população é outsiders:

“Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros Firmemente em seu lugar”. (Elias, Scotson, 2000, p. 22)

Um dos problemas que afeta, gravemente, as classes menos abastadas é justamente o fator financeiro pois, muitas pessoas, mesmo após a universalização do ensino, precisaram optar entre o trabalho pouco qualificado ou um caminho de estudos acadêmicos. A academia sempre se desencontra da periferia. Nessa lógica da sociedade desigual, a escolarização recria situações de opressão e racismo:

Alunos de classe média e alta não se relacionam com colegas vindos de famílias pobres e com estudantes negros, nem mesmo quando estes frequentam instituições escolares públicas em seu próprio bairro. (Theodoro, 2022, p. 171)

Antes de falarmos sobre o Pré vestibular, coube o olhar histórico. Esse olhar histórico evidenciou o processo de desqualificação de indígenas e afrodescendentes no Brasil do colonialismo até a construção da modernidade-colonialidade. Porém, esses

concursos.

⁹ São os grupos de pré vestibulares para negros e carentes que são criados com o intuito de permitir o acesso ao ensino superior daqueles que secularmente foram sempre lançados a margem e a exclusão na sociedade brasileira.

grupos sempre travam suas batalhas. Como foi demonstrado acima, os saberes ancestrais jamais deixaram de se fazer presente no cotidiano destes povos, mesmo sendo aviltados, construíram alternativas como as irmandades e a imprensa negra. Tudo isso culminará mesmo num ambiente desfavorável à construção de possibilidades maiores de passos no campo educacional. A periferia começa a encontrar-se com a Academia. Não foi um mero encontro do nada, esses grupos se reúnem em coletivos de articulação e abrem caminhos para a democracia, as cotas e a cidadania. A busca pelo Ensino Superior irá virar militância. Não é apenas um horizonte que se abre. Há, agora, possibilidades de horizontes.

1.2 Preparatório Comunitário Paulo Freire: surgimento em imagens, proposta, idealização e protagonistas

O PCPF nasce a partir de uma situação muito curiosa. Hoje os pré-vestibulares comunitários trabalham com a tese de evasão escolar. Naquele momento, em 2009, os co-fundadores enfrentaram a falta de pré-vestibular, isso porque a centralidade do bairro do Lote XV é comercial, religiosa, residencial e também de transporte. É um bairro que está próximo a duas grandes Avenidas: Avenida Governador de Moura Brizola e Avenida Joaquim da Costa Lima e Silva, ambas avenidas levam para esse bairro, entre outras ruas e estradas, moradores de bairros de Belford Roxo e Duque de Caxias que são dois municípios da Baixada Fluminense, periferia do Rio de Janeiro, com facilidade para chegar ao bairro do Lote XV. A educação no bairro do Lote XV é centralidade para equipamentos particulares com três instituições. Quanto às escolas públicas, se pensarmos o Centro do Lote XV, temos apenas uma escola pública, que é o Colégio Estadual Sargento Wolff e nenhuma municipal. Essa realidade transcrita demonstra mais sobre o hoje, e não o cenário de 2009. O calçadão do Lote XV, com quatro bancos e uma casa lotérica fez dessa região um importante entreposto comercial, além de ser um entreposto religioso. A entrada do bairro tem timidamente uma das únicas opções de lazer da região, um parque de diversões, e depois passa a ser visto diversos equipamentos religiosos, ao menos cinco de grande porte de religiões cristãs.

Entretanto, a educação não é segundo plano para a população. Historicamente, essa região têm mulheres empreendedoras que desenvolvem a educação popular, como é o exemplo da Dona Geralda, que mesmo analfabeta vai desenvolver a educação comunitária

na região da Baixada Fluminense. Em 1950, segundo relatos orais da localidade¹⁰, ela compra um terreno para sua moradia no Lote XV, bairro que na época pertencia ainda a Nova Iguaçu, periferia do Estado do Rio de Janeiro. Cabe lembrar então que o município de Belford Roxo se emancipa de Nova Iguaçu no dia 3 de abril de 1990.

E em sua própria casa começa a dar aula para crianças, de forma voluntária, o que vai crescer e depois tornar-se uma escola particular com característica comunitária, o Colégio Nossa Senhora das Graças, tinha uma forte ligação com a Igreja Católica, pois Dona Geralda era uma forte liderança comunitária e religiosa no bairro. Dessa forma, damos um salto para os anos próximos de 2009, onde temos na região do Lote XV o pré-vestibular comunitário. Na época, ainda funcionava na região outro pré-vestibular num colégio particular somente aos sábados. Próximo à região, mas não tão próximo, existe ainda o polo da CEDERJ de pré-vestibular, que funciona no CIEP 032, também no formato de apenas um ou dois dias.

Estes espaços não estavam dando vazão para a busca dos jovens. Dois dos co-fundadores, professores negros e engajados com as causas sociais, Julio Cesar Alves Ribeiro e George Ferreira Lau, e que já haviam trabalhado no pré “Inclua-se”, descobriram uma fila de espera em torno de 50 a 60 jovens e, então, nasce nesse momento o que vai motivar os educadores sociais para esse empreendimento de mobilizar capitais sociais e solidários no território. Foi necessário naquele momento se articular com uma rede para além de dois professores, em que surge então professor o Jefferson e o professor Diogo Breda. Esses são os quatro co-fundadores: Julio Cesar Alves Ribeiro, Jefferson, Diogo Breda e George Ferreira Lau, educadores somados e em comum eram professores na época, em 2009, do Colégio Silva Dias, que funcionava bem ao centro do Lote XV.

Todo esse contexto favoreceu a ampliação da rede. Dona Ladimar, na época diretora desta escola particular, compreendeu a proposta, e passou para o projeto um valor simbólico de taxa para ajudar na iluminação, o que permitiu o funcionamento de segunda até sexta serem dados os primeiros passos do então Pré-Vestibular Comunitário Paulo Freire. O projeto no primeiro ano têm pouquíssimos professores e alunos, mas a insistência e os resultados fazem na época cada um componente da equipe entender que o projeto valeria todos os esforços. Os arquitetos daqueles sonhos solidários através da educação não queriam números e sim qualidade no território, o que foi acontecendo para aqueles

¹⁰ Relatos colhidos na Pesquisa feita pelo Museu Vivo do São Bento em parceria com a Paróquia São Simão, o Preparatório Comunitário Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RaBJV31M6hg> Acesso em 30 jul. 2024.

que eram atingidos pela proposta. No primeiro ano do pré vestibular, o projeto teve duas realizações muito significativas do Pedro (que é considerado o aluno número um), e de seu primo Junior que passou para física na UERJ. Pedro passou para Geografia na UFRJ, e hoje está mestrando na UFRJ. É um ícone do que se espera deste projeto, pois ele foi monitor no projeto, e depois ajudou num projeto parecido de pré-vestibular na UFRJ.

O pré ampliou sua estrutura pelos anos de 2012, quando ganhou um caráter mais amplo daquilo que hoje é denominado como Preparatório Comunitário Paulo Freire, pois não ficou preso ao caráter do pré-vestibular, olhou para além. Quando abraçou a experiência do pré-técnico, vivenciado com duas turmas que funcionavam sábado e domingo. O objetivo do pré-técnico muito mais complexo, pois trabalha com adolescentes que estão no 9º ano e buscam vagas em escolas do Ensino Médio através de processos seletivos. São mais de 10 escolas que os alunos podem fazer, pois o sistema não é unificado como o ENEM. Algumas das provas que eles podem fazer: Colégio Pedro II, Faetec, IFRJ, Fiocruz, Sesi, Sesc, Senai, Colégio Militar, Cap Uerj e Cap Ufrj entre outras. É um trabalho que exige também maior articulação com as famílias, pois os candidatos são mais novos para tantas buscas de futuro e as escolas são mais longe. O pré-técnico foi a porta de entrada para os coordenadores entenderem que o projeto poderia ir além do pré-vestibular. Nos próximos anos, vieram grupos de estudo, grupos de apoio online, pré-encceja, pré- militar e pré-indígena. Cabe lembrar que, no ano de 2023, o projeto estava dando suporte para alunos do ensino superior, ou seja, ali tinha uma semente de um pré-acadêmico.

E o nome Paulo Freire de onde veio essa intuição? Os projetos sociais em geral têm nomes e os nomes trazem características do que o projeto quer ser. Os co-fundadores no início queriam isso - um projeto que fosse atender através da educação popular e voluntária um impacto no território. Chegar à universidade era um sonho possível. As adversidades estavam ali colocadas pelas dificuldades impostas pela realidade da educação na periferia; falta de professores, greves, não investimento em educação, sucateamento da educação, não valorização dos professores, toda essa situação vai impactar na qualidade do ensino dos jovens periféricos e que vai criar situações desiguais para fazer os vestibulares, o que ataca, principalmente, a autoestima dos afrodescendentes.

O papel do educador do PCPF está nessa linha, principalmente, de encorajar a juventude para os vestibulares. Nesse sentido, não apenas está na linha do conteúdo, mas também do incentivo e das informações para que os candidatos tenham ferramentas para que possam criar sua autonomia e possam dar passos em direção ao seu futuro. Todos esses elementos os co-fundadores viram na figura de Paulo Freire, alguém que trabalha a

educação popular, a pedagogia da esperança e da autonomia dos empobrecidos. Ou seja, a pedagogia do oprimido foi atualizada naquele território do Lote XV, onde os cofundadores perceberam que a intuição de Paulo Freire, que acreditou que poderia alavancar o Brasil, a partir da educação crítica e consciente, para abrir os olhos e as mentes, permitiria ampliar horizontes e concretizar sonhos de toda gente.

Existe um protagonismo que é relevante destacar, dos jovens Nycolas, Luisinho da PJ¹¹ (Pastoral da Juventude) da Igreja Católica da paróquia São Simão que articularam junto ao padre Bruno e ao professor George a ida do pré Paulo Freire para a Igreja São Simão em 2013. Esse fato foi fundamental, naquele ano os dois prés independentes da Igreja (PCPF e o Inclua-se), mas com a parceria dela, funcionavam no sistema de cessão do espaço. Ano em que a Igreja Católica no Lote XV ajudou o projeto a atingir de forma presencial em torno de 200 jovens estudando para prover um futuro de novas possibilidades. Outros protagonistas vão surgindo e todos são chamados a serem protagonistas e somarem com a essência do PCPF. E, alguns destes protagonistas, serão entrevistados e iremos em breve na dissertação apresentar um pouco como foi falar sobre essas trajetórias motivadoras. A realização de cada um passa a ser um dos elementos que fazem cada dia no território educador ter sentido e continuidade.

1.3 Grupo de Estudos Leonardo: a reinvenção do Projeto Marvin

O grupo de estudos Leonardo é uma iniciativa do Projeto Marvin¹², nasce a partir das dificuldades apresentadas por estudantes da rede pública, residentes do sub-bairro Itapoã, um dos sub-bairros que compõe o bairro Maringá, que está dentro de uma das subprefeituras regionais do Lote XV, que é uma das 5 regiões do município de Belford Roxo. A região do Lote XV foi estimada em torno de 89 mil habitantes, segundo ao Plano

¹¹ A PJ (Pastoral da Juventude) é um órgão da Igreja Católica, ligado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), nas décadas de 1980, 1990 até o início dos anos 2000 era um espaço de uma forte articulação da juventude na luta por direitos sociais, portanto estava para além do aspecto religioso. Nos anos citados acima, alguns jovens ainda atuam com a perspectiva lá das décadas anteriores, mas esse modelo de Igreja mais próxima aos jovens e aos pobres vai dando lugar para uma Igreja dos aspectos religiosos e midiáticos.

¹² O Projeto Marvin, que ano de 2025 completa 20 anos é um coletivo macro-ecumênico cultural, educacional, artístico, cultural e espiritual que nasce na Igreja Imaculada Conceição, Belford Roxo, RJ com o intuito de desenvolver uma cultura de não violência, cidadania e promoção da dignidade no território da Baixada Fluminense. O projeto Marvin tornou-se objeto de pesquisa da PUC-RJ pelo pesquisador Andre Lycurgo (2010). Resumo disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CTCH/TEO/TEO-Andr%C3%A9%20Gustavo%20Dias%20Lycurgo.pdf . Acesso em: 17 jul. 2024.

Municipal de Educação 2015-2025¹³. O Itapoã fica afastado do centro, tanto do Lote XV, quanto de Belford Roxo. Os moradores do Itapoã são vistos como a periferia da periferia, por ser um bairro com muitas dificuldades sociais de abandono. Alguns estudantes do bairro Itapoã, enquanto estavam cursando o 3º ano do ensino médio, frequentavam o preparatório comunitário Paulo Freire no lote XV, pois ainda tinham o passe livre no ônibus e porque estavam com a blusa da escola pública, entretanto, mesmo usando a blusa da escola, esses estudantes passavam pela humilhação de não conseguirem entrar, pois dependem da “boa vontade” do motorista.

Este cenário de humilhação e constrangimento levou esses jovens a pensar, e a articular a possibilidade do PCPF vir para o Itapoã, uma vez que eles não estavam conseguindo se deslocar até ao Lote XV para estudar, por questões econômicas. A permanência deles no curso estava ficando cada vez mais difícil por causa da falta de dinheiro da passagem. A possibilidade de o PCPF ter uma filial neste território agradou muito ao coordenador George Ferreira Lau, um dos co-fundadores do projeto, que logo se identificou com a proposta. Levou aos outros membros da equipe a proposta, que entenderam a importância e a urgência desta iniciativa vir para a periferia ao encontro dos estudantes que são excluídos e invisibilizados por estarem num território onde o tráfico é predominante, e para alguns desses estudantes, pela falta de condições financeira e emocional, acabam abandonando a escola e são captados pelo tráfico, além de seus sonhos serem interrompidos.

Neste território, onde a maioria de seus habitantes são negros e de baixo poder aquisitivo, algumas pessoas vivem em extrema situação de vulnerabilidade social, onde o tráfico recruta crianças, adolescentes, jovens e o que, conseqüentemente, aumenta, assim, o número de evasão escolar e de destruição de destinos. Tornando esses corpos pretos matáveis que viram apenas estatísticas, o Preparatório Comunitário Paulo Freire, conhecendo sua responsabilidade na construção de novas possibilidades, quer sonhar com esses estudantes e propor um outro caminho. Nasce em 2016 o grupo de estudos em homenagem a um jovem de 18 anos que disse não às investidas do poder paralelo e escolhe sonhar que sua vida poderia ser transformada. Ele estava trabalhando muito e sempre que podia participava da Igreja Católica e do pré vestibular e entrar numa Universidade para cursar Direito passou a ser seu objetivo de vida, porém, esse sonho não chegou a se

¹³ Mais disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/203908/belfordroxo_lei1.529_15_planomunicipaldeeducacao.pdf. Acesso em 17 jul. 2024.

concretizar. Leonardo no dia do aniversário de seu pai juntamente com a família foram até uma pizzaria comemorar, entretanto, enquanto estavam festejando, o sonho desse jovem foi interrompido por um infarto fulminante.

Mas seu sonho continua vivo, pois tornou-se coletivo, através desses jovens que querem mudar sua realidade. E, como forma de homenagear a esse jovem estudante, que acreditou que vidas podem ser transformadas e que uma população marginalizada e invisibilizada pode ter sua vez, deram o nome do polo no Itapoã, de “Grupo de Estudos Leonardo”.

O grupo tem como objetivo desenvolver novas formas de pensar a realidade e redimensionando olhares. Revitalizando vida, cujo o olhar geopolítico dessa população periférica são estereotipadas e vistas, para muitos, de forma preconceituosa e discriminatória. A partir da experiência realizada com o grupo de estudos Leonardo, na Comunidade Imaculada Conceição no Itapoã, outras comunidades em contato com o PCPF, passaram a estudar a possibilidade de se abrir mais dois polos do pré. Um deles no espaço cedido na comunidade dos Mártires no Amapá em Duque de Caxias, que deram o nome de Grupo de Estudos Dom Mauro e num outro espaço também da igreja católica no Jardim do Ipê, São João Batista, em Belford Roxo sub-bairro do Lote XV que derão o nome de Grupo de Estudos Dona Edith. O Grupo Dona Edith, homenagem a uma senhora moradora antiga do bairro, líder religiosa e que sofreu muito com a violência do bairro, mas foi sinal de resistência. O Grupo Dona Edith durou apenas 1 ano, trabalhando mais com grupo ENCCEJA. O grupo de Estudos Dom Mauro durou dois anos, trabalhando também com pré-vestibular, mas também com pré enceja. O ENCCEJA é o “provão” que é feito para o término do ensino fundamental e ensino médio para jovens e adultos. Os três grupos de estudo tiveram a parceria com o PCPF. Nasce também a parceria com o pré-vestibular Quilombo do Bomba que funcionava no Museu Vivo do São Bento, este durou também em torno de 2 anos. O único grupo que funciona até hoje, junto ao pólo do Lote XV, é o pólo do grupo Leonardo.

As dificuldades encontradas para trabalhar os grupos de estudos estão ligadas a vários fatores. Existe pouca aderência dos voluntários e até mesmo dos alunos pelo fato dos grupos serem menores, porém, esses grupos trouxeram muitas realizações interessantes. Por exemplo, teve o impacto na vida de uma dezena de jovens que conseguiram passar na prova do ENCCEJA e melhorar inclusive sua situação no mercado de trabalho. Outros, conseguiram chegar à faculdade. E aconteceram, também, vitórias no pré técnico, em que alguns alunos do técnico, que já estudavam com os alunos do pré

vestibular, acabaram sendo beneficiados pelo ensino-aprendizagem que os colocou à frente. Ocorreu também discriminações quanto ao bairro estar localizado em área dominado pelo tráfico e, mesmo após o domínio na região ter acessado, após operações da polícia, mesmo assim, o estigma para as localidades ainda continuam, além do potencial dos jovens, que querem estudar, também continuar no território.

1.4 Outros formatos de participação do Preparatório Paulo Freire: Grupos de Estudo, parceria com escolas e Pré-Indígena

A perspectiva do Preparatório Comunitário Paulo Freire se desenvolve desde sua origem na pedagogia da rede, e isso significa que ele se faz na dinâmica da relação solidária. Um dos co-fundadores, George Ferreira Lau, demonstra isso com os conceitos que utiliza de confluência de Nego Bispo¹⁴ e da Hydra¹⁵, da experiência do Museu Vivo do São Bento¹⁶, que permite trazer as diversas relações que constituem o agir-fazer-ser do projeto, em sua pesquisa de mestrado na FEBF.

O pré-vestibular desde o começo é rede, pois se construiu a partir da articulação solidária da educação popular entre professores, alunos e território. O nascimento do projeto se faz na busca de criar sua identidade a partir daqueles que fazem esse caminho da educação na periferia, educação que começou talvez nos quilombos, nas rodas de resistência da capoeiragem, do samba e irmandades. Tudo isso é fonte para alimentar a pedagogia popular que foi sendo construída.

As várias redes foram se dando entre pré-vestibulares e formando indentidades e parcerias na educação popular através desses encontros: o pré Paulo Freire com pré Inlua-se¹⁷, PVNC, Emancipa, Uneafro e o FPVPRJ. E se estendem aos parceiros em instituições

¹⁴ Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo – é quilombola que recebe uma missão de seus ancestrais de levar por onde passar os saberes do quilombo. E sua perspectiva contra-colonial. Pois ele é um ser não de teoria e sim de trajetória. Ele transita espaços acadêmicos e sociais em torno dos anos de 2015 até 2023 (ano de sua morte). Sua perspectiva traz conceitos importantes para a construção e o ser de cada pessoa da periferia.

¹⁵ Na tese de Mestrado George Ferreira Lau (2023) a Hydra surge como um conceito da tecnologia e da episteme da periferia. É referência ressignificada do monstro grego, que perde a cabeça mas nascem várias. A Hydra para esse estudo é a potencialidade quilombola que lutou em períodos coloniais na Baixada Fluminense. E hoje ganha novos atores, pois os movimentos sociais e educacionais e até pessoas podem trazer essa potência que é a Hydra. Nesse sentido é luta por liberdade sendo antirracista e decolonial.

¹⁶ O MVSB é o Museu Vivo do São Bento, é o museu decolonial. Ele esta na Baixada Fluminense sendo um novo alimento e fonte para a periferia. No MVSB encontramos as conchas que traz a ancestralidade do povo sambaqui. Lugar onde acontece a museologia social. E as trajetórias coletivas e individuais emolduram teias de conhecimento e rede de saberes: do Nego Bispo, das Hydras, das conchas, e dos pés da trajetória dos jovens afrodescendentes do pré vestibular.

¹⁷ O Pré Vestibular Comunitário Inlua-se nasce em 2002 em Belford Roxo, funcionou no bairro do Vale do Ipê. Depois de alguns anos foi para o bairro, Outeiro, em parceria com a Calvinrio (ong que acolhia menores). E nos

de educação – escolas públicas, Museu Vivo do São Bento, FEBF e Fórum Ubuntu (grupo de educação e luta antirracista).

As demandas em torno da parceria com as instituições escolares se deram principalmente com as Escolas Públicas. O perfil dos candidatos do pré-vestibular são esses, em sua maioria, alunos oriundos de escolas públicas com baixo poder aquisitivo e afrodescendentes. Algumas escolas públicas divulgam o projeto ou indicam alunos e professores para fazer parte dessa educação popular. O espaço estudantil permite o dialogar com grêmios estudantis, rodas de conversa para incentivar os alunos para o ENEM e UERJ. Essas rodas em 2024 aconteceram nas seguintes escolas: CIEP 089, CIEP 348, CIEP 032, Colégio Estadual Marcílio Dias, Colégio Estadual Sargento Wolff e Colégio Estadual Parque Amorim. Diálogos do Pré Vestibular com as Escolas Públicas que é muito importante.

Logo, essas rodas de conversa, promovidas pelo pré-vestibular Paulo Freire, atuam de forma a tentar combater essas complexas situações que atrofiam futuros sonhos. Os alunos são convidados a entender, em um curto tempo, como funcionam os vestibulares, isenção, cotas, formas de correção das provas, organização de cronograma e planejamento, além de algo fundamental: a competência socioemocional. O socioemocional é uma área onde as potencialidades dos alunos são reveladas, de forma que entendam que é possível criar uma prática de estudos, controlar ansiedade, medo e desânimo e encorajar-se como verdadeiros candidatos comprometidos com seu futuro, coletividade e o território.

As escolas são parceiros de primeira hora. São escolas públicas, com projetos e professores que buscam ser o diferencial nos territórios marcados para não avançarem. Da mesma forma que os corpos pretos são marcados para a morte, nesses territórios existem situações de um racismo estrutural que impedem a transposição de melhores condições de vida e de direitos. Porém, existem corpos de professores, isoladamente ou de forma colegiada, que insistem em fazer a revolução silenciosa através da educação. Essas escolas apresentam PPP (Plano Político Pedagógico) que tem uma maior correspondência com a juventude. Escolas como o CIEP 201 Aarão Steinbruch¹⁸, que traz uma potencialidade por

seus últimos o projeto Inclua-se entrou em parceria com a Igreja Católica São Simão, imóvel cedido. Era um projeto independente da igreja e funcionava em parceria. O objetivo era preparar os estudantes da região para enfrentar os vestibulares e tentar chegar às universidades públicas. Em torno do ano 2012 o projeto terminou após 15 anos de ação de educação popular e de ter deixado um legado importante na região de jovens que alcançaram a universidade. Foram importantes parceiros do Pré Paulo Freire.

¹⁸ O Ciep 201 vai ser destaque de um programa sobre educação no programa Desafio por um dia com Fábio Porchat e Noemia Oliveira, 2022, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N5WcIX7BE5M&t=2s>. Acesso em: 01 ago. 2024.

meio do Projeto Africanidades¹⁹ e do Abril Indígena. Neste projeto os alunos encontram-se consigo mesmo e abraçam sua ancestralidade e suas potencialidades. O território começa a ser habitado, e a boniteza da educação como tanto sonhou Paulo Freire começa a acontecer. Os alunos debatem, através de rodas de conversa, com temáticas propositivas diante da educação antirracista, valorização das cotas, acesso às universidades públicas, entre outros. Tudo isso podemos sintetizar na atual ação do Ciep 201, com a peça “Isso aqui é século XXI, rapá!” Essa peça traz uma série destes elementos, inclusive um que destacamos, que é o fato de ter alguns alunos que são ao mesmo tempo da peça do Africanidades e do Preparatório Comunitário Paulo Freire.

Pensamos que podemos abrir esse espaço com um pouco da trajetória da voz indígena, voz urgente para o mundo diante dos impactos climáticos. O projeto do pré indígena em três anos de funcionamento online (2022, 2023 e 2024) têm alguns êxitos, entretanto, ainda é cedo para debruçar sobre o assunto, merece um tempo a mais de maturação. Ousamos, então, nesta parte da reflexão, trazer o relato de Kore, jovem indígena na academia, cujo papel é fundamental no alargar o pensar e agir da educação na periferia. Para escutar as vozes indígenas sobre esse projeto, trouxemos aqui a acadêmica da etnia Canela, Korêkwyj Kanela, que chamaremos aqui de Kore. Ela está fazendo o curso de Licenciatura em Educação do Campo pela UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro):

Não tem igual em outras ‘escolas normais’ têm. Os planos de aula e tudo mais, acredito que não seja tão organizado essas aulas e muitos alunos não sabem ler direito e nem escrever. Tem crianças de 12 anos que não sabe o A-E-I-O-U. Essas pessoas não tem oportunidades para ingressar dentro da universidade por causa dessa condição de não ler nem escrever direito. E ai eu vi no Paulo Freire uma oportunidade dessas pessoas estarem estudando online já que é tão longe a aldeia. Muitas aldeias ficam afastadas. Não tem como eles irem para a cidade estudar. Houve uma oportunidade de eles estudarem online. Para estar se preparando para o vestibular. Até mesmo para estar assistindo aula e aprender. Não só pelo vestibular.” (Kore, entrevista, 2023).

¹⁹ O Projeto Africanidades do Ciep 201, apresenta uma crescente como local de pesquisa, tornando-se uma potência territorial cultural. Mais sobre o assunto, é demonstrado sobre o projeto que é objeto de pesquisa na dissertação de doutorado, “A importância do projeto africanidades como possibilidade “outra” no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP 201), 2021” de Julio Cesar Araujo dos Santos, professor negro engajado nas causas educacionais e raciais, disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/bitstream/jspui/6570/2/2021%20-%20Julio%20Cesar%20Araujo%20dos%20Santos.pdf> Acesso em: 01 ago. 2024. Outro professor negro e atuante no Projeto Africanidades até a data atual, o professor Helio Lucio dos Reis Ventura que em sua dissertação de mestrado na CEFET, desenvolve “Afrocinemusicalidade: Perspectivas de uma ação didático-pedagógica-indentitária no Ensino Médio, 2021”, disponível em: https://dipgg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/160_Helio%20Lucio%20dos%20Reis%20Ventura.pdf Acesso em: 01 ago. 2024. E ainda em fase de construção, mas também como objeto de pesquisa na dissertação de mestrado na FEBF\UERJ, segue o Ciep 201 e o Africanidades com o professor Cristiano Campos Azeredo que é membro deste coletivo educativo inovador e pesquisador.

Diante do questionamento que fizemos quanto ao significado do pré indígena para Kore e para a aldeia, veio a seguinte resposta:

“Então é muito importante para mim e com certeza para aqueles que querem realmente estudar. Que entendem o significado. Que entendem a importância do curso. Porque não é todos que entendem. As pessoas encontram também uma dificuldade em estudar a distância. Por causa das matérias eles não compreendem o que o professor está falando. Muitas palavras do português eles não entendem o que significa. Por conta da língua materna (...) que eles estão mais acostumados na língua materna. Então tem muitos significados da língua portuguesa, algumas palavras eles não entendem o que aquilo ali significa. Então eles encontram uma dificuldade em entender o que o professor está falando. Não tem uma pessoa para ajudar. Então isso dificulta e desanima muitos também. Mas para mim é muito importante porque eu também estudei num pré vestibular antes de entrar para a universidade, não foi o Paulo Freire, mas foi outro pré vestibular lá da Rocinha, o Só Cria 14. E esse pré vestibular me ajudou muito. Eu entrei para a Rural através desse projeto. Estudei lá. Eu tive muito apoio dos professores. Quando eu descobri que eu ia fazer esse processo seletivo. Eu tive aulas particulares. Muitos professores pagaram minha passagem para ir para casa deles, para ir estudar com eles. Me davam aula de reforço. Então foi muito importante. É muito importante para a gente esses projetos. Com certeza são muito importantes.” (Kore, entrevista, 2023).

A fala de Kore nos remete ao 1º indígena e ativista na ABL (Academia Brasileira de Letras), Ailton Krenak²⁰, cidadão e educador do mundo, além da líder e escritora Eliane Potiguara²¹ e o intelectual e artista indígena Daniel Manduruku²²:

É no campo da educação que você começa a fabricar o sujeito, a construir a pessoa. No caso das sociedades tradicionais de oralidade, a pessoa começa a ser constituída lá atrás, no sonho, antes de estar na barriga da mãe. Muitas dessas pessoas são sonhadas, e quando a mãe começa a gestar uma criança, a família, o coletivo já sabe que aquele menino ou menina veio, quem está vindo. Diferentes tradições sabem que é um velho que está vindo. Quando o menino nasce já sabem olhar ele e falar: “Esse é fulano, esse é ciclano”. (Krenak por Silva: Revista Periferias online)

A elite e o poder ao emitirem tais conceitos violentam o ser humano. Atribuem à massa a falta de educação, quando essa elite não lhe permite a educação. Assim se dá quando se referem também às suas atividades. (Potiguara, 1989)

Eu sou educador de formação. Eu tenho que espelhar uma espécie de esperança, tenho que oferecer uma esperança. A literatura me caiu no colo como uma maneira de fazer isso de uma forma mais doce, mais poética, mais tranquila. Ao invés de irmos para o embate étnico ou a guerra, a literatura permite que a gente

²⁰ Mais disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/>. Acesso em 17 jul. 2024.

²¹ Mais disponível em: <https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/lemad-dh-usp-a-terra-%C3%A9-a-m%C3%A3e-do-%C3%ADndio.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.

²² Mais disponível em: <https://univ-sorbonne-nouvelle.hal.science/hal-01494922v1/file/Daniel%20Munduruku%2018-05-2016.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024

ofereça para as crianças e jovens a possibilidade de elas olharem para a diversidade e viverem a diversidade no seu cotidiano. A literatura é um instrumento maravilhoso para isso, na minha vida de escritor e militante. (Manduruku, Entrevista online, 2016).

2 INICIATIVAS DE GRUPOS DE PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS

2.1 Uma reflexão teórica

Para falarmos sobre o Pré-vestibular, coube o olhar histórico de algumas experiências e reflexões sobre as iniciativas de pré-vestibulares. Esse olhar histórico evidenciou o processo de desqualificação de indígenas, negros e pobres no Brasil. Segundo Quijano (2005), a modernidade criou um sistema mundo e, nesse sistema mundo, as identidades foram criadas, a princípio, partindo da diferença fenotípica existente entre o colonizador europeu e os habitantes das Américas. Cabe ressaltar, que estamos falando da Europa Ocidental, em que nasceu com a colonização das Américas.

Para Quijano (2005) a globalização também nasceu do empreendimento das grandes navegações que, como consequência, trouxe os Portugueses, Espanhóis, Franceses e Ingleses para as Américas. Aqui houve uma redefinição de identidades. O fenótipo europeu Ocidental foi valorizado, enquanto, dos povos que habitavam as Américas, foi inferiorizado. As suas diferenças culturais foram apagadas, eles agora eram somente indígenas, ainda que seu tronco linguístico e História fossem diversos, eles foram homogeneizados, sob um único nome: indígenas. Ainda dialogamos com Quijano (2005) para compreender como o racismo entrou nas relações de trabalho. Os indivíduos africanos introduzidos como força de trabalho, também foram homogeneizados e inferiorizados. Embora viessem de diferentes lugares da África, com grande diversidade cultural, eles passaram a ser apenas negros.

O fenótipo usado para diferenciar e desqualificar tinha um objetivo: o controle da força de trabalho, do mercado, da produção e também do lucro, pois o capitalismo já se encontrava em sua forma embrionária. A colonialidade do poder estava estabelecida e ela permanece até a contemporaneidade, criando as áreas centrais e as áreas periféricas pelo mundo. Mesmo o Brasil dentro do sistema capitalista, ele também possui áreas centrais, com grandes investimentos públicos e privados. Logo, esse país também possui áreas periféricas. A Baixada Fluminense é considerada periferia da cidade do Rio de Janeiro; Belford Roxo é uma das cidades que formam o conjunto que, popularmente, chamamos de Baixada Fluminense, o disfarce do óbvio, a

maioria da população é Outsiders²³. Considero “Outsiders do próprio território” a parte da população que vive excluída, à margem do centro. Essa camada da população é considerada por muitos apenas mão de obra barata. Esse povo da periferia é considerado inferior, mas não é verdade que eles sejam isso na prática e muito menos se contentam com essas imposições.

Se pensar o Rio de Janeiro como um dos Estados mais ricos do país, com muitos equipamentos culturais, esportivos, educacionais, porém que não atendem a todos. Logo, existe um Rio de Janeiro do cartão postal e existem as margens: o subúrbio, as favelas, o interior, e a Baixada Fluminense. A Baixada Fluminense é Outsider em relação ao Rio de Janeiro, em relação às elites.

Os moradores das periferias são os “de fora”, ou seja - Outsiders -, pois não cabem dentro do projeto capitalista-moderno-progresso. Nesse sentido, os periféricos oriundos de pré-vestibulares não querem estar dentro deste projeto “vencedor” pois, por uma questão de sobrevivência, precisam fazer o movimento para a vida e a Universidade é um desses caminhos. Contudo, o que almejam pode ser que seja muito mais que estar dentro, ou seja, ser os de dentro. Não, basta! E seria a pedagogia da insuficiência que seria demonstrada. A periferia quer mais. Por isso, onde alguém da periferia está, lá também está a periferia – é algo intrínseco, está dentro dela querendo sempre mudança.

Por meio dos cursos preparatórios a periferia começa a se encontrar com o Centro e com a Academia. Não foi um mero encanto do nada, esses grupos se reúnem em coletivos de articulação e abrem caminhos para a democracia. As Ações Afirmativas reivindicavam acesso ao Ensino Superior, ampliando o exercício da cidadania. A busca pelo Ensino Superior transformou-se em militância e vigilância, não é apenas um horizonte que se abre, há, agora, possibilidade de horizonte.

2.2 Pré-vestibulares como horizontes: a perspectiva do popular

O Pré-vestibular comunitário segundo um dos cofundadores do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), Alexandre Nascimento, na entrevista feita para essa pesquisa em 2023 relata e problematiza o que é o pré-vestibular e suas relações com o ENEM:

²³ A Revolução Industrial cria separações no mundo Inglês e por onde perpassa. Analisando essa questão Norbert Elias e John L. Scotson na obra “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade”, vão utilizar esses conceitos para falar das desigualdades sociais provocadas por este mundo industrial-capitalista.

Pré vestibular comunitário de uma maneira geral, mais comum é ligada a essa ideia de comunidade que normalmente é de um território mais pobre, de pessoas mais pobres. E o Pré-vestibular comunitário ele é ligado a ideia de um pré vestibular social. Um trabalho social de ajuda, de apoio a pessoas pobres e, nesse caso, de apoio a pessoas pobres para potencializar as suas chances de poder entrar na universidade através dos exames. Através do ENEM ou do exame vestibular das universidades que ainda tem vestibular e não usam o ENEM. Então, essa denominação se popularizou; quando se fala em pré vestibular comunitário, está falando desse tipo de trabalho, de cursos pré vestibulares que são organizados sem a ideia de lucro, sem a ideia comercial. Então, são organizações de apoio aos estudantes mais pobres para potencializar suas possibilidades de entrada na universidade. (Nascimento, entrevista em 2023).

Num segundo momento, Alexandre nos apresenta o quanto essa construção do pré-vestibular comunitário é calcada no universo religioso, até mesmo devido à possível liderança do Frei David e também o universo de lutas sociais que estavam mais presentes em setores da Igreja Católica, então, ele apresenta o quanto seria necessário avançar diante da identidade destes espaços de aprendizagem que em seu agir é popular:

É também uma denominação muito ligada à tradição católica, e aí eu já entro na questão por exemplo do PVNC e de outros prés. No PVNC quando nós criamos, a ala católica, ligada à Igreja Católica Frei David, usava-se muito essa denominação - pré vestibular comunitário - para se referir ao PVNC. Eu sempre usei a denominação de pré vestibular popular. Porque eu entendo que há aí uma diferença. Porque eu não trabalho com a ideia de comunidade me referindo aos pobres. Então pode haver uma comunidade que não seja pobre. Então, por exemplo, se o condomínio da Barra da Tijuca ou de Ipanema resolver fazer um pré vestibular para seus moradores jovens eu entendo que esse pré vestibular pode ser, pode ter uma conotação de comunitário. Se, por exemplo, aquele condomínio se organizar com professores, para oferecer ali aos seus jovens. Então, ao meu ver, tem uma conotação comunitária. (Nascimento, entrevista em 2023).

O conceito de popular, na dinâmica da educação popular, propõe algo mais amplo aos grupos de pré-vestibulares. Pois o papel não está somente em instrumentalizar para o vestibular, a proposta é mais ampla para os grupos periféricos, tanto pelas demandas sociais, que são diversas nesses territórios, mas também pelas potencialidades que essas pessoas têm. Então, o popular abrange e alarga para percebemos as dimensões e possibilidades artísticas, culturais, econômicas do território.

Já o pré vestibular popular embute um projeto político. Uma ideia de transformação, uma ideia de mudança. Então, o pré vestibular popular trabalha com uma ideia de mudança social, de mobilidade social de pessoas mais pobres. E de acesso a essas pessoas a um espaço que é considerado um espaço de prestígio, um espaço de status na sociedade que é a universidade. Então eu trabalho com essa ideia de pré vestibular popular que ao meu ver essa denominação embute um projeto político de mudança social e transformação. Seja transformação na vida de pessoas e famílias, seja

transformação na instituição universitária. Ou até vislumbrando, de forma mais ampla, uma espécie de participação num processo de mudança social mais amplo em que outros movimentos sociais atuam. Então, atuam no campo. Atuam nas demandas dos trabalhadores, o movimento negro, o movimento de mulheres, o movimento de favelas. Então, me parece, são pré vestibulares populares. Inclusive na minha, no meu trabalho de dissertação de mestrado eu identifiquei isso como um aspecto original, que foi justamente o conceito de pré vestibular popular que acabei forjando lá na dissertação.

(...) E para outras pessoas há diferenças, pré vestibular comunitário, pré vestibular social – quando é uma denominação digamos mais institucional, ou seja, de uma instituição que oferece um pré vestibular para pessoas que não podem pagar, como o Cederj faz. Que é uma política um curso público do Cederj pré vestibular social. Isso pode ser de uma Ong, de uma empresa que oferece para uma determinada comunidade, o próprio território em que ela atua. E o pré vestibular popular que é isso que te falei né, embute a ideia de um projeto de mudança, de transformação. E além disso a ideia de pré vestibular popular não é só uma coisa que se encerra no pré vestibular. Você pega as pessoas pobres e as instrumentaliza para elas fazerem a prova. (Nascimento, entrevista em 2023).

Em outro relato em 2023, observamos a inserção muito forte na educação e na articulação do movimento negro no Fórum Ubuntu: “Sou, porque somos”, esse movimento nasce em meio a pandemia, em abril de 2020. O primeiro encontro aconteceu no município de Paracambi, mobilizado pelo Professor Doutor Amauri Mendes Pereira no movimento dos 21 dias contra o Racismo. Essa citação do professor e pesquisador e cofundador do PVNC, Alexandre do Nascimento é fundamental para entendermos o que é um Pré-vestibular comunitário e popular, além de também reivindicarmos com ele essa característica popular desses projetos. Nesse campo de construção dos pré-vestibulares comunitários existe uma disputa pelos conceitos, pois sua denominação vai apontar o norte desses movimentos. O Fórum Ubuntu começou a realizar uma série de aulas públicas em parceria com o Preparatório Comunitário Paulo Freire, no calçadão do Lote XV, em Belford Roxo - RJ, dimensionando o papel desses projetos quanto ao objetivo a se alcançar, pois não é somente o vestibular, a cidadania se faz nessas ruas através da educação antirracista e a roda de conversa aberta na praça pública, atividade realizada, em maio de 2024.

O PVNC, então, tem sua inserção forte nos movimentos negros. O grupo se divide após os anos 2000 e surge a EDUCAFRO. Alexandre permanece no grupo do PVNC e o Frei David funda a EDUCAFRO. Os projetos transitam entre esses nomes: populares, comunitários, pré-afros que buscam, contudo, o mesmo: a inserção dos periféricos nos espaços de ensino onde não são bem vistos e nem esperados, pois os favelados com diploma trazem o pânico para os ultraconservadores.

Segundo Nagamatsu (2022) que foi professora do pré-vestibular social do Centro de

Ciências do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ)²⁴ e que pesquisou pré-vestibulares em sua dissertação de mestrado, o pré-vestibular “É um curso preparatório que tem como objetivo auxiliar estudantes de baixa renda a ingressar no ensino superior” (NAGAMATSU, 2022, p. 5). A autora dessa pesquisa é professora e tem um interessante trabalho com Redação para o ENEM desenvolvido em Belford Roxo. O pré-vestibular social da Cederj, por sua vez, é uma outra realidade; são vários polos nos municípios do Estado, com vagas online e presencial. Porém, aparentemente prestam um serviço importante, mas não tem a demanda de compromisso que os pré-comunitários e populares têm com a transformação da periferia.

Recorremos também aos indivíduos que fazem parte do movimento social, para apresentar uma definição de curso Preparatório. Dessa forma, ao entrevistar Taynara de Oliveira Roberto, liderança negra em Mesquita, ela apresentou a definição no Fórum de pré-vestibulares populares do Rio de Janeiro.

Um pré-vestibular comunitário constitui uma iniciativa pedagógica voltada para o ensino preparatório de estudantes que almejam ingressar no ensino superior, especialmente em universidades públicas, e provêm de comunidades economicamente desfavorecidas. Caracteriza-se por sua natureza solidária e sem fins lucrativos, recorrendo frequentemente à mobilização de voluntários e instituições locais para prover educação de qualidade a um público que enfrenta barreiras socioeconômicas à educação. A oferta de aulas gratuitas ou a preços simbólicos, materiais didáticos, e suporte pedagógico configura-se como mecanismos-chave nessa estrutura, viabilizando o acesso e a preparação desses estudantes para exames vestibulares. Dessa maneira, essas iniciativas desempenham um papel essencial na mitigação das desigualdades educacionais (Taynara de Oliveira Roberto, 02 nov.2023).

Cassios Clay tem uma militância muito forte na Baixada Fluminense, é uma liderança jovem bem articulada e membro do Fórum de pré-vestibulares populares do Estado do Rio de Janeiro, coordenador do PVP – Bom Pastor (Pré-vestibular popular de Bom Pastor). Sempre teve espírito de liderança. Já se reunia com amigos em grupo de estudo antes do pré vestibular, e isso somente cresceu quando chegou ao curso. Ele é uma liderança engajada – tem uma atuação nos conselhos de direito²⁵ (igualdade racial), é oriundo de uma região que é considerada área de risco em Belford Roxo, filho único nascido aqui na cidade em 06/10/2001 e sempre neste território. Sua avó veio de uma cidade do interior do Rio de Janeiro, próxima de Minas Gerais e as adversidades vividas tornaram esse jovem mais forte nos embates. Recorremos a

²⁴ No Estado do Rio de Janeiro existe a Cederj que é Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro é um consórcio que reúne instituições públicas (CEFET, UENF, UERJ, UFRJ, UFF, UFRRJ e UNIRIO) nos municípios abrindo mais oportunidades de Ensino Superior no sistema semipresencial. Existe também o pré vestibular da Cederj que prepara os alunos para os vestibulares.

²⁵ Conselhos de Direitos – os conselhos de direitos são uma conquista da Constituição Federal de 1988, tendo participação em igualdade de conselhos do governo e da sociedade civil. O papel dos conselhos é para maior participação cidadã na formação e supervisão de políticas públicas.

mais uma voz da periferia afro da Baixada, através de Cássios Clay Oliveira Gomes:

Bom me chamo Cassius Clay e atualmente sou coordenador do PVP 1 Bom Pastor, que é um pré vestibular popular de caráter comunitário. Localizado aqui no bairro do Bom Pastor em Belford Roxo perto da favela do Gogó da Ema. Bom, minha trajetória se inicia com essa perspectiva da educação popular-comunitária a partir do momento que eu entro enquanto aluno, enquanto estudante do pré vestibular popular do Bom Pastor. Então eu entro como estudante lá. Passou na universidade da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) que é uma universidade pioneira de cotas. Então eu passo enquanto cotista para estudar pedagogia na UERJ. E retorno ao pré vestibular para poder atuar enquanto coordenador e professor educador do projeto. Que é um projeto comunitário popular. E um pré vestibular comunitário geralmente é um pré vestibular com um preço bem em conta ou totalmente gratuito. E ele é um empreendedorismo social. Que infelizmente a nossa sociedade passa por diversas desigualdades e uma dessas desigualdades é da área de educação. E um pré comunitário ele se insere para poder ajudar a melhorar, ajudar a combater esse problema. E nesse sentido um pré vestibular comunitário ele nasce com esse intuito né de elevar a educação do território. Mas não só uma educação conteudista e sim uma educação de formação humana, de formação social\cidadã para que este estudante que ali entre, que dali participe não seja uma pessoa constituída por tábula rasa (Entrevista Cassios Clay Oliveira Gomes, 2023).

Entendemos que esse movimento possui muitas ramificações. Dessa forma, para compreendermos o nosso objeto, encontramos no conteúdo da entrevista de Vanessa Vicente Ferreira elementos importantes para traçar uma análise macro da rede de cursos preparatórios para negros e carentes, até chegar ao Preparatório Paulo Freire, no Lote XV, Belford Roxo. A Vanessa é também uma importante militante negra em Belford Roxo, sua atuação neste ano de 2024 é de desenvolvimento no espaço da Quilombel, em Belford Roxo, um novo pré-vestibular que articula também outras atividades ligadas a Uneafro e a identidade afro na Baixada:

Então a Uneafro é um movimento. Movimento negro educacional. É um grande guarda-chuva. Aí tem cursinho lá em São Paulo aqui no Rio, articulação indígena e quilombola que se adere ao movimento. Mas tem autonomia. Quando o pré vestibular, alguma articulação, alguma parte de educação querem aderir ao movimento, a gente entende que se tem o nosso posicionamento tem nossas premissas e casam tudo e a gente acaba somando as forças ali enquanto movimento. Então um movimento que não tem somente a frente enquanto educação, mas incidência política, assistência jurídica, cultura e outras coisas [...] mas fica fazendo parte do movimento social que a Uneafro Brasil. Por isso que o pré vestibular Bom Pastor é um pré-vestibular que faz parte da Uneafro. Nica (Núcleo Independente e Comunitário de Aprendizagem) do Jacarezinho também é um pré-vestibular que faz parte da Uneafro tanto Campo Grande, o Margarida Alves, e o PVCMM que é Mesquita agora. E a gente tem também um agora em Angra dos Reis que faz parte da Uneafro. No Rio somos cinco (Entrevista de Vanessa Vicente Ferreira, 2023).

O relato de Vanessa Vicente Ferreira nos demonstra o quanto os pré-vestibulares são entrelaçados como uma demanda da população afrodescendente, pois são esses grupos que historicamente tem tudo negado, que buscam se refazer através da educação. É um caminho de

articulação, busca de identidades, luta antirracista e de promoção humana. Esse fazer de educação popular permite articular a cidadania, cultura e existência destes povos que sentem em si que é necessário fazer algo. Esse fazer periférico acaba engendrando diversas camadas de ações possíveis, mesmo que, às vezes, desconexas em diversas áreas. Aqui em nossa pesquisa cabe destacar no campo da educação popular. Nesse sentido, no Brasil, a educação popular precisa intimamente ser antirracista. Lourrane Cardoso dos Santos é articuladora do Fórum de Pré-Vestibulares Populares do Rio de Janeiro (FPVPRJ). O FPVPRJ tem cento e trinta pré-vestibulares associados. Recorremos a ela, para compreender a relação existente entre o conceito inicial apresentado por Alexandre Nascimento (que defende o conceito de pré-popular, pois teria um alargamento e um comprometimento social) e a sua evolução:

Pré-vestibular comunitário, social ou popular é um espaço com características de educação como não formal, não tradicional, que visa preparar estudantes. Em sua maioria oriundos de escola pública ou oriundos de classe social mais pobre/periférica para entrar na universidade. Tendo em vista que as escolas públicas, infelizmente, diante do desmonte da educação pública como um todo não fornece esse preparatório para que esses pré-vestibulandos se preparem para encarar o vestibular das universidades como ENEM, UERJ ou PUC. É um espaço formativo para preparar esses estudantes. E para além disso é um espaço de acolhimento, de troca. Onde não se foca apenas na preparação dos estudantes para entrar na universidade, mas também para encarar diversos outros problemas ou situações que a vida impõe. Então, de acordo e seguindo a ótica de Paulo Freire é além de um espaço que forma para a educação tradicional. (...) Enxergo o pré vestibular comunitário como um espaço múltiplo diverso multidisciplinar que muitas das vezes extrapola a barreira. Na maioria das vezes extrapola a barreira da educação conteudista para também uma educação que engloba o acolhimento em relação a vida global dos estudantes (Entrevista de Lourrane Cardoso dos Santos, 2023)

E sobre o FPVPRJ²⁶ Lourrane complementa:

O FPVPRJ é uma frente de educação popular e surgiu no ano de 2018 oficialmente a partir do 2º seminário de educação popular realizado na PUC-Rio aonde os Pré-vestibulares que participaram deste encontro assinaram uma carta-compromisso para construção do fórum enquanto uma frente de educação popular e além disso com o compromisso de realizar atividades formativas e também realizar anualmente o seminário de educação popular. Que hoje se encontra indo para a sua 7ª edição, totalizando cinco anos de fórum de Pré-vestibulares populares. É um espaço horizontal democrático anticapitalista que possui uma carta de princípios, com o qual nos guiamos. E também é um espaço múltiplo diverso onde Pré-vestibulares que são

²⁶ Fórum de Prés-Vestibulares Populares do Rio de Janeiro. O FPVPRJ nasce em 2017 com o objetivo de ser um elo de comunicação, fortalecimento, articulação e formação dos prés vestibulares comunitários do Rio de Janeiro. Eles buscam políticas públicas pela educação popular e pelo acesso ao Ensino Superior. Mais disponível em: <https://www.fpvprj.org/o-forum>. Acesso em: 12 jul. 2024. Encontrar mais também na Dissertação de Mestrado de Alex Luiz de Oliveira intitulada: “O fórum de pré-vestibulares populares no Rio de Janeiro e suas concepções sobre formação de estudantes das classes subalternas”. É possível também encontrar maiores informações na tese de mestrado de Angela Cristina da Silva Santos, que vai mapear os prés comunitários do Estado do RJ, que dará suporte ao trabalho de parceria com a Fiocruz: "Pensando estratégias para o enfrentamento da evasão em pré-vestibulares populares: um estudo de caso na Maré – Rio de Janeiro/RJ", defendida em 2020).

pré vestibulares independentes. Podem se encontrar, realizar troca de experiência bem como organizar a luta da educação popular ali naquele espaço (Lourrane Cardoso dos Santos, 2023)

Neste momento, após essa citação, da experiência de mais uma liderança, somos lançados ao encontro de hooks²⁷ (2013) com os textos-prática de Paulo Freire:

Quando entrei na faculdade, o pensamento de Freire me deu o apoio de que eu precisava para desafiar o sistema da “educação bancária”, abordagem baseada na noção de que tudo os alunos precisam fazer é consumir a informação do professor e ser capazes de memorizá-la e armazená-la. Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que o que ele chamava de “conscientização” na sala de aula (hooks, 2013, p. 26)

Neste momento, após essa citação, da experiência de mais uma liderança, somos lançados ao encontro de hooks (2013) com os textos-prática de Paulo Freire. Os pré-vestibulares comunitários e sociais, em geral os projetos educacionais, culturais e sociais mergulhados na periferia precisam ter esse compromisso, pois uma verdade com os sonhos precisa impulsionar as utopias periféricas. E, além disso, é necessário conscientizar e libertar, assim como hooks demonstra a potencialidade da educação, não como sistema de adequação e massificação das mentes, pessoas e corpos, mas na libertação que esses nos lançam também para perceber a urgência da educação nesse presente ligado a Freire.

Paulo Freire busca em sua prática e teoria encontrar os oprimidos e, com eles, busca estratégias para superação de uma sociedade de opressão. Da mesma forma, o pré-vestibular Paulo Freire nasce desse encontro da proposta dos professores com a necessidade e eco local que buscam se emancipar através da educação de nível superior. hooks (2013) nos interliga para esse chão da sala de aula que precisa ser sempre modificado, do chão da educação que pode ser lugar de transformação e fonte de novas vidas.

Pré-Popular x Pré-Comunitário x Pré-Social: o nome pode parecer indiferente, mas ele configura uma identidade. Nesse sentido, quando os grupos estavam se construindo como pré-vestibulares comunitários para negros e carentes, é provável que tivessem ligação, ainda, com a época das lutas da década de 1980, 1990 até 2000, mais ou menos a positivação deste conceito de “comunitário” e de “comunidade”. Temos, por exemplo, as chamadas Comunidades Eclesiais de Base, ligadas à linha da Teologia da Libertação, uma linha social da Igreja Católica,

²⁷ Gloria Jean Watkins é uma importante feminista intelectual do século XXI. Ela resolveu politicamente marcar seu nome da seguinte forma ‘beel hooks’. Ela faz uma homenagem a sua avó e retoma o nome dela. O intuito é sair de uma perspectiva egoísta da escrita, e permite também uma dimensão ancestral. Hooks foi muito influenciada por Paulo Freire. (Caruso, 2021).

um movimento forte da América Latina.

2.3 A articulação entre fé e vida: Pré-vestibular e os movimentos religiosos

A articulação entre fé e vida, entre movimentos religiosos no Brasil e a educação são constantes, no entanto, nem sempre é a favor do povo da periferia. Mas, em alguns momentos, é algo que impulsiona. Aqui, citamos a fala de um dos coordenadores do PVNC da PJ (Pastoral da Juventude) da Diocese de Duque de Caxias, Claudio Alves Gonçalves.

Os pré-vestibulares comunitários podem ser entendidos como ferramentas de mudança histórica por meio da educação suplementar, empoderamento por meio do conhecimento, aumento da autoestima das populações marginalizadas e incentivo ou recrudescimento do brio intelectual e do pensamento político e social de forma crítica. Em última análise, estimular o raciocínio crítico poderia ser entendido como a pedra de toque dos pré-vestibulares comunitários (Entrevista de Claudio Alves Gonçalves, 2023).

Conseguimos também realizar uma entrevista com Lourenço Cezar da Silva do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). O CEASM faz parte do nascimento do FPVPRJ, redes que se interligam, pois um dos momentos de criação do fórum foi dentro de uma valorização e conservação da memória dessa potência periférica que é a Maré, onde surgiu uma importante liderança, Marielle Franco²⁸:

Pré-vestibular comunitário é uma estratégia realizada por grupos específicos (religiosos, voluntários, militantes, entre outros) que buscam oferecer gratuitamente um reforço escolar para que jovens de origem pobre possam acessar o ensino superior (Entrevista de Lourenço Cezar da Silva, 2023).

O CEASM, além de uma parceria muito interessante, nos traz orientações que iluminam também a identidade do Pré Paulo Freire. Os principais objetivos deles são de mobilizar e democratizar via educação e cultura; promover os vínculos da coletividade e desenvolver projetos com o exercício da solidariedade e da cidadania. Todos esses princípios são, em particular, situações que engendram as ações do projeto pesquisado. Principalmente os conceitos de educação, solidariedade, cultura e cidadania, essas referências são fundamentais para a construção da identidade dos pré-vestibulares populares nas periferias. Inclusive, podemos destacar a figura do Padre Bruno Luigi que na época da morte da Marielle trouxe a memória-trajetória dela para o PCPF.

²⁸ Marielle Franco ficou mundialmente conhecida, devido as suas lutas pelos direitos humanos, sua ação parlamentar e social. Seu brutal assassinato e de seu motorista foi um crime político que abalou o mundo. E trouxe por um lado o lema: Quem mandou matar Marielle? Na busca por justiça e investigação do caso, bem como o lema “Ninguém salta a mão de ninguém”, uma referência nos movimentos populares, que acentuam que a perseverança diante da luta pela dignidade deve continuar.

Ao conversarmos, informalmente, com o professor Osmar dos Santos Filho, que militou no PVNC que funcionava na FEUDUC (Fundação Educacional de Duque de Caxias) e depois foi para o Colégio Evangélico Almeida Barros, ele nos apresentou a seguinte definição:

No meu entendimento, o espaço de um Pré-vestibular Comunitário é lugar de possibilidades reais de construção de sonhos. É um espaço de reflexão e revolução para novas consciências, onde as trocas de experiências acontecem de forma intensa. Um aprofundamento do espírito de acolhimento é o que o move. Dentro da convivência em um Pré-vestibular Comunitário a vida pulsa forte, onde as muitas histórias se cruzam e amálgama identidades coletivas fortes e sólidas em afetos e sentido de pertencimento. Um Pré-vestibular Comunitário representa os anseios e respostas para uma parcela da sociedade para projetos de construção de vida e novas história dessas vidas, isso feito com muitas mãos, corações e mentes, onde a força da coletividade se retroalimenta das motivações e estímulos de todos aqueles indivíduos que o compõem com suas múltiplas expectativas. Por fim, é um verdadeiro espaço de resistência genuína contra um sistema opressor feito para com que as pessoas das camadas da sociedade mais vulneráveis sejam submetidas a esta lógica do fracasso pessoal. É um espaço do espírito de "aquilombamento decolonial", onde constrói-se igualdade, mas, com um profundo entendimento e respeito pelas diferenças (Entrevista de Osmar dos Santos Filho, 2023).

A citação apresenta o engajamento dos indivíduos que participam desse projeto. Ao mesmo tempo, intencionamos também unir a prática com a teoria, traçando algumas linhas comuns entre a proposta pedagógica de Paulo Freire e a construção de uma pedagogia decolonial.

Na educação do mundo periférico, foi Paulo Freire aquele que assume o relato descolonizador de Frantz Fanon. A partir das categorias político-filosóficas que oferece o pensador martinicano, Freire refuta os pressupostos epistemológicos da produção do saber que atravessam a produção de conhecimento dentro dos cânones e paradigmas estabelecidos pela ciência ocidental, saberes que negam toda possibilidade de formas de outro pensamento. Ele propõe aos educadores e aos educandos uma atitude crítica frente à coloniedade do saber e do poder. Para Freire, o conhecer é transformar (Mouján, Carvalho e Júnior: 2020, p. 34).

Conversamos com o professor/pesquisador Marcelo Ribeiro Sales, mestre pela FEBF, doutorando em Serviço Social pela UFRJ, parceiro do pré-vestibular comunitário Paulo Freire e dos movimentos sociais da Paróquia São Simão do Lote XV, além de hoje estar aprofundando seus estudos no doutorado na UFRJ, é professor da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (Seeduc- RJ), negro, filho da periferia e dos movimentos sociais e da escola pública e grande incentivador desses movimentos educacionais pelo direito à Universidade. Escutamos essa voz que nos impulsiona:

Pré-vestibular comunitário, isso aí é polissêmico, pode ter várias definições. Vamos tentar uma definição pragmática. É um curso preparatório para os exames de ingresso para as universidades, para as faculdades sejam elas públicas ou particulares. Só que um pré vestibular comunitário em maior ou menor grau pelo menos todos que passei e todos que conheço ele abrange além do curso propriamente dito temas de relevância

social. Porque a existência de um pré vestibular comunitário significa que está atendendo pessoas que não tem [...] teve um preparo deficitário no ensino médio ou não tem condições de pagar um curso de excelência para poder entrar na universidade ou na faculdade. Então o pré vestibular tem um viés social muito grande. O nome é muito engraçado [...] por que até na hora que fiz minha tese eu tive que explicar né porque não existe mais vestibular. Nem sei se existe mais vestibular. Então, mas esse nome ficou. Mas o pré ele parte da ideia de um coletivo de ajuda comunitária como o próprio nome já diz. Onde um coletivo de voluntários geralmente moradores da região se unem geralmente são professores ou estudantes se unem para ajudar outras pessoas a entrar na faculdade. Então assim é bem polissêmico isso. Mas quando penso em pré vestibular comunitário a coisa que me vem à cabeça é sempre o Paulo Freire. Sempre o Paulo Freire que é um coletivo muito além de um curso. É um coletivo de amizade, de fraternidade, de autoajuda, de acolhida...Então assim eu penso em última instância o coletivo de pessoas que se auto ajudam não somente entrar na universidade, mas encaram (ajuda encarar) os problemas sociais muitas vezes criando resistência e uma identidade que fortalece esses jovens para a preparação de sua vida adulta (Entrevista Marcelo Ribeiro Alves, 2023).

Olhamos o Pré-vestibular Paulo Freire a partir do PVNC, afinal, o grupo acredita que em certa medida segue os passos destes fundamentos. Apesar de ser um projeto não anexado ao PVNC, ele serve de base para o que o projeto busque os caminhos para sua realização. O projeto tem um suporte robusto na questão negra (com a luta do movimento Negro e a Pastoral Afro), algo que é o principal público alvo do PCPF, moradores de Belford Roxo e Duque de Caxias.

O Emancipa é uma outra rede de pré-vestibulares populares que nasceu em 2007 em São Paulo. Com o tempo se espalhou por outros Estados do Brasil e, ao chegar na Baixada Fluminense em Belford Roxo, no IFRJ, convida o Preparatório Comunitário Paulo Freire para a aula inaugural. Foi um momento de muita consonância e congruência. Paulo Freire, patrono destas duas instituições diferentes, estava ali unindo para cativar mais jovens para futuros possíveis e impossíveis. A Rede Emancipa tem um caráter de militância mais acentuado, e traz muitos elementos importantes que vemos acontecer na perspectiva de pedagogia popular no Curso Preparatório Comunitário Paulo Freire, principalmente a questão da territorialidade e os valores muito fincados na construção e formação cidadã. A trajetória de Paulo Freire é percurso da e na periferia. É a roda de leitura, alfabetizadora e conscientizadora do local (base) e do mundo (global). As pedagogias de Freire são de esperar, propor autonomia, cidadania direta e valorização da democracia, e tudo isso perpassando uma educação que transforma.

Os princípios do Emancipa, parceiros do curso Preparatório Comunitário Paulo Freire, são também muito interessantes e destacamos aqui que eles são ação e liberdade, decisão coletiva e responsabilidade individual, militância, valores, transparência, poder popular, além deles buscarem também nesse coletivo a territorialidade e a formação.

Após essas entrevistas e conversas informais que vão desenhando trajetórias, vamos

delimitando o nosso objeto de pesquisa. Entre Sonhos, realidades e Possibilidades: A Trajetória de Estudantes Negros que passaram pelo Preparatório Comunitário Paulo Freire em Belford Roxo. É um curso preparatório voltado para jovens estudantes que se encontram em desigualdade socioeconômica, moradores da Baixada Fluminense e, principalmente, de Belford Roxo e Duque de Caxias, RJ.

Ao falar do FPVP-RJ, Fórum de pré-vestibulares Populares do Estado do Rio de Janeiro, destacamos que é uma articulação que nasce em 2017 no CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré). No segundo momento, o encontro de seminário destes projetos populares de emancipação da juventude para às universidades, o Preparatório Paulo Freire está presente em 2018, na PUC-RIO Ou seja, na articulação desta grande rede que nasce, o projeto está ali também ajudando a fazer nascer essa iniciativa. Essas articulações de frentes educacionais acontecem também em outras áreas na periferia com a área cultural, entre outras.

A dinâmica do FPVPRJ é muito rica para os projetos, pois dinamiza formação, ações sociais, intercâmbio com Universidades Públicas, entre outras ações. O período da pandemia uniu muito o grupo, que passou a ter reuniões semanais desde então online, geralmente. Essas reuniões são, às vezes, presenciais e em formatos de chamamento maior com seminários, saraus que chamam o talento da juventude, bem como as reflexões críticas sobre o NEM (Novo Ensino Médio), a guerra na faixa de Gaza, o cancelamento do ENEM na época da pandemia (uma linha do fórum defendia essa proposta) e até mesmo a proposta radical pelo fim do ENEM que, claro, com a possibilidade de acesso de todos à Universidade que deve ser pública e não seletiva e mercadológica. O FPVPRJ tem também um mapeamento de onde estão os pré-vestibulares comunitários no Estado do RJ e uma parceria com a FIOCRUZ que gera o importante trabalho do Favela Universidade, onde corre troca de saberes entre a Academia, pré-vestibulares, professores, alunos, logo, é um lugar de extensão do conhecimento acadêmico e também popular.

3 OUTRAS FORMAS DE ENSINAR: DESDOBRAMENTOS DO PRÉ-VESTIBULAR

A maioria desses estudantes são afrodescentes, mulheres com baixo poder aquisitivo e de escolas públicas. Nos últimos anos, tem aumentado o número de adultos. Alguns alunos, inclusive, encontram-se em situação de vulnerabilidade social, sendo acompanhados pelo CRAS - Centro de Referência da Assistência Social. Fruto da desigualdade social, a disparidade de condições de vida, oportunidade e acesso a recursos entre diferentes grupos na sociedade, fatores sociais que estão relacionados, frequentemente, à baixa renda, educação e saúde. No que diz respeito à cultura, na periferia existe um movimento de resistência cultural muito forte, porém, esses jovens, embora participem, nem sempre conseguem realizar a mobilidade social que intencionam, repetindo padrões ou acabam ocupando postos de empregos que pagam salários menores.

Vivemos numa sociedade desigual, vem de sua raiz histórica colonial que persiste na sociedade da colonialidade/modernidade. Nesse sentido, os “não estabelecidos” são os que são encurralados na periferia. A periferia, nesse sentido, pelo fato de existir, sendo Baixada Fluminense, sendo Favela, em qualquer lugar onde grita ela, é resistência.

O pré-vestibular se apresenta nesse horizonte para os jovens pretos da Baixada Fluminense que, devido às condições de vida, a ausência de tantos direitos sociais básicos, especialmente, fragilidade de uma educação que possa dar condições de desenvolver as habilidades e competências dos jovens periféricos. Então se trata necessariamente de falar do lugar, que lugar essas pessoas vão ocupar na sociedade?

A faculdade para os jovens de periferia é pensar de forma imediata em busca pela empregabilidade, então, na medida em que os vestibulares vão se unificando no ENEM, e que os grupos populares perceberam a potencialidade e investem na periferia, é possível agora não apenas chegar à Universidade, mas até mesmo começar a poder sonhar uma outra vida.

O Preparatório Comunitário Paulo Freire cabe notarmos que é um projeto socioeducativo popular, que nasce com o objetivo do Pré-Enem, mas que vai além. Mesmo numa sociedade que constrói uma geração tecnológica, esse ir além é ser pré-vestibular, pré técnico (para os adolescentes tentarem Pedro II, Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow Fonseca, (CEFET), e Instituto Federal do Rio de Janeiro, (IFRJ), Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) Encceja, o Pré-militar, Pré-indígena, grupos de estudo, saraus, oficina de música, apoio a aprendizagem, alfabetização e letramento.

3.1 Novas Redes: Entre Sonhos e possibilidades a trajetória de Estudantes negros do preparatório comunitário Paulo Freire

Sonhos de uma vida, horizonte da trajetória individual, quando buscamos aqui trajetórias individuais queremos notar experiências que revelam a integração entre território e as pessoas. O espaço é feito da ação de cada sujeito, e sua relação com outros sujeitos e como próprio contexto ao seu redor (Mendes, 2011). Por isso, traçar trajetórias individuais significa acessar estes caminhos de construção daquilo que um território pode ser nos passos da vida de cada um. Não é um apelo ao individualismo, mas sim uma valorização das experiências subjetivas que criam alternativas em espaços marcados, muitas das vezes, por uma única lógica – a lógica da violência, dos horizontes roubados. Por isso, falar de trajetória individual é falar em resistências, dos caminhos criados apesar e para além das rotas de consumismo, descaso e pauperização traçadas neste chão lavado de sangue de corpos pretos.

O PCPF – preparatório comunitário Paulo Freire nasce em 2009, na Baixada Fluminense, periferia da periferia do Estado do RJ. O bairro é no território do Lote XV, que abriga e é passagem para pessoas de dois municípios Belford Roxo e Duque de Caxias. A situação econômica do bairro do Lote XV pode parecer de classe média, devido ao pungente comércio, bancos, lojas e o recém criado Calçadão, mas isso contrasta com a realidade de pobreza e o baixo poder aquisitivo das pessoas.

O PCPF, neste sentido, vem a ser uma tentativa de mudar essa realidade social caótica, pois algumas pessoas podem dar uma “guinada” em sua vida a partir da academia ou começar a dar outros passos. Como é muito dito no projeto se permitir sonhar, travar outros horizontes e, em alguns casos, será justamente começar a se propor a ter horizontes. O projeto, então, é um empreendedor de sonhos. E na visão mais ampla que nos apresentou Alexandre do PVNC, o pré alarga. O pré é vestibular, ENCCEJA, técnico, militar, indígena, grupo de estudos, alfabetização, letramento, apoio à aprendizagem, sarau, debate, campanhas pela cidadania e a ação solidária.

O projeto nasce assim em 2009, mas não na dimensão que é hoje, algumas coisas foram nascendo com o passar do tempo e com as parcerias. É iniciativa de quatro professores que, vendo a necessidade dos bairros, tentam e conseguem colocar um pré-comunitário em um colégio privado, o Colégio Silva Dias. Os professores em questão são: Julio Cesar, Diogo Breda, Jefferson e George Ferreira Lau. A inspiração veio de Paulo Freire, pois o educador abordou, sem nenhuma dificuldade, o tema educação e cidadania. Olhar o mundo e questionar o mundo. Ler o mundo e mudar o mundo. É nesse sentido que a perspectiva da pedagogia de

Freire que visava o humano diante do social não apenas o conhecimento no sentido bruto, que se desenhou um dos lemas mais fortes: “Paulo Freire educação que transforma”. Quando vem o lema “Paulo Freire é o perigo” – já traz a garotada indo fazer a UERJ e encarando os pré-vestibulares particulares.

A teoria de Paulo Freire perpassa o papel do educador meramente depositário de conhecimentos, como ele mesmo identificou como “educação bancária”: ato de depositar, transferir, e transmitir conhecimentos e também valores. Para o educador, é preciso viabilizar por meio do diálogo uma nova interpretação da realidade na nova produção de conhecimento. É preciso refletir a sociedade opressora para transformá-la.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes (Freire, 1987, p. 38).

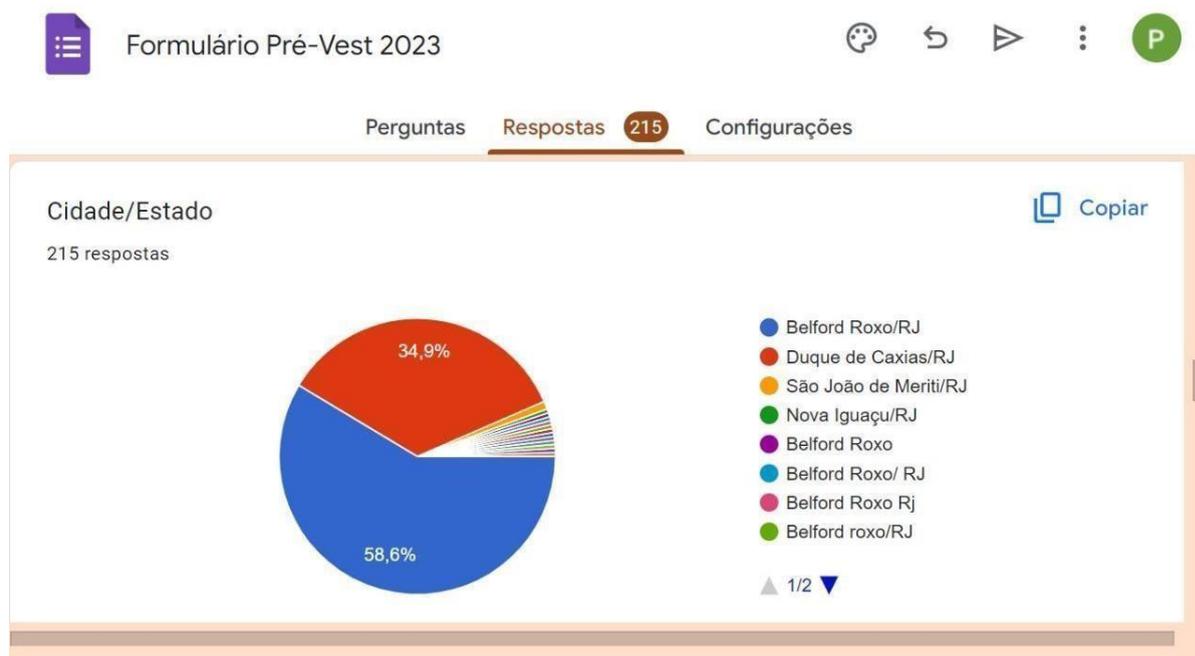
Destaco o pré em dados mensurados entre 2022-2023, de acordo com a fonte: Formulário Pré-Vest 2023. O pré tem os formulários sendo organizados aos poucos a partir deste ano e são do pré-vestibular, pré-técnico, pré-militar e pré-indígena. Os dados do pré vestibular tem, além dos dados do pré vestibular presencial, dados do pré online e do ENCCEJA tabulados juntos. Sendo que os dados do grupo de estudo Leonardo não foram tabulados, pois a experiência do projeto é desde 2009, mas as tabelas são um projeto recente como ferramenta para ações e entendimento do projeto. Trazemos essas informações para compreender melhor e entender esses gráficos. O monitor do projeto João Vitor Souza Silva foi estudante, passou para matemática, na universidade pública federal entre outras realizações, fez um curso de formação numa área multidisciplinar, o que permitiu trazer esse projeto de levantamento de dados do projeto e, além disso, participa nos anos de 2022 e 2023 na coordenação e ajudando a apurar esses dados. João traz a seguinte reflexão:

Quando a gente trabalha com o recolhimento de dados, seja ele de qualquer espécie. É para olhar para o que temos, como é o comportamento através de recortes, sejam eles social, religioso, racial etc. E entender através desses dados para onde devemos ir e onde devemos nos mover para agir de acordo com o que o pré se propõe a fazer no campo da educação popular e o resgate principalmente dos adolescentes. (João Vitor Souza Silva, 2024)

Essa tabulação e conjunto de dados, ainda está recente no projeto, em fase de implementação. Precitaria de mais tempo para estudar os impactos dessa ferramenta no projeto, contudo, trazemos alguns apontamentos. Neste ano de 2023, o território é cedido, o projeto está funcionando no Salão Paroquial São Simão do Lote XV. E vemos que o projeto recebe tanto alunos de Belford Roxo quanto de Duque de Caxias, sendo a maior parte de

Belford Roxo. No Gráfico 1, observamos a centralidade do bairro do Lote XV, local onde funciona o projeto.

Gráfico 1 - Preparatório Comunitário Paulo Freire – quantitativo de aluno de Belford Roxo e Duque de Caxias – RJ



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No Gráfico 2 identificamos as formas como os alunos conheceram o projeto.

Gráfico 2 - Formas de divulgação do Preparatório Comunitário Paulo Freire

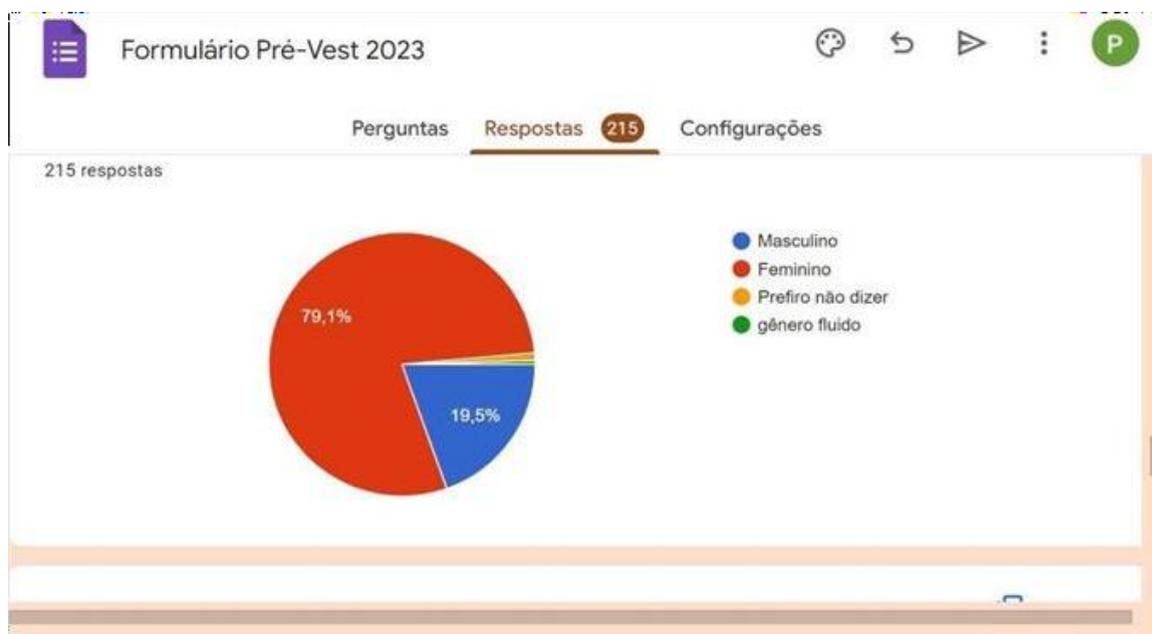


Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Neste segundo Gráfico notamos o quanto a indicação é importante. Notamos então que o nível de satisfação com o projeto é bom, pois existe um percentual grande que conhece o projeto através de amigos, que passaram ou conheceram a experiência e os propósitos do projeto. São pessoas que têm suas vidas afetadas direta ou indiretamente e também transformadas. Sonhos e horizontes se ampliam nos territórios e famílias da Baixada Fluminense.

No Gráfico 3, apresentamos o quanto o Preparatório Paulo Freire pode ser indicativo de um território popular num ensaio para emergir a força feminina.

Gráfico 3 - Preparatório Comunitário Paulo Freire-quantitativo de mulheres



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

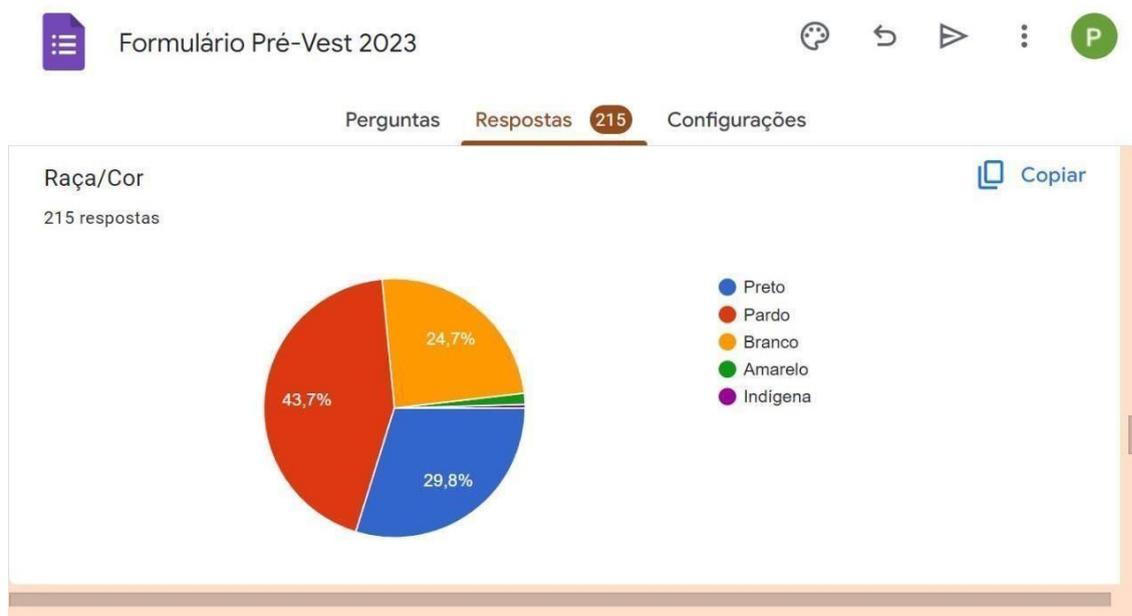
Existe uma grande participação feminina no projeto com quase 80%, no gráfico 3, 79,1%. Isto é visível no dia a dia nas aulas do pré-vestibular. As mulheres que são maioria da potencia eleitoral do país, mas também são as maiores vítimas excluídas nos direitos sociais e, é possível que estejam tentando criar alternativas para reverter a situação de desigualdade a que são submetidas através dos pré-vestibulares comunitários onde são voluntárias, professoras, alunas e construtoras de sonhos reais. É claro que muitas mulheres são excluídas deste espaço, pois estas são ainda vítimas de uma sociedade que tenta a todo momento diminuir o valor e a potência feminina. Neste sentido, a academia, muitas vezes, não rima com a feminilidade.

A sociedade brasileira é fortemente violenta com as mulheres, a ponto de ser apontada uma “epidemia de femicídio” durante a pandemia. Sendo assim, é também violenta com o acesso das mulheres à educação. Mesmo assim, os pré-vestibulares apontam o quanto o corpo feminino ascende, apesar de toda uma sociedade que a todo momento a rejeita e a menospreza, elas são maioria e querem ser território periférico nas Universidades, trazendo para esses espaços também suas riquezas e conhecimentos. Não apenas aprender, mas também ensinar. No ano de 2023, a coordenação sai de uma gestão totalmente masculina e entra numa coordenação e equipe pedagógica com maioria afrodescendente e feminina em 2024, a fim de acolher melhor os anseios deste território.

No gráfico 4, os dados apresentam esse território como possibilidade de construção de

identidade afrodescendente.

Gráfico 4 - Um território educador popular afrodescendente:



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

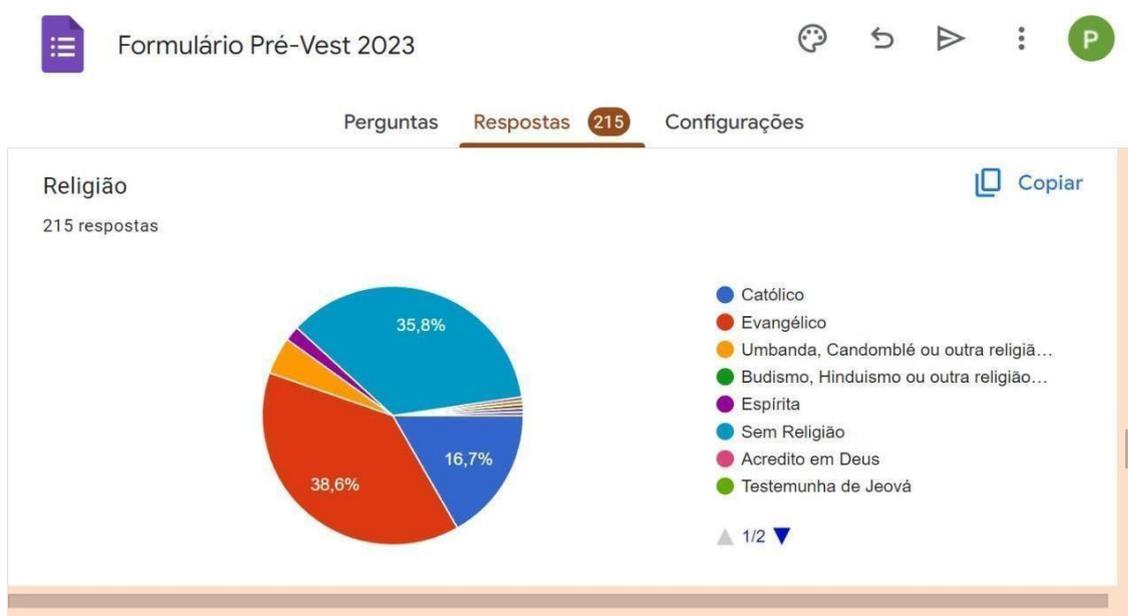
Esse território é afrodescendente. Quase 70%, no gráfico 68,4% se utilizarmos os critérios do IBGE que define como negros: autodeclarados pardos e pretos. Acreditamos que é aqui que George Ferreira Lau percebe e conceitua esse espaço como uma espécie de Quilombo Moderno, ao dizer sobre as Hidras de hoje. E o Preparatório Comunitário Paulo Freire seria a partir de sua pesquisa do mestrado intitulada *Pré-vestibular Paulo Freire: educação popular, periferias e decolonialidade (2023), uma das Hidras*.

A Hidra de Iguaçu faz referência aos quilombos da região do São Bento que se articulavam de uma tal forma que não eram atacados pelo poder central, devido a comunicação que tinham. O quilombo era marítimo e, quando as forças coloniais chegavam à forte comunicação quilombola, desfazia a presença, e o território ficava naquele momento vazio. Essas Hidras, e também os quilombos, se refaziam ali naqueles rios ou em outros, após a saída dos colonizadores. Os afrodescendentes, marcados como corpos aptos a serem matáveis nas periferias do mundo, e principalmente, na Baixada Fluminense, vão se reerguer através do aquilombamento de suas ações historicamente falando. Sendo assim, esses corpos periféricos jamais se contentaram com a negação de suas vidas e a todo momento lutarão para restabelecer suas existências. A educação é um dos grandes motores revolucionários e silenciosos dos

afrodescendentes, bem como outros bens de suas criações ancestrais e existenciais. A cultura, arte, reza, dança, oralidade enfim, a circularidade expressa a possibilidade de se fazer o novo, o não colonizado. Esses corpos almejam a todo momento isso, e muitos dão passos para não apenas sonhar, mas também lutar para construir esses sonhos possíveis.

No gráfico 5, diante da necessidade de trabalharmos a tolerância religiosa e o respeito à pluralidade, os dados apontam o quanto é múltiplo religiosamente os que passam pelo projeto.

Gráfico 5 - Um território de tolerância e diversidade religiosa:



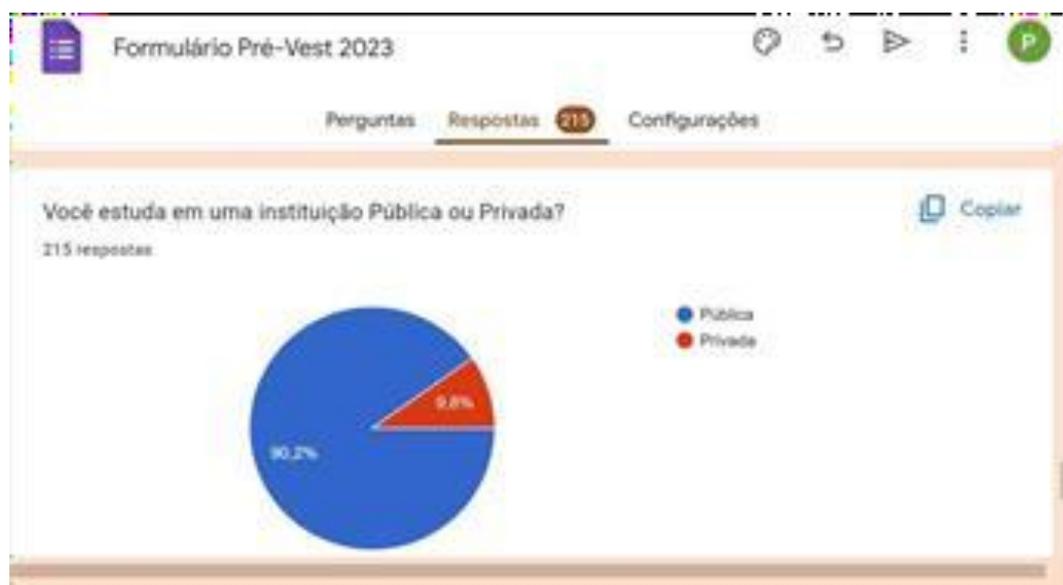
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Há um caráter de tolerância religiosa e respeito quando vemos a pluralidade presente no percurso no gráfico mostrado acima. Cabe ressaltar que o PCPF funciona no espaço cedido pela Paróquia São Simão do Lote XV de Belford Roxo, da Diocese de Santo Antônio de Nova Iguaçu. Nesta Paróquia, no ano entre os anos de 2012 e 2013 o líder religioso Padre Bruno Luigi, que faleceu ano passado, acolheu o pré-vestibular na Igreja. Na ocasião, dois grupos de pré-vestibulares comunitários começaram a fazer parte da paróquia São Simão do Lote XV, o pré Inclua-se e o PCPF. A principal característica destes projetos sociais é de acolher, independente de crença e religião, às pessoas que fazem parte seja na gerência social educadora popular no voluntariado ou como alunos. A vivência espiritual de cada um não é então motivo de divisão, pelo contrário, neste espaço são lugar de tolerância e respeito. Nesta perspectiva, o Professor Doutor Babalawô Ivanir dos Santos, que completou recentemente 70 anos, trouxe sua palavra agregadora de cultivarmos valores de respeito às diferenças e valorizar as crenças e não

crenças de cada um. Ivanir esteve presente com esta fala pedagógica na celebração dos 21 dias contra o racismo, das atividades antirracistas no mês de março de 2023. Os 21 dias contra o racismo são atividades realizadas por vários coletivos educacionais, sociais, acadêmicos com o objetivo de promover uma sociedade onde possa existir a igualdade racial e a dignidade de toda pessoa humana, como sempre ensinou e praticou Padre Bruno.

Na defesa da escola pública e da universidade pública, fundamentos relevantes do PCPF, o gráfico 6 aponta este lugar de onde o projeto tem o seu chão. A maioria dos alunos oriundos da escola pública que buscam o projeto.

Gráfico 6 - Um território de alunos de oriundos de Escola Pública



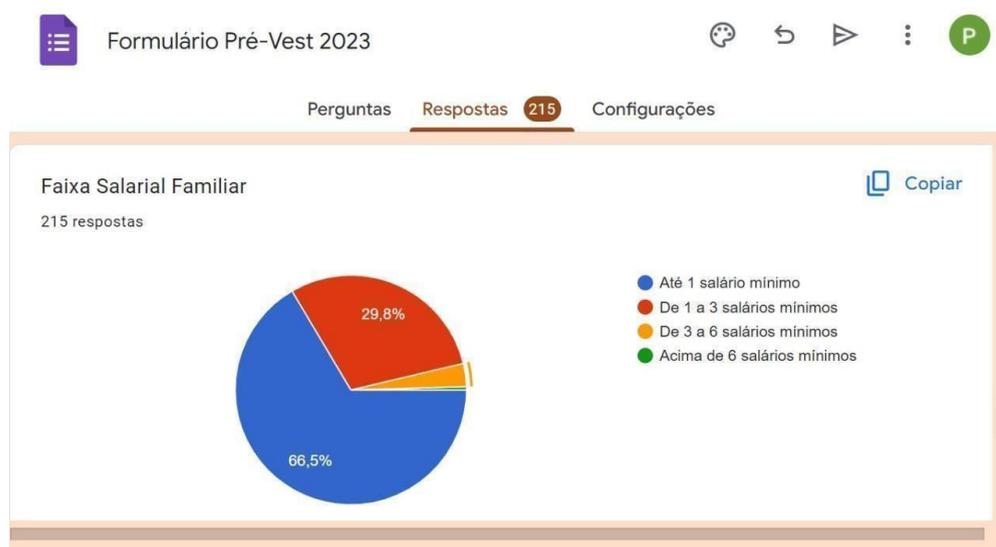
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Com 90% dos alunos oriundos da escola pública, esse território é do Ensino Público. Com todas as suas potencialidades e limitações, por um lado, professores e alunos dedicados na busca de uma educação de qualidade, por outro lado todo o desmonte da educação, com o NEM – Novo Ensino Médio (que corta disciplinas e dificulta o acesso dos alunos à faculdade). O Ensino Básico sofre com impactos da pandemia da COVID 19, 2020 e 2021. A pandemia traz um atraso no ensino, um deficit de, no mínimo, uns 10 anos. O mais complexo é que nada é feito para recuperar essa defasagem, pois temos ainda a questão do abandono intelectual, situações que impedem por si só que os jovens possam continuar nos estudos: gravidez precoce, violência urbana, questões ligadas à saúde mental, falta de apoio familiar, necessidade de empregabilidade, falta de horizonte, necessidade imediata de estar no mercado de trabalho entre outras questões que inviabilizam os jovens aadentrarem à academia. E poderíamos ainda

problematizar uma demanda que o FPVPRJ traz que é o “fim do ENEM”, o fim do processo dos vestibulares, pois esses processos seletivos elitizam o ensino superior e criam um abismo para os periféricos.

As desigualdades sociais são uma marca em no Brasil e também na Baixada Fluminense. E o pré traz tem esse forte perfil de vulnerabilidade social dos seus estudantes, retratado no gráfico 7.

Gráfico 7 - Um território marcado pela desigualdade social



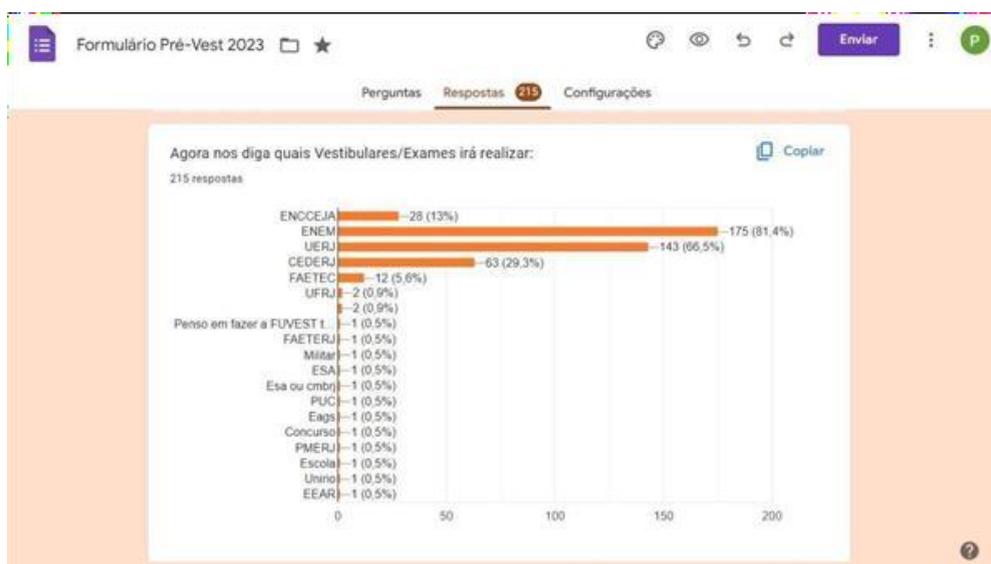
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A análise do gráfico anterior já foi demonstrando a profunda desigualdade social que vai trazer limitações para os jovens da periferia. Esse gráfico seis evidencia essa situação, ao demonstrar que a maioria dos jovens tem uma situação de pauperização que vem aumentando durante os últimos anos. Temos aqui impactos da pandemia, dos problemas econômicos, porém, é próprio da lógica capitalista que poucos tenham oportunidades e que a maioria fique de fora dos direitos sociais. Quando transforma-se direitos em desempenho individual, atribuído à meritocracia, cria-se na sociedade mecanismos desiguais de acesso para todos, e prevalece o acesso inviável e totalmente complexo dos jovens periféricos para chegar ao nível superior. A situação salarial destas famílias impede os jovens de tentarem a faculdade. E, às vezes, a busca pelo Ensino Superior está, intimamente, ligada a uma possibilidade de melhorar o acesso ao mercado de trabalho com ampliação de horizontes, o que necessariamente não garante à empregabilidade o fato de ter o ensino superior, mas permite criar mais flexibilidade na abertura de possibilidades para o trabalho que passa a ser uma outra linha de frente da periferia. O poder

aquisitivo das famílias periféricas impede muitas vezes a própria permanência nos pré-vestibulares comunitários, são sonhos ceifados, mesmo antes de terem a oportunidade de nascer.

No gráfico 8 notamos que a maior parte destes estudantes estão em busca do ensino superior.

Gráfico 8 - Um território que busca o acesso à Universidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Os dados do ENEM (exame nacional do ensino médio) deste ano segundo o INEP, apontam um aumento de 40% no número de inscritos no ENEM de 2024. O ENEM é este exame na qual os candidatos vão tentar no país inteiro e até mesmo pessoas fora do Brasil, vagas nas universidades públicas (SISU), bolsas de desconto de até 100% em faculdades particulares (PROUNI) e, até mesmo a possibilidade de universidades em outros países, Portugal, principalmente. Em 2024, o número de inscritos chega a milhões, ano passado, por exemplo, foi de 4 milhões, porém, no ano de 2014, ou seja, há 10 anos, o número de inscritos no ENEM foi de 8 milhões.

Podemos salientar que nos anos de 2019 até 2022, ocorreu forte queda, pois foram anos sombrios para a educação brasileira que começou a ter grande visibilidade com a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) do fim do mundo²⁹. A PEC do teto de gastos que congelou durante 20 anos os gastos com educação e saúde no país. Os dados do ENEM no Brasil e a situação de

²⁹ Para entender mais sobre a PEC do fim do mundo, reportagem disponível em: https://brasil.eipais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html. Acessado em: 16 jul. 2024.

projeto que não permite o futuro nas políticas públicas de educação, mesmo com o pequeno aumento, ainda está longe de mobilizar a juventude para o futuro. É claro que o PCPF não alcança todos os jovens que poderia alcançar, contudo, o trabalho que é feito mantém nos jovens acesa a chama de lutar por seus sonhos, querer ser alguém e tudo isso valorizando os estudos.

Os dados que vemos no gráfico em nossa reflexão apontam isso, neste percentual de 80%, que poderia ser algo não muito relevante, pois os alunos estão no pré-vestibular, então é para isso que estão ali, fazer o ENEM, no mínimo. Mas essa questão nem sempre é algo resolvido e entendido pelos que buscam o projeto, principalmente, em anos de desmonte da educação, sonhos e futuros. Dessa forma, destacamos que, sim, 80% é um número relevante, diante da situação em que vive o país, no desamparo e desmonte da educação. Os dados apresentados no gráfico acima revelam a participação no projeto em 2023.

É claro que, nos últimos anos, devido às políticas de ações afirmativas, os afrodescendentes são presença maior nas universidades públicas. A repórter Débora Brito da Agência Brasil, em 2018, entrevistando³⁰ o professor Nelson Inocêncio, UNB de estudos afro, conceitua que a política de cotas é uma revolução silenciosa que acontece no Brasil. Uma reportagem³¹ da Folha de São Paulo, de maio de 2024, aponta que a presença de afrodescendentes em universidades federais triplicou em 13 anos. Contudo, como uma reportagem do ³²Jornal O Globo, de 2024, ao analisar dados do IBGE, evidencia o quanto o abismo educacional para os periféricos, ainda é uma realidade dura, ao trazer, desenvolver e nos fazer pensar que a “Desigualdade entre brancos e negros no ensino vai da alfabetização à universidade”, nome da reportagem. Todas essas questões somente imprimem o quanto é necessário a atuação do PCPF nas diversas dimensões no pré-vestibular, pré-encceja, pré-técnico, pré-indígena, grupo de estudos, reforço à aprendizagem e alfabetização.

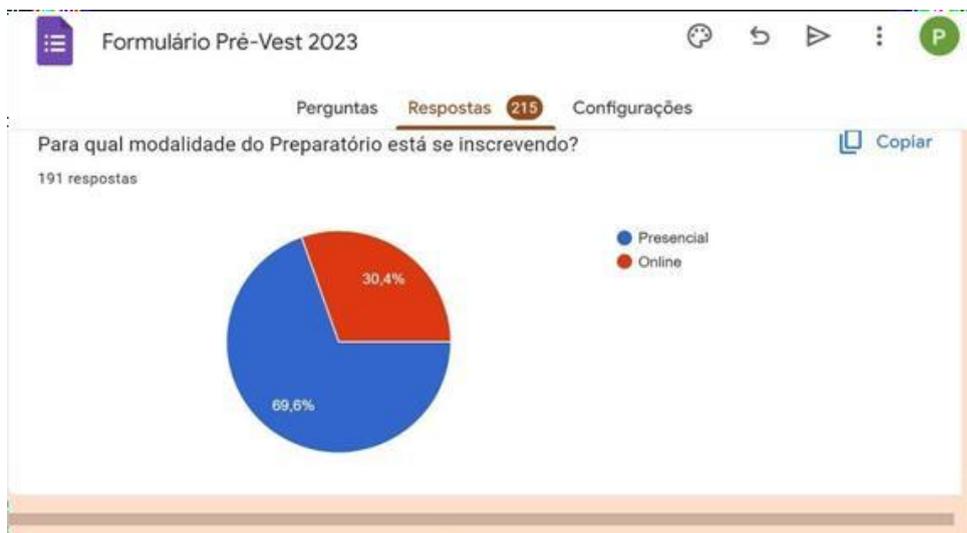
Apesar de não estarmos mais na pandemia da COVID 19 (época em que o pré foi somente presencial), o projeto em 2023, ainda tem os dois formatos de oferta o presencial e online. Mas a maioria optando pela modalidade presencial.

³⁰ Entrevista disponível em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>. Acesso em: 16 jul. 2024.

³¹ Reportagem disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/05/numero-de-alunos-pretos-e-pardos-em-universidades-federais-mais-que-triplica-em-13-anos.shtml>. Acesso em: 16 jul. 2024.

³² Reportagem do Jornal O Globo, disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/03/26/desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-ensino-vai-da-alfabetizacao-a-universidade.ghtml>. Acesso em: 16 jul. 2024.

Gráfico 9 - O ensino híbrido: ensino online e presencial



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Nos anos de 2020 e 2021, a participação online foi mais intensa, devido à pandemia e mesmo com o problema da exclusão digital, que impediu o acesso. O projeto teve a parceria com a Rede Nossas que ajudou com o programa 5G para estudar. A rede Nossas³³ é um coletivo que desenvolve a luta pela democracia, justiça climática, cidadania, entre outras ações. O gráfico não traz os anos anteriores, mas demonstra, no ano de 2023, que perdura o pré-vestibular também na modalidade online, com menor intensidade. Pois a modalidade do ensino online é atravessado por duas questões que inviabilizam a exclusão digital e a dificuldade dos alunos e educadores entenderem esse espaço como apto ao ensino-aprendizagem.

3.2 Vivências /Trajetórias: Vamos agora a partir da escuta do afeto sentirmos esse projeto

Pré-vestibular é resgate de dignidade e cidadania. Não mencionaremos os nomes, em tom de respeito com as histórias citadas, utilizaremos letras para designar às pessoas. Temos, por exemplo, o caso da aluna X, uma mulher preta, de uma família toda desestruturada, toda desestruturada literalmente, em que 98% dos membros da família entraram na criminalidade, os homens no crime, e as mulheres na prostituição.

³³ Mais sobre o Coletivo Nossas, disponível em: <https://nossas.org/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

Para não expor a entrevistada, vamos chamá-la por aluna X, que percorreu esses descaminhos. Ela, por outro lado, fez a reviravolta, uma espécie de uma guinada de vida. Aconteceu, então, ali a decisão: aquele não era o seu projeto de vida. E a chave para a mudança foi a educação. Ocorreu uma procura do curso, no caso, o Grupo de Estudos Leonardo, que funciona próximo a sua casa.

Na ocasião, ela não havia ainda concluído o Ensino Fundamental, pois foi necessário trabalhar para sustentar quatro filhos e não lhe foi permitido dar continuidade aos seus estudos. Sua situação de trabalho, inicialmente, era muito precária. Alimentar essas crianças de pão, era o desafio constante para essa mãe, mas também a esperança de mudar de vida. O desafio de proporcionar para os filhos uma vida melhor que a sua e o medo de ver os filhos envolvidos pelo tráfico, o que dominava na localidade, fez essa mulher, preta de periferia, mãe solo, assumir o desafio de não ser mais uma estatística.

Através da Educação, mesmo com todas as dificuldades, ela decidiu sonhar e fazer com que esse sonho se tornasse realidade. Pois precisa impedir que essas crianças entrassem no tráfico, sem o pai das crianças, sendo mãe solo. Por vezes, por não ter um trabalho formal, e com pouco estudo, restava varrer a rua para tentar o mínimo de dinheiro para o sustento dos seus filhos.

Quando não aparecia nada para ela fazer, os moradores do bairro onde ela mora, que não varrem a frente de sua casa, chamaram-na para varrer as calçadas e a rua do bairro. Toda manhã estava ela ali trabalhando no “bairro dos ricos de Belford Roxo”, que não podiam varrer a frente da casa. Eles pagavam para aluna X um valor irrisório que não chegava a R\$ 100,00. Para aluna X o sol quente nunca foi o problema, o que realmente importava era que no final do dia seus filhos teriam o que comer. A aluna X dizia que não tinha vergonha do que fazia, pois estava levando o pão para seus filhos honestamente. Ela começou a estudar no grupo de Estudos Leonardo que é braço do Preparatório Comunitário Paulo Freire. Começou a estudar, porém seus horários de trabalho começaram a entrar em choque com o horário do grupo de estudos, então, foi quando ela percebeu que os estudos não estavam se adequando ao seu tempo disponível. E, mesmo diante dessa dificuldade, a aluna X não desistiu, começou a pegar as aulas online e assistia à noite, muitas vezes no trabalho, quando sobrava um tempo. E foi encarar o provão do ENCCEJA. Ficou devendo apenas uma disciplina, mas fez graças ao incentivo que tinha, somado à força de vontade e o desejo dela de quebrar aquele ciclo de miséria.

Foi alimentado o sonho de fazer o curso de enfermagem. O diploma parcial do ENCCEJA garantiria a entrada e permanência no curso de enfermagem, o que foi motivador para essa trajetória se fazer memória e contemplar vitória. Então, essa jovem negra da baixada

fluminense escolheu um outro caminho e o Pré-vestibular foi fundamental para a transformação.

Passado um tempo, dois diplomas conquistados: o Ensino Médio através do ENCCEJA e o técnico de enfermagem. Isso nos marcou muito. O papel do pré-vestibular foi esse resgate de cidadania e dignidade. Assim como Paulo Freire ilumina e fundamenta o projeto do curso Preparatório Comunitário Paulo Freire, Bell hooks com sua obra, traz ainda mais luz para essa pessoa que nos ensina a força do educar:

Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador (Hooks, 2013, p. 15)

Esta parceria, ou seja, esse braço vem acompanhada de diversos fatores, precisamos refletir que Belford Roxo não carece de talento, e sim de oportunidades. Apesar destes cenários, aqui emerge, igualmente, o futebol, a genialidade das crianças, a luta das mulheres, enfim, um lugar de talentos. Um exemplo desta emergência pode ser destacado no trabalho do Projeto Marvin, que é um projeto de arte, educação e cultura do qual faço parte, atuando com outros/as integrantes. O Projeto foi fundado em 2003 no bairro do Itapoã, em Belford Roxo com um grupo de jovens do bairro que se encontrava em torno da Comunidade Católica Nossa Senhora da Imaculada Conceição, uma das vinte Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)³⁴ ligadas à Paróquia São Simão.

Os jovens, católicos ou não, que viam na Comunidade um lugar de interação para conversar, brincar, rezar e refletir foram, com o tempo, cultivando a necessidade de se encontrarem mais vezes, tanto para fortalecer seus laços, quanto também para pensar ações conjuntas em prol da juventude do bairro, atravessada pelas graves condições de descaso e violência. Assim, com inspiração na música “Marvin”, da banda brasileira de rock Titãs³⁵, passaram a se reunir periodicamente em rodas de conversa, expressões artísticas - danças, desenhos, pinturas, músicas, visitas culturais, entre outras ações de promoção à vida.

³⁴ Apesar da diversidade de experiências que compõem este modo de viver a prática social-religiosa, de modo geral, as CEBs são “a base de um modelo de organização eclesial que tem como referência pastoral uma rede articulada de comunidades. [...]”. Nestas redes, as comunidades são espaços de pertencimento territorial, celebração da fé e dos sacramentos a partir da centralidade bíblica, protagonismo das pessoas leigas e expressão da solidariedade. Neste sentido, são “um modelo diverso daquele estruturado a partir da paróquia. Neste, o centro de referência pastoral [é] o pároco, que acompanha atividades e organismos pastorais relativamente autônomos entre si. Na estrutura que está alicerçada nas CEBs, a paróquia permanece, mas sua função é redefinida, tornando-se mais um serviço de articulação das CEBs.” (Portal das CEBS, 2017). Disponível em: <https://portaldascebs.org.br/o-que-sao-cebs/>. Acesso em: 25 out. 2023.

³⁵ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fahexbWtSV8> . Acesso em: 25 out. 2023.

Uma das iniciativas significativa do Marvin em revelar a cultura de vida em um território marcado para a morte, foi organizar com as crianças do bairro - aquelas que frequentavam à igreja e as ruas próximas - um dia de manifestação artística. As crianças foram convidadas a desenhar em um papel tudo aquilo que pensavam e desejavam para o bairro do Itapoã. Depois, com a nossa ajuda, minha e de outros/as integrantes do Marvin e até mesmo dos/as vizinhos/as, estes desenhos foram pintados no muro da igreja, formando um painel que decora hoje a fachada da Comunidade. Tal iniciativa surgiu da percepção de que a estética dos nossos territórios está dominada pela violência.

Os muros das casas e comércios no Itapoã, e em outros bairros próximos, trazem constantemente saudações a membros do tráfico de drogas, incentivos ao crime, e, por vezes, até mesmo o tabelamento dos entorpecentes a serem consumidos. Na tentativa de interromper e criar alternativas a essa paisagem, o Projeto Marvin ousou, centralizando a voz e a vez das crianças (Friedmann, 2020).

Em um primeiro momento, as crianças, é claro, desenharam aquilo que enxergam: violência, dor, medo e uma estrutura de guerra, mas o projeto Marvin as incentivou a também pensar naquilo que desejavam para substituir aquela realidade com uma cultura de paz. E assim, em meio às artes do crime, surgiu um painel com a paz das crianças, um sinal que aposta na arte e na cultura como intervenções poderosas em um cenário de morte. Vemos que arte e cultura são essas expressões poderosas que, por vezes, conseguem explicar como a vida e a esperança (re)existem em meio a territórios flagelados. Isso porque nos levam a pensar, cultivar e concretizar mundos possíveis guardados no poder da imaginação e criatividade. Arte e cultura promovem estes pequenos, mas grandiosos sinais de que podemos ser e fazer diferente. A música dos Titãs do Marvin³⁶, traz a fonte que alimenta esses jovens, adolescentes e crianças que buscam recriar seus horizontes, quando somente restava não ter mais horizontes, em uma Baixada Fluminense regada a violência (num momento em que as ruas estavam dominadas), eles dançam, sonham e se inspiram na letra da música:

Meu pai não tinha educação. Ainda me lembro era um grande coração. Ganhava a vida com muito suor. Mas mesmo assim não podia ser pior. Pouco dinheiro pra poder pagar. Todas as contas e despesas do lar. Mas Deus quis vê-lo no chão. Com as mãos levantadas pro céu. Implorando perdão. Chorei meu pai disse boa sorte. Com a mão no meu ombro. Em seu leito de morte. Disse Marvin, agora é só você. E não vai adiantar. Chorar vai me fazer sofrer. Vai lá Herbert. Três dias depois de morrer. Meu pai, eu queria saber. Mas não botava nem os pés na escola. Mamãe lembrava disso a

³⁶ Fonte: Letras de Marvin, Sony/ATV Music Publishing LLC, Universal Music Publishing Group – Titãs 1984. Mais sobre a história da música disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/historia-da-musica-marvin/>. Acesso em 25 out. 2023. Música disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/40321/>. Acesso em 25 out. 2023.

toda hora. E todo dia antes do sol sair, eu. Trabalhava sem me distrair. As vezes acho que não vai dar pé. Eu queria fugir mas onde eu estiver. Eu sei muito bem o que ele quis dizer. Meu pai, eu me lembro não me deixa esquecer. Ele disse Marvin, a vida é pra valer. Eu fiz o meu melhor. E o seu destino eu sei de cor. E então um dia uma forte chuva veio. E acabou com o trabalho de um ano inteiro. E aos treze anos de idade. Eu sentia todo peso do mundo em minhas costas. Eu queria jogar, mas perdi a aposta. Trabalhava feito um burro nos campos. Só via carne se roubasse um frango. Meu pai cuidava de toda a família. Sem perceber segui a mesma trilha. E toda noite minha mãe orava. Deus era em nome da fome que eu roubava. Dez anos passaram, cresceram meus irmãos. E os anjos levaram minha mãe pelas mãos. Chorei, meu pai disse boa sorte. Com a mão no meu ombro. Em seu leito de morte. E disse Marvin, agora é só você. E não vai adiantar. Chorar vai me fazer sofrer. Oh, Marvin, a vida é pra valer. Eu fiz o meu melhor. E o seu destino eu sei de cor. Marvin, agora é só você. E não vai adiantar. Chorar vai me fazer sofrer. Marvin, a vida é pra valer. Eu fiz o meu melhor. E o seu destino eu sei de cor. (Titãs, 1984).

3.3 A pedagogia Marvin, inspirações e utopias:

Com o tempo, o Projeto Marvin passou por mudanças, algumas pessoas saíram, outras entraram, atividades foram encerradas e outras surgiram. Manteve-se sempre, porém, a independência de criar quaisquer iniciativas que, ao longo do tempo, atendessem aos anseios daquela juventude reunida. Ao longo de 2016, o grupo foi percebendo a necessidade de trabalhar no campo da educação, seja na preparação para os vestibulares e outros exames, seja na educação escolar, incluindo a alfabetização.

Os integrantes do projeto Marvin se deram conta de que vários jovens, crianças e famílias do Itapoã e bairros próximos gostariam de investir mais em seus estudos, mas se viam distantes dos serviços educacionais. Tal necessidade crescia, ainda, em consonância com a atuação do Preparatório Comunitário Paulo Freire, projeto de educação popular que atua no Lote XV a mais de dez anos e que, nos últimos períodos, passou a funcionar em parceria de uso do espaço com a Paróquia São Simão. Alguns dos jovens do Itapoã, incluindo integrantes do Marvin participavam do Preparatório, no Lote XV, mas a distância entre os bairros era um grande fator de dificuldade para que mantivessem seus estudos.

Devido a estes aspectos, cresceu a vontade de se ter um projeto de educação popular que funcionasse também no Itapoã, atendendo a necessidade da juventude local. Desta maneira, nasceu um grupo de estudos nas dependências da Comunidade Imaculada Conceição organizado pelos/as integrantes do Projeto Marvin, e os/as jovens do Marvin passaram a se organizar e a convidar professores/as – boa parte deles/as ligados/as ao Preparatório Paulo Freire para ministrar aulas a todas as pessoas do bairro que estivessem interessadas. A princípio, o grupo atendia, prioritariamente, crianças e também adultos que buscavam se alfabetizar. Com o tempo, a iniciativa cresceu, e foi acolhendo também alunos/as interessados/as em se preparar

para os vestibulares e cursos técnicos. Esse crescimento foi inspirado nas CEBs nos bairros próximos a formarem também seus grupos de estudos com apoio do Preparatório Paulo Freire.

Através desta rede, o grupo de estudos, inaugurado pelo Projeto Marvin, foi também se expandindo e ganhou um nome: Grupo de Estudos Leonardo. Este nome foi dado em homenagem a um dos integrantes do Marvin mais entusiastas da iniciativa educacional do Projeto, sempre presente nas aulas e reuniões e que, infelizmente, faleceu próximo à criação do grupo, devido a um problema cardíaco. Além dessa bela homenagem, o grupo também ampliou seus esforços, trabalhando, assim como o Preparatório Paulo Freire em diversas frentes educacionais. Um diferencial, entretanto, do Grupo Leonardo é a experiência de articular estas várias frentes, não em diferentes turmas, mas simultaneamente em uma mesma sala de aula. A ideia é motivar a transdisciplinaridade e relação intergeracional como fatores de inclusão da diversidade de estudantes e de enriquecimento do saber.

O Projeto Marvin, o Grupo de Estudos Leonardo e o Preparatório Comunitário Paulo Freire são estas potencialidades onde as terras da Baixada - e além da Baixada - podem ser algo mais, fora da construção de exploração e de negação de vida. Ao lado da arte e da cultura, esses projetos aliam a educação como fontes de potência para territórios marcados por cenários de morte. A educação forma oportunidades para que talentos diversos possam brotar desse lugar, forma horizontes concretos pelos quais a juventude pode alçar sonhos. A educação catapulta, portanto, estes incríveis talentos culturais e artísticos da juventude periférica, mesmo em um cenário onde essa juventude é sistematicamente desacreditada.

Temos, portanto, essa paisagem complexa de Belford Roxo e da Baixada Fluminense. Territórios desgastados, mas onde ainda brota a esperança; horizontes roubados que ainda podem ser recuperados pela arte, educação e cultura. Para isso, precisamos da manutenção de projetos de resgate e promoção de uma vida digna para a população periférica. Esses projetos abrem caminhos, historicamente, fechados por uma estrutura econômica e política de negação da vida. Contudo, precisamos falar também de uma estrutura familiar, dos desafios que se manifestam na trajetória mais particular de cada jovem com seus convívios e relações específicas. Por isso, iniciativas e esforços coletivos acabam sendo insuficiente sem conjugar uma compreensão dos caminhos traçados na experiência concreta dos sujeitos em suas trajetórias de vida. Como compreender, portanto, os possíveis efeitos da educação, arte e cultura na vida particular da juventude da periférica? Como a experiência subjetiva de jovens belforroxenses é afetada por projetos como o Paulo Freire e o Marvin?

3.4 Cartografia dos afetos

Outra vivência importante em nossa cartografia dos afetos foi o caso da aluna Y. A família dela foi acompanhada pela comunidade da Igreja católica, através do Mutirão Contra a Desnutrição Materno Infantil, projeto da Igreja de São Simão do Lote XV, que visa controlar o peso das crianças e agir nos casos de desnutrição com ajuda de alimentos, quando recebem doações com oficinas de reaproveitamento alimentar, xarope caseiro, leite forte e a multimistura na luta contra a fome. Esse trabalho ficou muito forte a partir da década de 1990. A família de Y vive em vulnerabilidade social, e mora nos bairros bem dentro do chamado Novo São Bento em Duque de Caxias - RJ.

O projeto atraiu então sua presença, pois as pessoas não tem fome apenas de pão, mas também de arte, cultura e educação. O projeto está localizado no Centro do Lote XV, uma das suas sedes, e isso faz com que receba alunas de bairros tanto de Belford Roxo como de Duque de Caxias. Esses são dois municípios da periferia do Estado do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense.

Duque de Caxias é mais perto do Lote XV do que o próprio município de Belford Roxo ao qual pertence. Bom, voltemos ao caso. A mãe queria quebrar o ciclo de vulnerabilidade social. Ela vem a pé do final do São Bento ao Lote XV e incentiva suas filhas a participar e estudar no pré-vestibular.

E uma das meninas conseguiu um grande êxito: passou para escola técnica (estuda no pré-técnico). Volta ao projeto para estudar para o ENEM, e consegue passar para duas universidades. Ela conseguiu três vitórias, mais uma vitória da periferia. Ocupando o seu espaço dentro das Universidades, rompem-se barreiras, superam-se todas as dificuldades.

Durante essa trajetória no pré-vestibular, cada dia superando uma dificuldade, vivenciando cada dia um dia após o outro, a entrada na Universidade não quer dizer que os desafios foram superados, eles continuam, não muda a situação de vulnerabilidade. Logo, atravessam os bairros para fazer o pré e depois que chegam as vitórias, chegam outros desafios.

As instituições de Ensino Superior são longe de Belford Roxo e surge a necessidade da estratégia da periferia para a questão de lutar pela permanência na vida acadêmica, pois a Academia fica bem longe da periferia. Mesmo que tenhamos agora instituições mais próximas como polos em Caxias, da UERJ, UFRJ, IFRJ, CEDERJ e PEDRO II; Belford Roxo com CEDERJ e Nova Iguaçu com o polo da UFRRJ, para quem mora na periferia é sempre muito mais longe e complexo.

Isso não é vitimismo, é realismo. Cota não é esmola. Se aceitamos o discurso

meritocrático, condições iguais não existem. Então, a realidade desigual não é um mero acidente do destino e sim uma construção social. Existe uma fábrica/indústria de tornar as pessoas cada vez mais pobres, pois sugere-se que os pobres têm que alimentar a riqueza de poucos.

Quando esses jovens conseguem as vagas, os transportes são sempre um desafio. Se o candidato da Baixada Fluminense consegue a vaga tão sonhada, com cota ou por meio da ampla concorrência, o dia a dia surge como dificuldade a cada instante: passagem, alimentação, emprego, família, trabalho, internet, computador, psicológico, enfim são tantos os empecilhos que surgem que fazem deste indivíduo da periferia um desbravador se consegue chegar até o final da graduação.

E muitos chegam. Outros brilharam. Há somente uma linha de trem em Belford Roxo e é muito precária. Ônibus direto para essas universidades, nem sonhando, são sempre dois a três conduções, diariamente. Para o jovem preto estudante periférico de Belford Roxo\Baixada se manter na faculdade é um desafio, se formar é uma vitória, mas os jovens podem travar outras conduções para suas vidas e tomar a estrada de realizações de sonhos e realizações. Essa é uma das alegrias da educação como prática para a liberdade, pois permite que os alunos assumam a responsabilidade por suas escolhas (Hooks, 2013, p. 33).

Não podemos esquecer que, apesar disso tudo, tem ali após os dias de luta nos estudos, cronogramas, rotina, responsabilidade sendo gerada diante do sonho. Existe uma satisfação do periférico que vence a batalha do vestibular. Toda a trajetória passa como um filme sobre os olhos dos alunos que vencem, da equipe do projeto e dos pais que conseguem chegar ali e vem à tona às realidades de alguns pais que não tiveram a oportunidade e nem sequer estudaram.

Alguns pais dos vestibulandos não fizeram o primário ou no máximo o Ensino Médio, alguns não tem sequer o dinheiro para pagar a taxa de inscrição ou recolher aquele “monte” de documentos para comprovar hipossuficiência socioeconômica, negro/indígena/pessoa com necessidade especial, amigos e familiares que às vezes não apoiam, abandono intelectual às vezes começando na própria escola, a pobreza e o descaso do currículo escolar, o medo de sonhar e de tentar essas oportunidades, a ansiedade depressão e toda a chuva de problemas psicológicos, a falta de internet ou a internet limitada, desejo de quebrar o elo de falta de sonhos, tanta coisa vem à memória.

O desânimo, desistência, e pensamento imediatista querendo um resultado rápido e com pouco esforço. A forma como a mente tem ficado, devido ao seu contato com a inteligência artificial tem modificado também o ensino-aprendizagem. E é algo muito recente, que ainda está sendo estudado, mas a geração das telas pode abraçar livros e arrancar nas universidades.

O curso Preparatório Comunitário Paulo Freire é isso: nasce como uma oportunidade

para os jovens periféricos que não têm condições socioeconômicas e desejam romper o ciclo da desigualdade. E o pré-vestibular vem com algo maior que uma proposta, para quem entende e abraça: é oportunidade, chance de transformação para esse jovem que, por vezes, não têm condições financeiras para pagar um cursinho.

Um candidato que não tem tempo para estudar, pois tem que trabalhar, fazer curso e terminar o ensino médio em alguns casos, dependendo da situação, não vai apenas ajudar a família, vai ser ele a renda da casa. No caso, é muito relevante salientarmos que as aulas que acontecem no curso Preparatório Comunitário Paulo Freire acontecem à noite ou aos sábados, o que dá oportunidade.

Esse formato de preparação permite ao jovem periférico sonhar com uma universidade. Momento esse que é de superação de dificuldades, pois muitos jovens relatam as dificuldades que vivenciam no Ensino Básico. O ensino fundamental, por exemplo, com falta de estrutura, falta de professores com frequência e sem conhecer algumas disciplinas.

Estes estudantes é que vão competir na sociedade do mérito com os alunos de escolas privadas ou de cursinhos específicos de valores exorbitantes. O curso Preparatório Comunitário Paulo Freire acaba sendo um último refúgio para a periferia para tentar corrigir essa defasagem. Como alguns coordenadores falam da dificuldade do trabalho pois precisam corrigir todo o erro educacional de uma vida inteira em um ano, e ainda encaminhar para o futuro com a pedagogia da esperança, indignação, emancipação, identidade e decolonialidade uma tarefa árdua para quem abraça ser voluntário desses projetos. Logo, esses projetos são a projeção da periferia e sua postura para novos mundos.

3.5 Novas Redes: Entre Sonhos e possibilidades a trajetória de Estudantes negros do Preparatório Comunitário Paulo Freire.

Neste momento, após as trajetórias de memória e história dos afrodescendentes em períodos coloniais, a ação dos coletivos negros na construção deste direito à educação, vozes dos coletivos de pré-comunitários negros e do PCPF, cabe agora escutarmos os passos das realizações de jovens negros que são farol na Baixada Fluminense para muitos na realização de sonhos individuais que se potencializam coletivos. O território ganha um novo valor, a partir daqueles que fazem a diferença. Essas trajetórias não valorizam o mérito, por outro lado, demonstram as articulações das redes para esses resultados, é ação do pedagógico popular, é força do coletivo.

A primeira trajetória que iremos analisar será a da aluna Camilla da Conceição Viana,

afrodescendente, aluna do Preparatório Comunitário Paulo Freire, que autorizou a quebra do seu anonimato para esta pesquisa. Durante uns três anos mais ou menos se preparou e conseguiu chegar lá. Camilla gosta de arte e cultura, ajudou a desenvolver o sarau no bairro dela, Amapá em Duque de Caxias, RJ. Muito querida pelo Padre Bruno. Após ser acolhida pelo projeto, busca também somar na educação solidária. Está cursando ainda matemática na UERJ, na unidade de Duque de Caxias, FEBF, mas apesar de ainda estar cursando, atua como monitora no voluntariado, permitindo que outros jovens possam também dar passos e chegar às sonhadas vitórias. Ouçamos então o relato de Camilla:

Eu me chamo Camilla, tenho 24 anos, sou moradora do Amapá-Duque de Caxias, moro atualmente com minha mãe e meus irmãos totalizando 5 pessoas, sou a primeira da minha família a entrar na universidade, minha mãe terminou os estudos pelo Enceja por conta do trabalho ela só conseguiu fazer até o 2º ano do ensino médio, meus dois irmãos concluíram o ensino médio e minha irmã ainda estuda está no 8º ano do ensino fundamental, e hoje vou contar um pouco da minha trajetória do ensino médio até agora na minha vida acadêmica.

Tudo começou em 2018 no meu 3º ano do ensino médio, eu sempre quis entrar numa universidade, meu sonho sempre foi medicina veterinária, mas eu não sabia nada e nem como eu faria isso acontecer. Uma professora participava da sala de leitura, ela tomava conta daquele espaço e até que um dia foi falado que teria um grupo de estudos no espaço da igreja conhecida como nossa senhora dos mártires, ali eu conheci o diretor do projeto Paulo Freire George Lau e alguns monitores como Samuel e Marcus. Ali minha vida mudou completamente e eu nem sabia o quanto mudaria, comecei a frequentar o grupo de estudos, era aos sábados e através desse meu contato com eles descobri o mundo dos vestibulares. Fiz o Enem, fiz a prova da CEDERJ e fiz a UERJ. Graças a eles e todos seus esforços eu fui amadurecendo meus pensamentos e sobre essa jornada acadêmica, tive muita determinação para querer entrar nessa vida, eu aproveitava o RioCard escolar e matava a aula só para ir estudar no preparatório Paulo Freire e sempre fui bem recebida, eles me ajudaram com tudo. No primeiro ano fiz todas as provas e infelizmente não passei, mas não desisti, continuei e em 2020 eu consegui duas vitórias na CEDERJ (CEFET- Duque de Caxias) cursei tecnologia em gestão de turismo e tranquei no 3º período, passei para UFRJ para o curso Ciências Matemáticas e da Terra por motivos financeiros eu não pude ir então me mantive na minha primeira conquista, até que em 2021 eu passo para a UERJ para o curso de matemática e aonde eu estou até agora rumo ao diploma.

Essa está sendo minha trajetória até agora, agora deve surgir a pergunta, mas e a medicina veterinária? Continua sendo meu sonho e sei que ainda irei conquistar mais essa vitória, sempre carregando comigo o preparatório Paulo Freire, porque graças a essa porta aberta eu consegui abrir minha mente e ver além do meu sonho, eu consegui obter essas vitórias. Eu não escolhi a matemática, eu acredito que eu fui escolhida por ela para fazer o que faço, dá o meu melhor para ajudar as pessoas assim como eu fui ajudada e incentivar a não desistir na primeira porta fechada e sim buscar mais forças para chegar no seu objetivo, a vida acadêmica não é fácil mas não é impossível.

Deixo aqui um pouquinho do meu relato sobre minha trajetória até aqui.

Eu Camilla da Conceição Viana autorizo Lourdes Lau utilizar esse meu texto para fins acadêmicos. (Entrevista de Camilla da Conceição Viana, 2023).

Os passos de Camilla trazem um pouco dessa relação que é relevante para o pré Paulo Freire, que é a parceria com a Igreja Católica. Camilla é importante liderança juvenil, e, na academia, acaba levando essa consciência crítica que é aprimorada ainda mais no espaço do projeto. Hoje ela está presente na luta pela manutenção dos direitos estudantis. Além disso, é

pessoa de persistência e perseverança, terão muitas tentativas até conseguir essa vaga na UERJ, onde está graduando matemática. E está atuando na monitoria dando aula para alunos do 9º ano que estão tentando as vagas em escolas técnicas ou militares de Ensino Médio. A honra chega ao máximo quando, neste ano de 2024, no mês de agosto, Camilla foi uma das monitoras homenageadas do projeto pela Câmara de vereadores do município do Rio de Janeiro. Uma moção de agradecimento pela educação popular desenvolvida no território. Esse fato somente demonstra a importância dessa pesquisa.

Nossa segunda entrevista é com a Paula Maren Silva Sipião que é afrodescendente e mãe. Atualmente é aluna de pedagogia da UERJ\FEBF. E começou um importante projeto inovador na UERJ. Sendo pioneiro este projeto, junto com outras amigas da turma. Na FEBF, elas conseguem implementar um espaço de acolhida para os filhos dos responsáveis que estão estudando na universidade. Paula passou duas vezes na UERJ num único ano, para a UERJ via Cederj e para a UERJ presencial, e com essa escolha nas mãos pode optar pela FEBF.

Meu nome é Paula eu tenho 42 anos. Bom, eu sempre tive vontade de fazer faculdade, quando eu era mais nova eu queria fazer pediatria eu sempre gostei de criança eu queria ser medica pediatra, mais infelizmente eu não tive oportunidade de seguir. Venho de uma família humilde minha mãe tem 4 filhas meu pai tem 4 filhos juntos eles tem 2 eu e minha irmã e minha mãe tem mais 2 filhos e meu pai mais 2 filhos, e a única que esta conseguindo se manter na faculdade sou eu. Minha irmã Fabiana começou a faculdade de Direito na Estacio se não me engano mais por questões financeira ela não conseguiu dar continuidade. Eu chego atrasada da faculdade eu dei prioridade a maternidade. Eu fui mãe cedo com 19 anos tive a Julia minha filha e aos 21 tive meu filho Júlio e minha prioridade foi cuidar de minha família. Eu terminei o meu ensino médio com 19 anos quando minha filha nasceu, e também terminei com muita luta. Aos 11 anos nasceu minha segunda irmã Monique, e ai minha mãe me tira da escola porque ela precisava de alguém para tomar conta da minha irmã porque ela precisava trabalhar, e aí eu fiquei um ano fora da escola. E no ano seguinte eu pensei assim eu vou voltar estudar, mais vem minha outra irmã Paola e vem mais um ano fora da escola. Fiquei 2 anos fora da escola, e aí minha tia Regina que hoje é falecida eu pedi a ela que me matriculasse na escola pelo menos pra eu terminar meu segundo grau, e acho que por isso também eu não fosse conseguir chegar a uma a faculdade por conta dessas adversidades da vida. Minha tia me matricula e eu fiz o supletivo eu acho que foi nessa época que começou esse negócio de supletivo, ai eu tive que voltar uma série fiz a 5ª e a 6ª depois fiz a 7ª e 8ª na época era assim, terminei meu 2ª grau já grávida de minha filha ai eu pensei agora que não vou mesmo conseguir fazer minha faculdade deixa quieto deixa pra lá.

Fui trabalhar como atendente de lanchonete, como chapeira também em lanchonete, trabalhei fazendo censo pelo IBGE na rua pela universidade URFJ, depois consegui um trabalho como auxiliar de cabelereiro foi aí que consegui ter uma profissão de cabelereira. Depois montei um espaço para eu trabalhar, comecei a trabalhar pra manter minha família e para ajudar o pai deles para mantê-los. Depois de 12 anos de casada eu me separo, volto a morar em Caxias e numa conversa com a minha filha, ela falou assim: “Mãe a senhora falo uma vez que sempre quis fazer faculdade. A senhora queria fazer faculdade de quê?” Aí eu disse que ah, Julia na época eu queria fazer faculdade de Pediatria, eu queria ser medica. Aí ela falou: “Volta a estudar.” Foi neste momento que o Preparatório Comunitário Paulo Freire entra em minha vida. Com o incentivo de minha filha que estava fazendo o pré junto com o ensino médio, eu comecei a pensar na possibilidade de retomar os estudos, veio o período de pandemia e minha filha com os coordenadores do pré me inscreveram para o vestibular da CEDERJ. Ela chega em casa e diz, mãe te inscrevi no vestibular, qual o

curso que a senhora quer fazer? Ai eu respondi Julia eu nem sei o que eu quero fazer. Ela listou vários cursos que eu poderia fazer , mais veio uma duvida, eu estava 20 anos fora da sala de aula como eu vou passar? Não era me desmerecendo , mais era 20 anos sem estudar fora da sala de aula. Eu pensei realmente que não teria condições de passar. Eu estava a pouco tempo no Pré Vestibular Ai eua falei coloca pedagogia mesmo. Ela me inscreveu, e para minha surpresa eu consigo passar, fiz a minha inscrição e comecei a assistir as aulas pela plataforma tive muita dificuldades mais os monitores e professores do Paulo Freire sempre me incentivando, ajudando porque era muito difícil pra mim. Eu não tinha nenhuma familiaridade com esse tipo de aplicativo. E ai eu vinha para o pré estudar e para eles me ajudar nas plataformas e fazer as prova, e depois do primeiro período ele me inscreve no vestibular da UERJ no curso presencial. E ai eu fui fazer o vestibular da UERJ , e para minha surpresa eu também passo no vestibular eu tranco minha matricula na CEDERJ e faço minha matricula no período de 2022.1 para fazer o curso de Pedagogia na FEBEF. Polo da UERJ em Duque de Caxias. No meu primeiro período da faculdade, iniciei um projeto na universidade. Eu fiquei sabendo que esse projeto era uma pauta desde a década de 60, assim quantas pessoas deixaram as portas abertas. Foi num período depois a pandemia volta das aulas presenciais porque até então as aulas estavam online, de volta as aulas presenciais e para acertar a grade nos teríamos que estudar no período de férias de dezembro a janeiro e só teríamos uma pausa para o natal e o ano novo e voltaríamos a estudar. Porém veio essa preocupação só que a gente pensou a gente não porque eu não tenho essa preocupação pois meus filhos já estão adultos, mas teve uma aluna amiga Brenda que pensou, o que vamos fazer com as crianças? As crianças vão está de férias e nos estudando, e o que a gente faz? E ela fez esse questionamento a uma de nossas professoras Janaina. E a professora falou o que nós poderíamos fazer. Ao final da aula a Brenda me chamou junto com a Vanessa, Vitoria e a Gabriela e nos saímos de sala em sala colhendo assinatura para levar até a direção e vê o que poderia ser feito em relação a isso. Arrecadamos um número de assinatura e fomos ate a direção, e lá nos foi dito que teria condições de realizar o projeto, mas precisava dessa movimentação dos alunos pois se tratava de uma ação instituinte e deveria ser realizada através dos alunos deveria ser uma politica estudantil. Foi quando demos início, o professor Luciano e a Professora Amalia que eram diretores na época e atuais diretores que nos apoiaram neste projeto tudo era muito nova, não sabia o que fazer não entendia nada de gestão como ainda não sei tudo, mas a gente começou a partir daí. Dia 19 de junho completou 1ano do espaço aberto, mais passamos um ano nos organizando fizemos algumas tentativas no começo que foi frustrante mais que depois de um ano conseguimos colocar o espaço para funcionar e neste ano no dia 19 de junho completou um ano de funcionamento. Este espaço recebe os filhos de alunos, alunas, avôs, tios incluindo filhos de funcionários frequentam este espaço. Nos atendemos de segunda a sexta em dois horários: uma turma pela manhã e outra á noite e estávamos pretendendo abrir uma turma á tarde mais dependemos de pessoas pós esse trabalho é voluntario e toda movimentação é feita por alunos. Esses alunos voluntários desenvolvem com as crianças atividades lúdicas, criança temos intenção de reproduzir neste espaço atividades de sala de aula, não queremos que pareça com creche ou escola queremos que as crianças expirem num espaço de aprendizagem diferente ao da escola. O espaço está lindo foi feito realmente para acolher as crianças, foi decorado de forma que pudesse atender as crianças com a mobília dentro dos padrões para atender as crianças, o material didático fica num local de fácil acesso para que as crianças possam pegar: folhas, lápis de cor e brinquedos. O banheiro e a cozinha tudo foi pensado e adaptado para que ele não tivesse dificuldade de acesso nesse espaço. A construção do espaço foi com a verba da faculdade PRM que e responsável pela liberação dessa verba para compra de tatame e micro ondas utilizados para aquecer as marmitas dos voluntários. Além disso trabalhamos muito com doações de brinquedos, livros, lápis de cor, giz de cera. E outro matérias fornecidos pela faculdade.

Quanto a discriminação eu digo que, se sofri alguma passou despercebida porque a discriminação vem disfarçada de várias formas e você não consegue identificar em primeira estancia assim de cara, as vezes precisa de um segundo momento para identificar a discriminação. Mas eu percebo o quanto é difícil o acesso á universidade. Quando minha filha me inscreveu como cotista pois sou negra e tenho esse direito,

foram tantos documentos, tantas coisas que pediram tanta burocracia que por falta de um documento eu não consegui a cota, então assim mesmo que ele tente fazer essa retratação histórica, na verdade eles não fazem de fato essa retratação, acaba sendo uma coisa humilhando porque você acaba implorando por algo que é direito seu. E aí porque eu tenho que provar que sou negra? E onde eu provo isso, e só olhar pra mim e vê que eu sou negra? Não tem como dizer que eu tenho a pele clara não dá para confundir, então eu acho que essa questão do acesso um pouco complicada e aí eu estou na faculdade e faço a avaliação socioeconômica e consigo passar pela avaliação e receber o BAVIS auxílio alimentação e passagem, mais esses auxílios tem o tempo de validade de 2 anos, porém a minha graduação dura 4 anos. Então como me manter dentro da faculdade com auxílio que só dura dois anos? E os outros dois anos o que eu faço? E agora com todas essas repercussões aos direitos que estão sendo negados aos alunos, principalmente ao amplas concorrências que é o meu caso, o eu faço? O que a pessoa faz? Então essa questão a acessibilidade a universidade ela é dificultada a todo tempo é um não que temos todos os dias. A estadia na universidade é uma resistência diária você tem que trabalhar, você tem que estudar, e eu como mulher tenho que manter minha casa, tenho meus afazeres domésticos, eu tenho filhos que apesar de serem adultos são meus filhos então a gente cuida o tempo. Meu filho teve 5 quedas de moto e quem cuida sou eu e aí como você concilia casa filho e faculdade? Quando se torna mãe, você é enfermeira, médica e psicóloga e como conciliar essas atribuições a uma pessoa só? E difícil, hoje eu realmente entendo o sentido da palavra resistência. Vivo uma luta diária pra me manter dentro da faculdade, e uma luta pra mim que fiquei 20 anos fora de uma sala de aula e quando entro na universidade sou literalmente atropelada com um monte de coisas novas um monte de novos aprendizados, muitas leituras, muitas disciplinas e mesmo assim estou amando a tudo isso. Mais ainda é muito difícil para conciliar, por mais que eu pegue 3 disciplinas que não o caso sempre acabo pegando mais do que isso. São muitas leituras e você tem que arrumar casa, fazer comida porque a marmita do filho, minha filha chega em casa muito tarde quando chego em casa mais cedo eu preparo a comida para quem vai levar a marmita. Em que horário eu estudo? Em que horário eu trabalho? Porque a e ainda tenho que fazer os meus corres, sou cabelereira mais no momento não estou exercendo minha profissão por conta de um acidente, torci o joelho então pra mim fica difícil trabalhar ficar muito tempo de pé dificulta exercer minha profissão, tenho tendinite no pulso e no ombro, mas se não fizer minhas correrias como vou me manter dentro da faculdade. Eu pego 2 ônibus para chegar à faculdade. Eu moro no Parque Fluminense num bairro de Duque de Caxias de onde eu moro pegou um ônibus para o Gramacho ou para o centro de Caxias e de lá pego outro ônibus até a vila São Luiz, ou então eu tenho que ir á pé do açai até corte 8 á FEBF, essa caminhada pra mim e muito complicada uma vez que eu fiz 3 cirurgias no joelho, e andando aproximadamente 25 minutos eu chego na faculdade mancando e com o joelho inchado, é um sacrifício muito grande e é por isso que eu digo que entendo o sentido da palavra resistência dentro da faculdade.

Pra mim e uma resistência diária. Tem dias que dá vontade de desistir, mais eu sei que não posso desistir e não posso desistir. Eu gostaria muito que as pessoas entendessem o valor da educação, de você resistir e ocupar esse lugar, e entender que esses espaços são tão nossos enquanto pretos quanto de qualquer outra pessoa. Porque a principio a universidade foram feitas para os filhos dos ricos, senhores de terra mais nos temos esse direito tanto quanto eles lá dentro, e que esse direito não nos seja negados, como tem sido feito e com essas políticas de cota que não nos favorece em muitos casos. Mais esses direitos nos são negados todos os dias, quando um jovem precisa dar prioridade ao trabalho e precisa abandonar a escola. Ouvimos as pessoas dizer que é só estudar, não estudou porque não quis. Mas será que não quis mesmo? O que é prioridade? Você estudar ou encher a barriga? Encher a barriga é prioridade

Por favor ocupem esses espaços na universidade, porque esse espaço é tão nossos quanto de outras pessoas. Quando pensamos em construir o espaço Edna Maia la na FEBEF, quando tivemos a inauguração do espaço minha fala foi a seguinte:” Eu quero que esse espaço pertençam a elas, eu quero que elas cresçam que elas venham com os pais e frequente este espaço Edna Maia, e que depois de fazerem o ensino médio e esses jovens que quando crianças frequentaram o Edna Maia vem e olhem para este

lugar e digam, eu enquanto criança frequentei com minha mãe e outros viam com o pai, ficávamos com os voluntários e hoje entro aqui como aluno da graduação ou como mestrando.

Eu quero que este espaço seja realmente nosso, e de qualquer pessoa que queira esta ali, mais se não quiser tudo bem mais precisa ter a certeza de ali não é o seu lugar. Não deixe ninguém dizer para você que a universidade não é o seu lugar. Por favor ocupem esse espaço pois este espaço é nosso e a gente merece está aqui sim, já basta nossos ancestrais que foram impedido de esta aqui. Nos temos que ocupar esses espaços. (Entrevista Paula Maren Silva Sipião, 2023).

Paula Sipião fez e continua fazendo a diferença no território. Ela trouxe a potencialidade da realização da conquista para seu lar, ao projeto Paulo Freire, à Universidade e para a Baixada Fluminense, RJ. O impacto que a Universidade tem com a potencialidade que as demandas e transformações que os jovens periféricos promovem tendem a trazer situações como a de Paula. A demanda é a permanência, a universidade presencial, o direito de estudar e cuidar da família, a relação sociedade-universidade, o papel social da academia e da ciência. O processo de formação deste percurso nos permite perceber todas essas dimensões que permitem a Universidade ser mais ampla e democrática e o território ser lugar de resistência e sonho e de criatividade que podem fazer crescer a sociedade e a própria academia.

A terceira entrevista foi realizada com a Daiane Francisco de Medeiros, aluna do pré que se graduou na FEBF e nesta instituição também fez o mestrado e que, atualmente, está no seu doutorado. Assim como o exemplo da Camilla Viana, Daiane atuou como monitora no projeto, sendo voluntária com aulas de cultura e cidadania, produção textual. E teve uma atuação na articulação do pré-indígena online, que iniciou no ano da pandemia da covid 19. Escutemos então Daiane:

Meus pais são do interior de Minas Gerais do território chamado Ponte Nova de um bairro chamado Pontal. Eles vêm de um interior era lugar de roça, e vem tentar a vida no Rio de Janeiro. Então meu pai marceneiro porque meu vô ensina a marcenaria para meu pai sobreviver aqui no Rio de Janeiro. A escolaridade de meus pais foram até a 4ª seria, aqui no Rio minha mãe completa o ensino fundamental e o médio no EJA com muita luta e sacrifício, minha mãe consegue concluir.

Quando meu pai sai de Minas Gerais, ele vai até o cemitério dos escravizados acende uma vela e pede um futuro melhor para seus futuros filhos e pede educação. Essa é a luta de nossa família, pela justiça e pela educação. Eu costumo dizer que essa é a trajetória de minha educação que começa lá com os meus pais. Meu pai foi marceneiro, pescador, agricultor cuidou da terra trabalhou nas usinas, essa história de lutar por e de minha vó, e a descendência negra do meu vô baiano.

Nossa relação com os livros, vem através de meu pai que trabalha como marceneiro nas casas de pessoas de classe média alta, fazendo armários e trazia muitos livros. Então nossa relação entre a educação e os livros sempre tiveram um lugar precioso em minha casa. Por mais que não tenha um grau de escolaridade, digamos assim meu pai é uma fonte de educação de tudo que eu sou. Essa educação de ancestralidade, de pensar a vida de pensar a existência vem de meus pais. Sobre tudo desse território de Minas Gerais, que ocupa aqui neste caso em Duque de Caxias esses saberes vem com eles de lá das terras de Minas Gerais. A busca de meus pais para entender essa importância da educação, começa muito pelas escolas do Zito prefeito da cidade de Duque de Caxias na época. Vou pegar essa primeira era Zito dessas primeiras escolas que estavam sendo construídas nos bairros. Me lembro de minha mãe em filas

quilométricas, antigamente não tinha esse negócio de internet, pra tentar um matrícula para mim e não consegue.

Eu vou para uma escola comunitária no morro do Paraíso, numa comunidade onde as mães ajudavam a preparar o alimento para as crianças, era um projeto da igreja católica eu tenho essa memória, era uma espécie de creche. Este foi meu primeiro ambiente de ensino onde meu pai se engaja na associação de moradores e com os movimentos políticos. E entendo que a educação era importante junto com esse movimento de associação de moradores no morro do Paraíso. E importante lembrar da organização das mães na manutenção dessa creche.

Saio dessa creche no morro do Paraíso, e vou para uma escola que não estava preparada para receber crianças de minha idade. Era um Brizolão estudei lá antes de ir para a escola Paulo Freire, que ainda não havia sido inaugurada. Essa escola Paulo Freire fica na rua 5 na estrada do China próxima a igreja católica no Parque Fluminense. Enquanto estive matriculada no Brizolão porque não tinha escola para as crianças de minha idade, a maioria das escolas era de ensino médio. Tinha uma escola muito adultocêntrica, lembro eu caíndo e quebrando meu braço. Aquela escola era para crianças grandes e eu era pequena. Neste período inaugura a escola Paulo Freire e minha mãe consegue me transferir pra lá. Porém o ambiente era muito difícil, apesar de ser uma escola muito bonita, cheirosa era uma escola nova. Eu pego uma era muito boa, de materiais, cadeiras novas, uniforme do solzinho eu gostava muito de estar na escola, a gente tinha brinquedos novos, a alimentação era muito boa eu almoçava na escola, o pátio da escola super nova.

Eu estudava no horário da parte da manhã até a tarde numa tentativa de ser integral mais não era integral. Mesmo assim lembro esse local de educação sempre muito sofrido, lugar de sofrimento de racismo, de muita zombaria dos professores não dar conta dessas situações. E por não me sentir bem neste espaço, reprovoo na 3ª série porque não queria mais ir para a escola. Porque lá era um lugar muito difícil, lugar onde as manifestações de racismo eram muito fortes, de ser xingada e por sofrer violência das próprias. E a escola não dar conta dessas questões que perpassam a negritude. Sobretudo tinha uma pergunta na escola que era a seguinte: “como foi suas férias”? Eu tinha um repertório muito bonito de férias, eu vivia entre esses lugares da Baixada e de Minas Gerais, um lugar onde eu ouvia histórias ancestrais de cosmo percepção dessa educação que me constitui enquanto gente, e a escola um lugar de negação.

Dentro dessa existência eu termino esse percurso e reprovoo. Depois dessa reprovação eu descido que não vou mais reprovar, vou ser a melhor da turma. Neste momento eu vou para a escola Cordélia Paiva, uma escola que fica na estrada do China, uma escola super apertada a gente não tinha espaço nem quadra para educação física. Nossa quadra era a praça do galo, lá fazíamos educação física. Os alunos de escola pública eram sempre vistos como inferiores. Tinha o lugar onde as crianças de escola particular; e nos de escola pública, muitos negros da escola eram vistos com preconceito, eram vistos como aqueles que vem de local de violência e de muita pobreza. Essa competição que existia entre as escolas do próprio bairro, essa rivalidade. Na escola São Jorge tinha feira de ciência e era bem frequentada, quando tinha feira de ciências nas escolas públicas nenhuma das escolas particular da localidade comparecia. Não existia esse intercâmbio entre as escolas particulares e pública, éramos vistos como os patinhos feio, os violentos essas crianças estão ali por ser muito miserável.

E por mais que as escolas particulares seja um local de crianças pobres, a gente enquanto adolescentes de escola pública a gente tem esse olhar, vemos essas competições e esse é um lugar em que a educação é inferior, lugar onde eles estão sempre em greve. Sempre soube que eu era uma criança negra, nunca tive questões, há me descobrir uma criança preta depois de muito tempo, não eu sempre soube que era ela uma criança negra. Me lembro que na 7ª série teve um censo da própria escola perguntando de qual cor você se considera, uma autodeclaração senti muita dor ao responder aquela pergunta. Neste lugar de dor invenção daquilo que a escola o tempo todo vinha construindo como este não lugar. Eu sabia que era uma criança negra, mas eu tinha esse reconhecimento também pela dor que a própria escola constrói, com as imagens e repertórios das mentiras de quem descobriu o Brasil. Então quando vejo os livros didáticos as pessoas pretas sempre apanhando, como se estivesse aceitando

aquela situação de escravização.

Eu, Nasci no Parque Fluminense na Baixada Fluminense Rua Tabocas, número 5. Na minha adolescência tenho um discurso com meu pai. Meu pai tem uma questão com a educação e uma valorização com o que é ser professor, para o meu pai o professor tem uma posição de muito prestígio, talvez por ele não ter conseguido concluir o ensino dele, talvez ele tenha olhado o professor como o dono do conhecimento digamos assim. E na visão dele eu teria que fazer o normal, neste momento eu discuto com meu pai, eu sempre fui uma pessoa muito determinada e ainda no ensino fundamental na 8ª série na transição para o ensino médio eu quis estudar na Faetec no curso de robótica em Quintino, eu via meus professores sofrendo, todos os professores reclamando não queria isso para mim. Não fui para a Faetec e acabei fazendo o normal como o desejo de meu pai, minha matrícula foi aceita no Colégio Fernando Figueiredo, foi outra escola muito difícil, eu tive um processo muito difícil na educação. Assim que entro no normal já começo a trabalhar devido a questões financeiras de minha família. Minha família é pobre, minha irmã engravida aos 15 anos de idade inclusive minha reprovação se dá a partir de uma série de acontecimentos em casa, meu irmão sai de casa cedo para tentar a vida como marceneiro. Nesta transição eu começo a trabalhar nas escolas do bairro como estagiária, mais sempre explorada nessas escolas. Ganho esse dinheiro como estagiária, com esse dinheiro eu compro minhas coisas. Na tentativa de alfabetizar as crianças do bairro e muito preocupada e com muitas dúvidas e responsabilidade social, e já atuando desde os meus 15 anos de idade uma de minhas preocupações era que a escola que eu estava era perto de uma invasão próxima do Lote XV, ali em Belford Roxo era uma escola de educação infantil, inclusive minha sobrinha estudou lá Moranguinho era o codinome da escola, mais tarde ela vai ganhar um outro nome.

Eu era estagiária dessa escola e estava preocupada se iria continuar no trabalho. A diretora fala que eu precisava trocar de horário para continuar a trabalhar lá. Quando levo para minha diretora da escola onde eu estudava o pedido de mudança de horário por causa de meu trabalho. A diretora simplesmente me humilha, ela se coloca num lugar de humilhação, ela grita comigo diz que eu não tenho direito de escolher horário e desse jeito eu teria que ir vender bala no trem, falou umas coisas bem racista hoje eu tenho consciência que essa diretora foi bem racista e me tratou dessa forma só porque eu pedi pra ser trocada de horário. Lembro-me muito bem de meu pai nesta intervenção, de ir lá na Escola Fernando Figueiredo, meu pai sem instrução nenhuma foi discutiu com a diretora e depois me levou no conselho tutelar para denunciar a diretora, meu pai indignado com aquela situação.

A partir desse movimento a diretora me convidou a me retirar dessa escola. Saindo do Fernando Figueiredo, fui para a escola Barão de Mauá, curso lá o 2º ano do normal entro numa turma mudo de horário, passo para o horário da tarde e depois no 3º ano vou para a parte da manhã. No terceiro ano começo a me preocupar com minha situação, por ser negra, vir de escola pública meus amigos vinha de escola particular, na minha cabeça eram escolas ótimas, o Coca essas escolas que meus pais não podiam pagar, eu sempre neste lugar a margem. Começo a me preparar e passo a andar com as melhores pessoas da turma. Foi o momento que pensei assim, eu preciso estudar de verdade.

Entrei num grupo lá no Barão de Mauá, comecei a andar com a Eloisa que inclusive ela foi do pré vestibular também, o Ridel que era de Xerém. No Barão de Mauá os professores começaram a falar de pessoas que entraram na universidade. Quando eu soube que existi as universidades públicas e que eram as melhores. Como assim as melhores universidades públicas? Na adolescência eu sempre me disseram que eu estava a margem, porque eu sempre estudei em escola pública, e agora pois bem: eu quero estudar nas melhores universidades. Começo assim a pensar em pré vestibular, meu pai mais uma vez na história. Ele foi dos alcoólicos anônimos e como ele e muito conversador conheceu muito gente, pessoas de movimento social. Meu pai conversou com o George e fala comigo que o pré vestibular fica no Lote XV. Foi meu 4º ano que foi muito difícil. Trabalha e estudava a tarde ia para o pré a noite. No terceiro ano eu já havia feito o estágio tinha adiantado o estágio. Era assim pesadíssimo tinha feito normal tem uma violência que acontece no curso normal que é a injustiça cognitiva que eles tiram a filosofia, história, biologia, física a gente só tem essas matérias no primeiro ano, no segundo não temos mais. Eu sabia que quando

eu chegasse para fazer o pré vestibular eu teria que passar por todos esses desafios de aprender tudo do zero. Então dentro da minha rotina diária eu tinha o pré e chegava em casa sempre à meia noite, todos os dias eu chorava porque eu achava que não era para mim, que eu não iria conseguir, foi bem difícil mesmo este processo. Era um sonho e tinha a questão da não complicação da dimensão desse sonho, como eu venho de uma família muito humilde e por mais que meu pai ter ido naquela escola brigar com a diretora ele não tinha essa dimensão social de sua atitude e até mesmo meus próprios amigos, foi um momento de muita solidão. Enquanto meus amigos queriam beber, sair, ir aproveitar essa adolescência. Isso tudo me irritava muito, porque eu estava vivendo várias pressões, eu estava querendo estudar, estudar.

Pra dar conta eu também entrei em outro pré vestibular da CEDERJ aos sábados, momento de muita dor. Mesmo diante de tantas dificuldades e dor eu passei para 3 universidades, UFF, UFRJ, FEBF. Começa aqui uma nova luta, como me sustentar como fazer todo esse processo. Meus pais tiveram dificuldades de entender a dimensão de tudo esse processo que passei, dos momentos de dor. Mas continuando, fico muito ansiosa aguardando o resultado oficial de que eu havia passado. Fico sabendo à noite, dou um grito muito grande, isso teve uma grande importância para mim. Quando dou esse grande grito já tarde da noite, meu pai já estava dormindo pois saía muito cedo para trabalhar, ele fica muito bravo comigo. Eu falei pai eu passei, tudo bem você passou mais amanhã eu vou acordar cedo. Ele não entendeu muito a dimensão do que significava passar no vestibular e entrar numa universidade.

Todas as minhas senhas começam com 2012, é o marco da minha vida, da minha trajetória, o meu ano, eu dou um grito assim à noite. Meu pai tinha que trabalhar no dia seguinte, ele ficou bravo comigo pois não entendeu muito a dimensão do que significava pra eu passar no vestibular e entrar numa universidade.

Pai eu passei, tudo bem você passou, mas amanhã eu vou trabalhar. E eu lembro de antes de eu passar eu já tinha pesquisado tudo da FEBF, eu entrava no YouTube e ficava buscando os centros acadêmicos e como funcionava a universidade, quem eram as pessoas. Então tem esse momento de marco assim. Eu queria participar de tudo, o trote é super violento, tinha umas questões assim das pessoas brancas, mas eu queria viver. Tinha uma discussão de que o trote tinha essa questão de ridicularização de violência, mas eu queria participar, porque eu queria saber o que é uma universidade, minha família não teve esse direito de estar numa universidade então eu queria participar do trote, da chopada, isso tudo trabalhando, eu sempre trabalhei, eu queria participar das discussões, queria participar de tudo, eu queria é viver a universidade.

Eu fui a primeira de minha família a entrar na faculdade, a minha irmã fez agora a particular, ela terminou no ano passado, mas a primeira da família a ingressar numa universidade foi eu. Eu queria fazer tudo, fiz pesquisas, fiz iniciação científica na graduação, fiz projeto de pesquisa dos professores, isso estando trabalhando, fui bolsista. Eu digo que vivi a universidade intensamente, nos movimentos estudantis, nos levantes de greve, nos levantes de queremos bandeirão, participei das manifestações, não vai ter aula se a nossa bolsa não cair... Me envolvi em partidos políticos nossa eu fui intensa demais, partido da esquerda. Participei de produção de áudio visual, participei da rádio da FEBF. E sempre muito preocupada com a educação já lá nesse movimento estudantil as professoras de educação básica chamava-nos os alunos para falar da lei 10.639 e 11.645 nas escolas, a gente sabe que tem essas leis que é a obrigatoriedade do ensino da história africana afro brasileira da história indígena e tudo mais. Só que na própria universidade não tinha uma disciplina eletiva obrigatória que formasse esses professores.

Esses movimento social de libertação de estar experimentando a universidade e a partir dos grupos foi onde eu fui acolhida e me encontrando com as meninas negras fazendo um diálogo, fazendo discurso organizando eventos para a assembleia nacional estudantil, na época eu era filiada ao Nel fui para UNICAMP em Juiz de fora ainda na graduação e em alguns estados para discutir os movimentos estudantil, sobretudo a nossa presença na universidade. Participei dos coletivos de filosofia africana na UERJ, participei dos levantes negros que colocava em pauta não só corpos mais a estética que carregávamos com a gente.

Questionava que educação é essa que a universidade é? E questionava os currículos da universidade. Muito preocupada com a permanência dos estudantes, e a minha permanência também. Fiz parte de um movimento histórico que eu acredito e de muita

opressão onde os alunos tinham uma geografia extremamente branca a pedagogia um pouco mais mística, então tinha os conflitos raciais como tanto outros abusos, tinha varias questões. Também tinha muitas pessoas que se matavam, na UERJ Maracanã dessa forma eu fui vivendo a universidade.

Eu sempre trabalhei, ficava 2 anos numa escola e pedia demissão ficava no seguro desemprego ou as vezes quando não era de carteira assinada juntava o dinheiro e depois voltava. A educação infantil foi minha fonte de renda mais também de luta. Minha formação normal me possibilitou a trabalhar, sempre fui uma aluna trabalhadora. Neste momento de estar pensando a educação e está muito incomodada no curso de pedagogia extremamente eurocêntrico comum currículo que não respeitava esses alunos, porque quando se pensa um currículo, se pensa quem são esses alunos. E eu comecei a pensar em pedagogia griot, no primeiro momento e depois escrevi sobre griot tradições. Não era isso que eu queria escrever, aí eu fui lá li Remekitiba que é a tradição viva eu comecei a embrear nas histórias dos Orixás, na época eu já estava fazendo junto um curso de filosofia africana na UFRJ no sentido de pensar as histórias dos orixás pra pensar educação. É aí onde eu chamo Xangô para conversar as heranças Itãs e tenho meu trabalho aprovado trazendo essas histórias ancestrais.

Na escola Roberto Silveira eu me deparo com um mural assim: “Não precisamos de consciência negra, precisamos de 365 dias de consciência humana”. Essa escola é de formação de professores, eu vou trabalhar nessa escola para mim é um grande sofrimento por ser negra e essa mentalidade me incomoda e eu começo a pensar a educação a partir dos Itãs. Teve racismo religioso, ai eu começo a provocar se Xangô é o Orixá da justiça o que tem haver com a educação? Ai eu começo a ler a filosofia dos orixás, começo a ler os Itãs de Xangô essas histórias são para pensar filosofia mesmo, porque Sócrates e Aristóteles pensava a filosofia a partir de suas mitologias, eu pegava essa cosmo percepção afro brasileira e aí desconstruindo e questionando muitas coisas, e trazendo o que é justiça a educação pra gente pensar. O que foi essa colonialidade que colocou um jeito de ser e está no mundo. O que são as memórias ancestrais? E porque não está na escola? Eu escrevo à monografia abordando essas questões, encontro o professor Nielson da FEBF que topa meu projeto, porque nem todo mundo aceita, outros professores tinha um campo bem tradicional de se pensar educação no sentido de currículo eurocêntrico.

Eu vou para Nova York, não tenho dinheiro e aí como é que vai? Faz uma vaquinha, pensamos uma vaquinha virtual e a vaquinha viraliza, Thaís Araújo compartilha e muitas outras pessoas compartilham essa vaquinha. Eram três pessoas Negras alunos da FEBF iam apresentar sua pesquisa em Harvard e precisávamos desse dinheiro, por a gente ser muitos unidos e neste momento de reparação histórica por isso sempre procuramos nosso quilombo. Chegamos em Nova York tenho uma experiência em outra diáspora, essa experiência do que é ser negra, ai eu me torno latina faço a brincadeira de que me torno afro-latina. Quando eu vou para essa outra diáspora eu começo a entender esse ser negro latino como um outro lugar, com uma outra idade, lógico para um país imperialista onde as pessoas negras também acham que são no sentido colonial as melhores.

Quando eu vou para essa conferência e vejo esses conflitos raciais também, quando chego no aeroporto esses conflitos raciais os latinos me trataram melhor que os negros americanos por exemplo. Na própria estadia onde eu fico numa casa no Abiambi, casa de uma mulher militante negra, e eu escolhi esta casa no Abiambi justamente porque tinha a questão de militância. E essa mulher negra não me reconhece como negra, mais me reconhece quando digo axé, ai ela começa a cantar em Yorubá e me abraça. Tem essas questões dessas pessoas negras que se reconecta. Essa outra experiência antropológica, eu vou para a universidade. Quando eu escrevo esse trabalho era da graduação, mais quando eu vou para Harvard eu já havia ingressado no mestrado e vou falar sobre Xangô, falar sobre os orixás falar sobre tudo isso que a gente tinha, um título deste encontro era que “Intelectuais negros e novas epistemologias” era uma questão assim, onde cada um iria trazer sua pesquisa. E a gente muito jovem, batendo o pé na porta. Quando eu chego em Nova York, eu vou nesse processo sozinha me encontro com Sarah e depois vamos para Massachussetts em Cambridge, onde fica a universidade de Harvard. A Gente vai tomando consciência do que é essa conferência a gente era uma das poucas alunas da graduação recém ingressa no mestrado.

A gente começa a ter conexões com vários professores universitários da América Latina, Caribe. E desse espaço do Caribe, começamos a ter uma outra dimensão. Vimos a necessidade do estudo da língua, de outra língua movimento social a gente cria algumas fontes. Minha cunhada da aula de inglês e nos deu algumas por preço acessível e a gente estudava, tínhamos 6\7 meses para ir para Harvard a gente estudava a toda semana tinha duas ou três aulas e fora os estágios dando inglês. Então todo o processo, e quando eu entro para o mestrado também foi um processo porque só entraria no mestrado em primeiro lugar. O mestrado tem um horário integral, se você trabalha em uma escola, não tem condições de fazer o mestrado em um trabalho onde você é muito explorada, eu trabalhava dia e noite. Eu só conseguiria fazer o mestrado se passasse em primeiro lugar ou em segundo lugar pra eu conseguir uma bolsa, eu não iria trabalhar porque a bolsa era de 1.500, a bolsa era o valor do que eu ia ganhar no trabalho. Então essa bolsa seria a minha chance de estar no mestrado. Eu tinha que entrar em primeiro lugar.

Senão não entraria no mestrado. Eu entro no mestrado, faço o mestrado, vou para Harvard, tenho essas interconexões começo a ser convidada pra palestrar e vou para o Museu Ciência e Vida em Caxias, meus trabalhos são aprovados e vou para UFBA, vou para o Copeni, aonde eu quase morro. Copeni é a Conferência de Pesquisadores Negros e os nossos trabalhos foram aprovados, eu sempre vivi em coletivos, sempre busquei pessoas negras, indígenas nesse acolhimento. Quando a gente vai apresentar nossas pesquisas no Copeni, nesse congresso, a gente fica em um bairro nobre, no Espírito Santo. E um policial nos confunde, estava eu e um amigo meu, Felipe, que inclusive está na USP, dá uma dura na gente nesses atravessamentos do racismo. (...) Eu faço 2 anos de mestrado e no ano seguinte tento concurso para professores substituto do Colégio Aplicação da UFRJ (...) tendo alguns processos de prova escrita, avaliação de currículo, prova aula, levando esses conhecimentos ancestrais para tudo quanto é lugar. Eu entro para esse concurso de professor substituto que é 1 ano. O professor substituto sempre fica no lugar do professor que esta de licença. É um concurso público, mas é um concurso que tem prazo. Não é um concurso para efetivo. Quando eu entro para esse concurso de professor substituto na UFRJ, no colégio de aplicação é um outro rolê, quando se é professora é um outro mundo, como se pensa as crianças negras, o direito de defesa de crianças o tempo todo, aplicação daquilo que eu estava pensando na minha pesquisa, na minha prática total. Desse lugar dessa ancestralidade, trazer essa ancestralidade pra conversar, debater com os professores sobre a necessidade da lei, disputa de currículo o tempo todo, currículo é um lugar de disputa.

Disputar currículo junto com aquela galera branca. E sempre achando ali achar seu gueto pra estar nessa disputa do currículo, porque é uma disputa, sim, do que vai ser ensinado e é uma disputa mesmo de saberes. Então, recebendo crianças, como lá era sorteio, então a gente recebia crianças da Maré, recebia crianças das periferias, mas desde crianças filhas de professores universitários, então era uma miscelânea de crianças. E tendo cuidado com essas questões raciais. Não é um lugar fácil. A gente tem uma lei, 10.069, 11.645, só que a gente tem o racismo e é uma escola mais aberta, uma escola que está aberta à pesquisa. Isso é um ponto importante. É uma escola que está aberta ao diálogo, diz estar aberta ao diálogo, mas mesmo assim é um lugar de conflito. Porque uma vez eu levei uma cabaça para a sala de aula e aí eu comecei a contar uma história, uma história da oralidade. E veja bem, eu não estou trabalhando religiosidade, eu estou trabalhando cultura, eu estou trabalhando o direito das crianças E a gente tem uma lei pra isso. Então, sempre tem uma tensão, né? Porque as professoras, muitas delas são muito cristãs, né? E falam da UFRJ, por exemplo. Já vi professores orando com crianças. Então, eu acho que tem uma má-fé também, mas tem a falta de formação, sobretudo formação de professores. Porque se a gente está pensando em 10.639 ou 11.645, e se a gente está defendendo que isso é uma educação e que esses saberes estão em todos os espaços e a escola nega esses saberes, porque a escola reproduz racismo, se ela reproduz ela vai ser racista, a gente precisa formar professores para entender que esse saberes são importantes a Constituição do Brasil, de uma identidade brasileira, para todo mundo, não só para pessoas negras e indígenas. E que não necessariamente a gente está falando de sagrado, a gente está falando de memória, a gente está falando de educação, de ancestralidade, que vai perpassar também pelo sagrado. vai esbarrar, mas ninguém tá fazendo proselitismo religioso,

não é sobre isso.

Mas eu consegui fazer o que eu tive que fazer na UFRJ. Eu acho que eu fiz até muita coisa, inclusive quando eu saio, eu saio muito orgulhosa disso, porque quando eu entro na UFRJ, a gente tá no fundão e a gente recebe essas crianças que têm uma outra corporalidade, por exemplo, a criança que vive no quintal. No quintal, com um monte de crianças, a necessidade de correr. Isso, para mim, vai para a prática da educação das crianças. Vamos para o pátio, vamos subir em árvore, vamos, né? É necessário também isso. Então, esse lugar também de essa professora muito maluquinha, ou essa professora.

Então, pra mim era uma...Eu ia pra casa pensando, cara, o que eu tô fazendo da minha vida? O que eu tô fazendo da minha vida, sabe? Então, é um lugar mesmo de enfrentamento, de guerrilha. E aí, eu termino esses dois anos e eu falo, não, eu não posso parar por aqui, né? Tem nossa experiência no fundão e tudo mais. Vou submeter um projeto. E assim, eu submeti um projeto pra UFF sem expectativa nenhuma porque eu não conhecia ninguém na UFF Não tô conhecendo as pessoas ainda, né? E aí submeti para a Luciana Osteto, que é alguém que tá pensando na educação, a arte e tudo mais. Sobretudo, da educação infantil, muito movida por esse movimento da educação infantil lá do fundão, de tudo que eu vi, de todas as violências que eu vi, de tudo que eu... Eu submeti a um projeto, assim. E ainda pensando no que eu tô pensando sobre ancestralidade, né? E aí hoje eu tô na UFF, só que é outro território. É um outro corpo, né? Acho que tem três negros na sala de 28 alunos e dois indígenas. Eu sou a mais retinta da sala. Então...É um outro lugar, né? Corpo (...) e são outras violências no sentido de agora eu não conheço ninguém. Só para ironia do destino, eu tinha um sonho de estudar na UFF, né? Eu tinha um sonho de estudar na UFF. Eu gostei da FEBF, era FEBF, mas eu queria estudar na UFF. Queria ter essa experiência da UFF. Então, quando eu cheguei aqui, eu coloquei isso na minha cabeça. Eu vou ficar. Que esse é meu lugar. E tá tudo bem. Não tem nada bem, porque... Já tô discutindo o currículo. Na última aula já foi bem tensa. Porque eu já trouxe para falar várias questões. Inclusive, falando da FEBF, falei que eu venho de um lugar onde as experiências epistemológicas são experiências atravessadas pela raça, classe e outras coisas.

Quando eu chego na UFF, currículo totalmente branco, intelectuais, homens intelectuais branco. Uma disciplina que começa 8 horas da manhã e termina 5 horas da tarde. Então, a gente já tá tendo uma mudança no currículo, uma previsão de mudança, não só currículo, né? Uma previsão de mudança desse horário, dessa disciplina, que é teoria 1 e teoria 2, que é o dia inteiro. Eu tô na teoria 2 agora, que eu não aguento mais essa disciplina. Mas essa semana teve enfrentamento, tive que ouvir muita besteira, uma professora falando que pra quê ela está estudando isso, porque a gente conseguiu que essa disciplina tivesse pelo menos a CPA, que é a Comissão de Ações Afirmativas aqui na UFF. Porque assim, como o professor não assume o compromisso epistêmico de falar sobre questões que atravessa a raça, ele chamou outro professor de fora. Bom, no primeiro semestre não tive nenhum texto, nessa disciplina obrigatória de teoria que é o dia inteiro. No segundo semestre, e aí eu falei de primeiro semestre inteiro, no segundo semestre convidaram com a missão de ação afirmativa, porque, pois bem, o professor não assume o seu compromisso epistêmico, que ele sempre vai dizer que não sabe falar sobre essas temáticas, ele vai chamar o quê? Uma pessoa preta para falar. E aí, essa semana, eu lancei o verbo. Falei, precisamos começar a formação de professores, a gente tá no curso de educação. Educação pública, universidade pública, conhecimento pra quem? Aí, a gente... tive que escutar de que, ah, isso não faz parte da pesquisa, por que eu tenho que tá ouvindo isso? Semana passada tem um dread no cabelo, semana passada a mulher ficou mexendo nos meus dreads, perguntando o que eu faço, como eu lavo o cabelo. Essas questões de ser negro e de experimentar a universidade, tá nesse espaço que é totalmente, que é um sonho, mas tô aproveitando a universidade. Comprei um pandeiro. Pra incomodar é pra incomodar. No intervalo eu vou lá, toco o meu pandeirinho, fico mesmo experimentando. Estou aproveitando a universidade, não deixo de aproveitar a universidade. Ando pelo campus, aproveito a Baía de Guanabara, o lugar, o vento.

Tinha um lugar de aquilombamento, de tipo assim, eu consegui, você vai conseguir, depois você volta aqui pra dar aula. Tinha esse lugar de um puxa o outro e dessa

organização, desde de explicar, por exemplo, na escola ninguém para pra te explicar o edital. Pra quem vem do nada, assim, nesse sentido de referência nenhuma de burocracia, o pré-vestibular era um lugar onde eu tirava as minhas dúvidas que eu não conseguia tirar em casa. Por exemplo, eu lembro do meu pai, tadinho, falta de conhecimento dele. Eu perguntei pro pai, qual a diferença de universidade pra faculdade? Ele não sabia me responder, né? Que não tinha esse conhecimento. Então, o Pré-vestibular era um lugar onde eu não tinha vergonha. E era um lugar, assim, eu lembro que eu fiquei um tempo sem pagar o pedaço. Era 30 reais, 30, não sei. Que tinha um valor comunitário, que ajudava nas xerox, na luz. Que começa lá no Silva Dias, né? Mas tinha esse lugar dessa preocupação comunitária. Que não ficava só tipo assim, fui lá, estudei e agora eu vou pra casa. Então, tinha um espaço também desses outros estudantes, por exemplo, a Heloísa que estudou comigo e também foi pra UFF. A Heloísa foi pra UFF. Inclusive, a Heloísa passou recentemente, minha amiga tá morando aqui em Niterói, mora em Niterói, passou recentemente para a prefeitura. Então, as minhas memórias com a Heloísa, até hoje eu converso com a Heloísa sobre a prefeitura. É um lugar de muito acolhimento e uma importância também de disseminação da cultura, né? Essa foi minha trajetória. (Entrevista Daiane Francisco de Medeiros, 2023).

Daiane Francisco deixa um legado: trajetória de mover a periferia diante dos valores e epistemologias próprias. A afrodescendência encontra qualidade e horizonte nos questionamentos e dores que atravessam essa jovem liderança. E ela faz e é a diferença onde passa, trazendo diferença, inclusive, no mundo da pesquisa com suas pesquisas como a dissertação de Mestrado com Mandingas poéticas da educação: ancestralizando saberes, Febf, 2021.

Na quarta entrevista, temos Matheus Santos de Moura, jovem afrodescendente que traz uma perspectiva diferenciada dentro do território, pois o que move os sonhos desse jovem é a música, e o projeto potencializa e o anima na busca desse sonho.

Matheus Santos de Moura, 18 anos e sou músico já começando por aí, eu sou músico e uma das pessoas que se viraram no ramo, que eu tô para conseguir ter um espaço pra eu me destacar pra eu voar como os meus professores sempre me disseram. Desde pequeno eu sempre escultei da minha mãe que eu tinha que estudar, já que ela não teve esse privilégio ela é nordestina e de onde ela veio sempre foi muito precário essa condição, ela é uma dessas pessoas que dizia que para chegar à escola tinha que atravessar o mar, um matagal ela atravessava de tudo para conseguir chegar no final da aula. E como tudo ela conseguiu estudar até o 6º ano ela senhora e seu pai senhor, saem do Rio Grande do Norte, município de Capoeira região nordeste vem para o Rio de Janeiro. Com o meu pai veio pra cá se estabeleceu aqui e constituiu uma família, e além de mim tem o meu irmão que está seguindo os mesmos passos. Está batalhando até hoje, mais além dos estudos eu sempre tive uma inspiração que foi o meu pai. Meu falecido pai, que faleceu em 2016 e desde de então tem sido uma força imensa carregar o legado dele digamos assim e eu sempre batalhei e continuei com essa força, e inclusive minha mãe minha família sempre como um tudo sempre me apoiou neste tipo de coisa, e estudando, estudando essa é a palavra esforço.

E com o meu esforço eu consegui chegar onde estou, ser reconhecido consegui ser um exímio flautista reconhecido por muita gente do alto escalão do ramo. Passei pelo Preparatório comunitário Paulo Freire e conheci gente que me alavancou de forma inimaginável, George foi uma delas que me apresentou o grande ramo mais ampliado de que o estudo poderia me levar, consegui entrar numa Escola técnica me formei inclusive recentemente em técnico em música e estou batalhando tô agarrando as

oportunidades que me vem e uma meta ai pra cima e evolução sempre, sempre... Minha trajetória do Pré até ao 5º ano foi em escola particular. Depois veio a escola pública que me mostrou um pouquinho da realidade de como é a normalidade, dos professores que realmente chegam junto porque gostam de você, dos professores que chegam junto porque veem seu potencial e querem colar com você até depois de terminar o ensino médio. Inclusive eu tenho amigos que até hoje, do corpo docente da escola pública que eu estudei do 6º ano até o final do ensino médio Escola estadual Santo Inácio, são pessoas que me agregaram muito na vida, abriram meus olhos me mostraram a realidade que eu tinha que correr atrás das minhas coisas. E eu coloquei essa frase pra mim na minha vida: O primeiro que precisa se esforçar sou eu. Pra que alguma outra pessoa ou instituição veja meu esforço e veja que eu quero e que eu estou indo pra cima. Pessoas com uma mente formada, pessoas com pensamento forte me influenciaram positivamente graças a Deus. E acho que graças a isso eu sou um dos poucos jovens da atualidade que pensam direito, pensa direito que eu digo é, que tão cedo já está buscando tantas coisas, poxa eu com 14 anos já estava trabalhando como professor dando aula de música, isso pelo menos q o dizem pra mim: “poxa não é todo dia que veem um jovem como você”, e pra mim eu sou o básico sabe, deveria esse ser normal, mais como eu me destaco eu consigo ter essa visibilidade maior e eu agradeço por isso ter o reconhecimento é muito bom ainda mais para um artista como eu.

Venho de um território que é marginalizado pelo a sociedades. Eu, mora em Duque de Caxias no Bairro de São Bento. Eu moro num morro, que não é perigoso digamos assim mais realmente tanto eu quanto meu irmão somos digamos que diferenciados daquele lugar. Porque uma vez minha mãe me contou conversando com as amiga dela e com um pessoal conhecido rolou uma conversa sobre eu e meu irmão em relação ao resto dos jovens e o pessoal, ve a gente não percebe mais ele vê a gente correndo, saindo de manhã e voltando só a meia noite sempre com uma mochila nas costa conversando sozinho viajando na batatinha, e o pessoal comentando, eles parecem que não são daqui realmente se esforçam. Em quanto os outros as outras crianças, palavras delas passam o dia e a tarde inteira soltando pipa, fazendo rolé como eles dizem, enquanto eles estão aí batalhando pela vida correndo atrás eu acho que em relação aos outros jovens, eu tenho uma vida muito mais virada voltada pra o meu futuro do que aqueles que tem a mesma idade que eu. E permanecem parados em relação ao futuro e é deprimente, é deprimente você vê, você está correndo atrás e você falar com alguém que você conhece a tanto tempo e perguntar o que você está fazendo? Caramba, ele te responde estou vivendo de bicos, sabe um amigo meu me contratou pra bater uma laje, capinar um quintal, daqui fazer aquilo outro. E eu já ouvi isso, inclusive vivencio pessoas a minha volta que veem que eu estou crescendo e eu e vejo que eles não tiveram a mesma a garra que eu isso é muito difícil, mas eu torço por eles. Ainda sim São meus amigos tenho carinho e apreço por eles, e o que eu posso fazer e ajudar do jeito que eu posso. Falar da relação de família desses meus amigos tenho muito pouco afalar. Tem um amigo que quero destacar aqui, a casa dele desde pequeno a casa dele é um pé de guerra, quando se passava perto da casa dele só se escutava gritaria ele, a mãe dele os irmãos, então pensando por esse lado tenha influenciado também e levado a não querer nada.

E de vez enquanto eu desço o morro para estudar eu o vejo passando com uma pá nas costas subindo o morro de novo. Não temos mais aquele convívio que a gente tinha de falar de brincar um com o outro o mais agora é bom dia, boa tarde, boa noite mais talvez tenha influenciado sim. Porque realmente o apoio família e essencial, foi e é pra mim e para o meu irmão e é essencial para cada ser vivente. Falando da importância da família na formação de, não posso deixar de falar do legado de meu pai. Ele foi e é pra mim um exemplo, desde que minha mãe se casou conheceu ele lá nos primordes da história deles dois ela sempre me dizia que meu pai resgatou minha mãe digamos assim, porque onde ela a vivia era temida digamos assim porque ela, ela não era uma pessoa muito boa. Ela sempre arrumava muita confusão com as pessoas até que chegou meu pai e ignorou todo os estereótipos que se criou em torno da minha mãe. E falou vai sê você, e quero você e quero criar uma vida com você foi até os pais dela e conseguiu. Minha mãe sempre foi muito apegada ao meu pai, tiveram dois filhos eu e meu irmão. Sempre fomos muito apegados aos dois, meu pai foi sempre que nem a minha mãe sempre me incentivou a buscar meu futuro, sempre me

incentivou a estudar tanto, eu sou uma pessoa muito preguiçosa tenho esse probleminha. Mais sempre que chegava da escola ele me perguntava: “o que você estudou hoje meu filho” se eu não falasse as coisas não ficavam boas para mim não. Ele me educou muito bem, ele me ensinou o que é ter caráter o que é ser humano e sem contar que ele me inspirou muito para o que eu sou hoje, sou um músico por paixão e ele me mostrou esse mundo, eu acredito que minha mãe quando estava grávida de mim ele era aquele tipo de pai que tocava.

Meu pai era músico, violinista nunca por mais que ele treinasse muito em casa eu nunca vi ele tocando na igreja o violão eu via muito ele tocando na igreja, vi ele tocando na igreja pandeiro ele me ensinou também. Sempre que ele tinha um tempinho ele estava no quarto e de minha mão dedilhando o violão, ele tinha até comprado um pra mim pequenininho e eu ficava ali parado olhando seus dedos dançando ali naquelas seis cordas era incrível, sem ter um professor como se ele tivesse aprendido sozinho e acredito que ele queria passar isso a frente. E vi que eu tinha essa vontade comecei a estudar, comecei a ter aula na igreja que a gente era na época e a primeira música que eu aprendi na flauta doce na musicalização ele fez questão, eu mostrei pra ele e no dia seguinte ele me levou pro trabalho dele, e me passou sala por sala dos colegas de trabalho dele, olha meu filho está aprendendo a tocar, está aprendendo música toca aí toquei aquela música pra todo mundo e ele com aquele sorriso no rosto. Aquele cara era incrível. Mas ele foi acometido de pressão alta inclusive eu também, foi passado isso pra mim mais eu pratico exercícios físicos ele foi acometido com um infarto num batismo da igreja fez o batismo e foi as pressas para o hospital depois que ele saiu do batismo eu não vi mais eles, só tive a notícia que ele tinha partido. Mais com a partida dele ficou não só a saudade mais também a inspiração, não posso deixar isso aqui morrer tenho que levar isso aqui a frente. Então além de pai ele foi e é uma grande inspiração para mim. Ele é uma grande inspiração ele é um dos grandes motivos de eu levar isso aqui a frente ter a memória dele viva sou filho de José Cicero violinista da casa é muito bom, digo isso com orgulho batendo no peito meu pai foi um ótimo pai. Me incentivou me inspirou, me ensinou só tenho a agradecer a Deus por ter colocado ele em minha vida.

Querer viver de música não é fácil, a princípio o que eu queria era difícil e o que eu queria era difícil de engajar música é um negócio difícil de começar e ir para o mundo artístico tanto do meus amigos quanto uma preocupação da minha mãe tudo músico já ouviu essa frase de alguém, não importa quem seja já ouviu música não dá futuro sempre tem um abençoado que fala isso, só que todas as vezes eu ignorei porque eu estava vendo que o que eu estava fazendo estava me levando a algum lugar, estava me impulsionando a alguma coisa que eu sabia que podia me render tanto sendo professor dando aula quanto me levando a teatro, palestras me apresentando gente grande no meio não é, gente que eu via que conseguiu ganhar a vida e isso me inspirava, me dava esperança de eu e continua dando agora com mais oportunidades que me vem. Além disso e muito difícil encontrar um ensino de qualidade de música pelo menos onde eu cresci em Duque de Caxias. Mas eu conheci encontrei a FUNDEC foi um dos grandes pontos que me alavancou o maestro da época colou comigo e também era um nome gigante no meio da música, ele me ajudou, me incentivou pro estudo, estuda que tem coisa boa chegando por aí. E eu sem saber o que era mais ele sabia, só caiu dentro até que ele me foi apresentando gente nova e através dele eu consegui dar passos como o salão Leopoldo Miguez que é o salão de música da UFRJ, consegui espaço na SB salão Orquestra Sinfônica Brasileira, eu uma das mais renomada do Brasil, consegui professores lá de dentro, consegui aulas é difícil porque é longe muito longe, mais com esforço eu acredito que o meu esforço está sendo reconhecido isto está sendo bem reconhecido através da FUNDC eu também conheci FAETC que me alavancou para Academia Juvenil da Petrobras Sinfônica, fui conhecendo ainda mais pessoas que foram me inspirando ir cada vez mais pra a frente e tem como e música tem futuro sim, música tem jeito. E eu tenho provado isso vez após vez das pessoas que um dia falaram que música não tem futuro. Agora eu mando uma mensagem para um amigo meu que estudou comigo no ensino médio que falou comigo, pô cara vai ter apresentação tal dia você quer está afim de ir? Falou não dá não mais eu torço muito por você eu nunca imaginei que você chegasse a lugares tão alto famosos do Rio de Janeiro. E eu tenho mostrado a esses meus amigos, e um dia desses ele me mandou mensagem. Eu falei dessas apresentações e ele me mandou um

textão gigante falando me incentivando, você é um cara incrível continua com essa força me inspira muito em você na sua garra. Eu olhando aquilo, eu disse quem diria quem diria. Outrora dizia pra mim não tinha, claro por preocupação alguém que tem essa preocupação não quer que ninguém se afunde dizia sai dessa cara vai procurar alguma coisa que preste mais eu tenho provado pra eles e pra mim mesmo que tem como da pra crescer na vida. Acho que apesar das dificuldades estou recebendo bastante retorno.

Eu como pobre, preto periférico estou sentindo isso muito forte em minha trajetória. A distância pelo lugar que eu moro, as oportunidades para o ramo da música ficam muito longe, e no centro do Rio em outros estados e isso sempre me custou muito, vivi no encaço da minha mãe porque ela sempre me ajudou com questão de passagens, questão de vai pesquisar sobre isso, tem uma oportunidade aqui você não está interessado não? Isso sempre foi uma dificuldade muito grande inclusive no meu curso técnico eu já deixei de ir vários dias por conta de passagem. E antes deu começar o técnico como exemplo eu vou pra lá de trem e na época a passagem estava 5,00 hoje a passagem está 7,60 isso foi um salto que me complicou muito continuei, fui tentando outras rotas e apesar das dificuldades consegui atravessar mais acho que o que esta por vir pode ser pior. Por que através da FAETC foi me dado a chance de estudar no exterior nos Estados Unidos e pra onde eu vou em mizuri existe realmente essa questão racial complica muito, tanto que eu fui tirar essa dúvida com um dos maestros da academia juvenil da Petrobras sinfônica e ele falou quando você for para lá vai com a mente firme porque lá a questão racial implica muito existe escola de branco existe escola de negros e dependendo com que você chegar lá se prepara que vai sim alguém vai te olhar torto, alguém não vai com a sua cara seja um desconhecido ou alguém da faculdade que você vai. Eu acredito que por mais que as pessoas falem eu só vou saber mesmo quando eu chegar lá. Eu estou indo preparado pra tudo com a mente firme no máximo que eu conseguir. Vou com garra e esforço e acho que eu consigo. A dificuldade foi essa transporte, deslocamento foi o que mais me pegou enquanto estava na escola na escola, porque durante o período em que frequentei o preparatório Paulo Freire, eu não moro tão longe do Pré vestibular, eu ia com o meu irmão conversando e assim a gente já estava no pré e na volta, sempre voltava com uma galera. Justamente por uma questão de algo acontecer ,porque tinha umas partes onde passávamos que era perigosa, voltava sempre num bonde gigantesco e cada um ia se dispersando para suas casas então acho que, pro pré essa questão de deslocamento não foi tão uma questão que martelou tanto até porque bicicleta já resolvi, um ônibus resolvia, mais o que pegava mais era a questão da periculosidade do trajetória algo que pegava mais pra ir até o pré nos estudamos a noite, chegava lá as 18h, e ai a gente se empolgava e saia 22h, 23hquase 00h e mandava mensagem para minha mãe dizendo estou voltando agora. Ficava e demorava mais 20minutos e dizia estou voltando e acabava voltando muito tarde as vezes mais nada impedia e inclusive o pré foi uma das portas que me abriu e ajudou muito sou grato por esse preparatório existir e me alavancou muitas coisas estudo que eu não tinha no colégio público consegui encontrar no pré vestibular e não só estudo mais essa questão da realidade que a gente vive tive esse encaço essa consciência um pouco mais eleva,então acho que deslocamento não foi tão ruim assim para minha ida ao pré.

Eu comecei bem pequeno na minha trajetória no ramo da música, eu comecei estudar aos 7 anos, então já vão ai uns 11, 12 anos de música. Comecei na igreja pequeno, nem meu professor deu muita bola por mim, até que da turma inteira eu fui o único que se destacou, o único que chegou mais longe mais graças a ele a paciência que ele tinha comigo, continue estudando na igreja até chegar na Fundec continuei estudando comecei estudar regência me tornei maestro. (Entrevista Matheus Santos de Moura, 2023).

O aluno Matheus reiventa o Projeto Paulo Freire. Lê o mundo com a música. E a música negada também aos afrodescendentes, pois a história da colonialidade tratou de punir e excluir os corpos, danças, sons, porém as epistemologias africanas, ressurgem ao nosso ver, neste jovem que, refazendo a periferia a seu modo, mostra o valor deste lugar onde insiste em passar.

As orquestras também tem o lugar de realização para esses jovens. A música e a arte, a cultura que encanta faz costuras novas e horizontes outros impensados para a 'caixinha de pré vestibular'. É preciso ampliar os horizontes da própria concepção do ato de sonhar. Neste momento, uma grande lição surge para as ações pedagógicas da periferia. Foi apresentada a trajetória de quatro estudantes negros que estão representando inúmeros jovens, adultos, crianças e até idosos que vivem em Belford Roxo, e busca outro horizonte, para além de ser emparado na exclusão de direitos e oportunidades no território de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, periferia do Estado do Rio de Janeiro. Como nos intue a partir da leitura de Nilson Bezerra no Espírito das Periferias (2024), periferia não é somente lugar de invisibilidade de direitos, é lugar de existência. Onde a periferia se potencializa, e onde as pessoas vivem o ser caboclo, o espírito do periférico, no Preparatório Comunitário Paulo Freire é a pedagogia do compartilhamento e das confluências. O compartilhamento da vida dos afrodescendentes e afro- indígenas não é apenas a dor do genocídio do povo negro (como nos aponta a Anistia Internacional) mas existe trocas afetivas que constroem humanidade, sonhos. O estigma do corpo matável é em parte superado. Um território que não merece nem ser um lugar, faz nascer coisas surpreendentes. Apesar de todas as dificuldades apresentadas tanto nas trajetórias dos coletivos, como nos relatos individuais afetivos, é possível encontrar um território que herdou de seus ancestrais a força e a luta, onde resistem e continuam sendo resistência, através de estudantes que vêm ocupando esses espaços que foram negados aos nossos antepassados.

As dificuldades não terminam com o ingresso na universidade, ela continua, pois esses estudantes precisam se manter na academia que é distante, esse estudante precisa trabalhar e, para chegar à universidade, enfrenta transporte coletivo cheio, ônibus ou trem que atrasam. E vai faltar dinheiro, como fica a passagem? Nem sempre a bolsa de auxílio estudantil cai, ou é garantida. O fato do jovem pobre preto e periférico estar na academia não significa que o acesso está fácil, nem mesmo a permanência, também não significa que todos são tratados com igualdade e que as oportunidades são iguais para todos. Ainda temos um longo caminho na construção de uma sociedade onde todos possam ter direitos e deveres. E a periferia gesta resistência. Esses relatos afetivos na academia permitem a universidade não apenas diminuir as desigualdades sociais, mas criar novas epistemologias e práticas sociais e políticas. E cabe as universidades estarem atentas a isso, ela cresce quando com seu povo que a engrandece. Ousamos dizer periferia é também academia. Nessa perspectiva nos alimente Paulo Freire com seu esperançar e Toni BXD (artista e professor voluntário no Preparatório Comunitário Paulo Freire):

É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos

indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade. (Freire, 1992, p.52)

Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. (Freire, 1992, p. 47)

Minha Belford Roxo: “Velho brejo, Velho Brejo! Onde o Sol sempre nasceu sorrindo. Como invejo a tua gente. Essa gente vivida, tão sofrida e tão valente.

Essa gente que progride. Que trabalha, que estuda. Essa gente que decide. O que é bom para o lugar.”

Que é calada e não muda. Aqui no município essa gestão quer apagar o nosso passado oq é complicado apagar o passado de quem já nasceu com passado apagado Não falam que tivemos quilombos no vale do ipe que foram uma grande resistência ou que povos originários indígenas habitavam por todo nosso município. tentam nos fazer sentir vergonha e pavor , mas pra quem não conhece a minha belford roxo é a cidade do amor onde com muito orgulho Gabi se faz reconhecer e se é pra ter pavor do meu município então sigo a linha mano souneca e digo que somos a cidade das maravilhas onde tudo acontece ao contrário principalmente quando falamos de cultura e educação Nossa educação anda sucateada faltando professor estão colocando pessoas sem formação pra exercer essa função quanto horror E nós noticiários foi uma das coisas mais ouvidos falar ex secretário da educação roubou 6 milhões da merenda escolar Na secretaria de Cultura vejo uma grande incoerência as incentivo chegam nos bolso de alguns “amigos” da prefeitura mas raramente nas mãos do artistas que fazem cultura por sua própria independência Vão me perguntar Toni você não tem medo de falar Me perdoem mas tudo que escrevo é com todo meu coração Luto pra não ficar de luto ao ver meu município se perder Digo e repito pelas minhas causas cultura e educação e ponha a cara a tapa pra fazer acontecer e pra fazer o povo enxergar o futuro melhor esta nas nossas mãos e aí preparados para sermos a própria revolução ? (Toni BXD, agosto 2024).

Os educadores, seriam um outro capítulo de investigação do pré, pois imprimem e qualificam esse espaço periférico com sua pedagogia própria. Com as epistemologias afetivas de cada dia. Porém, este avanço na investigação fica para as próximas investidas de pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os paradigmas a serem vencidos pela juventude negra na Baixada merecem, ainda, inúmeras investigações que deem ênfase às realidades desses sujeitos e desse território. Mesmo as investigações aqui propostas, pela via das trajetórias individuais em preparatórios comunitários, podem ir além do que está colocado. Precisamos considerar, por exemplo, que o pacote ENEM, não é o único caminho para dialogar com a juventude periférica. Os projetos comunitários e grupos de estudo ainda têm muito que aprender e ensinar com a diversidade de caminhos sendo, paulatinamente, explorados, como os cursos técnicos, as carreiras militares, a conclusão do Ensino Fundamental, o ingresso no Ensino médio, a montagem de currículos, a preparação concursos, entre outras possibilidades. Não se trata, portanto, apenas de trazer um novo ENEM ou um novo Ensino Médio para melhorar a educação no Brasil e,

consequentemente, o ensino nos pré-vestibulares comunitários das periferias.

Trata-se de pensar que educação e que futuro queremos. Trata-se de construir perspectivas e estratégias capazes de viabilizar o potencial da juventude em se tornar trabalhadores e estudantes, mas, igualmente, atletas, cientistas, artistas, enfim, tudo o que sonharem. Trata-se, portanto, de construir os caminhos de uma educação para o sonhar. O exercício de educar para sonhar demanda, ademais, uma sociedade que permita o sonho. Aqui, não avançamos muito, e não percebermos que uma sociedade assim não interessa. Os projetos de cidade, de circulação e de acesso à arte e cultura são feitos por poucos, para poucos, principalmente, porque a ética central destes projetos é a meritocracia.

Aqueles que não chegaram, não acessaram, é porque não se esforçaram o bastante, mesmo que não haja espaço, nem emprego, nem pão para todos – ou que, na verdade, haja, mas em uma distribuição dos bens onde o projeto-mundo é o da desigualdade social. A desigualdade social pressupõe, assim, que uns avancem e outros nunca alcancem, mas, principalmente, que a culpa do insucesso seja colocada exclusivamente sobre estes sujeitos. Como foi apresentado, acima é interessante pensar que, muitas vezes, os preparatórios comunitários acabam por também fazer o jogo de vale-tudo do sistema-mundo meritocrático. E aqui cabe um importante exercício de reflexividade.

Quando o projeto, ou mesmo as reflexões que fizemos aqui sobre ele, agem diferente com o aluno X, em relação ao aluno Y, e até mesmo quando os separa desta forma, está agindo nessa lógica mercadológica de perceber o humano como competidor em um progresso que premia mais os que mais se esforçam. Limitar-se a isso, sem perceber que existem outros fatores, é negar, a possibilidade humana de ser mais.

As trajetórias são isso: possibilidades periféricas de sermos diferentes, melhores. Não são caminhos predestinados, mas traços que alguns deixaram para mostrar para outros os caminhos possíveis. É neste sentido que se revela o importante papel da educação na periferia. Mesmo que negada, é ela a principal forma de garantia do acesso à vida. As pedagogias da Baixada, de modo particular, precisam superar o ímpeto de somente preparar alunos para conquistar resultados pré-estipulados, e refletir com cada vez maior profundidade que horizontes têm mantido abertos para as rotas de cada trajetória individual. Isso significa, entre outras medidas, valorizar o ingresso, não só à universidade, mas à oportunidade de ser o que se sonha, de se olhar como e com potencialidade.

Foi apresentada a trajetória de quatro estudantes negros que estão representando inúmeros jovens, adultos, crianças e até idosos que vivem em Belford Roxo, e busca outro horizonte, para além de ser emparadado na exclusão de direitos e oportunidades no território de

Belford Roxo, na Baixada Fluminense, periferia do Estado do Rio de Janeiro. Como nos intue a partir da leitura de Nilson Bezerra no *Espírito das Periferias* (2024), periferia não é somente lugar de invisibilidade de direitos, é lugar de existência. Onde a periferia se potencializa, e onde as pessoas vivem o ser caboclo, o espírito do periférico, no Preparatório Comunitário Paulo Freire é o pedagogia do compartilhamento e das confluências.

O compartilhamento da vida dos afrodescendentes e afro-indígenas não é a apenas a dor do genocídio do povo negro (como nos aponta a Anistia Internacional) mas existe trocas afetivas que constroem humanidade, sonhos. O estigma do corpo matável é em parte superado. Um território que não merece nem ser um lugar, faz nascer coisas surpreendentes. Apesar de todas as dificuldades apresentadas tanto nas trajetórias dos coletivos, como nos relatos individuais afetivos, é possível encontrar um território que herdou de seus ancestrais a força e a luta. Resistem e continuam sendo resistência através de estudantes que vêm ocupando esses espaços que foram negados aos nossos antepassados.

As dificuldades não terminam com o ingresso na universidade, ela continua, pois esses estudantes precisam se manter na academia que é distante. Esse estudante precisa trabalhar e, para chegar a universidade enfrenta transporte coletivo cheio, ônibus ou trem que atrasam. E vai faltar dinheiro, como fica a passagem? Nem sempre a bolsa de auxílio estudantil cai, ou é garantida. O fato do jovem pobre preto e periférico estar na academia não significa que o acesso está fácil, nem mesmo a permanência. E também não significa que todos são tratados com igualdade e que as oportunidades são iguais para todos. Ainda temos um longo caminho na construção de uma sociedade onde todos possam ter iguais direitos e deveres. E a periferia gesta resistência. Esses relatos afetivos na academia permitem a universidade não apenas diminuir as desigualdades sociais, mas criar novas epistemologias e práticas sociais e políticas. E cabe as universidades estarem atentas a isso, ela cresce quando a academia torna-se mais democrática, plural e acessível.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, C.; SATRIANO, N.; REIS, T. RJ tem 7 entre as 10 maiores cidades com as mais altas taxas de letalidade policial do país. Rio de Janeiro. **G1**, jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/15/rj-tem-7-entre-as-10-maiores-cidades-com-as-mais-altas-taxas-de-letalidade-policial-do-pais.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ALMEIDA, Douglas Monteiro de. **Como falar de violência na periferia?** O Fórum Grita Baixada e os discursos sobre segurança pública na Baixada Fluminense. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

ALVES, José Cláudio Souza. **Dos barões ao extermínio:** Uma história da violência na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

AMORIM, Diego; NUNES, Marcos. Casos de agressão contra crianças no Rio aumentaram 29% durante a pandemia. **Jornal Extra - Casos de Polícia**, nov. 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/casos-de-agressao-contra-criancas-no-rio-aumentaram-29-durante-pandemia-25298710.html>. Acesso em: 1 jun. 2023.

BERABA, Marcelo. Belfort Roxo é aqui. **Folha de São Paulo - Coluna: Opinião. SP**, 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/17/opinioao/4.html#:~:text=MARCELO%20BERABA,de%20Nova%20Igua%C3%A7u%20era%20alt%C3%ADssimo>. Acesso em: 01 jun.2023.

BEZERRA, Nielson Rosa. **Espírito das periferias:** ancestralidades indígenas e africanas na Baixada Fluminense. Duque de Caxias: Esteio Editora, 2024.

BRASIL DE FATO. Reportagem: Baixada Fluminense registrou um em cada quatro casos de feminicídio no estado do Rio. **BDF Rio**, RJ, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/08/baixada-fluminense-registrou-um-em-cada-quatro-casos-de-femicidio-no-estado-do-rio#:~:text=Foram%20registrados%2011%20mortes%20por,em%20compara%C3%A7%C3%A3o%20ao%20ano%20anterior>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CARUSO, Gabriela. O vazio deixado pelas referências que se vão – Ou: perdemos bell hooks. **FGV Rio**, 2021. Disponível em: <https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell-hooks#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,em%20homenagem%20%C3%A0%20sua%20av%C3%B3>. Acesso em 19 out. 2024.

DIAS, A. Mártires da Baixada Fluminense. **Portal C3**, maio 2023. Disponível em: <https://www.portalc3.net/martires-da-baixada/>. Acesso em: 2 jun. 2023

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Editor, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes. "Heranças - A Educação no Brasil Colônia". **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 8, 2000. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/351>. Acesso em 04 nov. 2023.

FERREIRA, Vanessa Vicente. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro**. Preparatório Comunitário Paulo Freire, 2023.

FILHO, Osmar dos Santos. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro**. Preparatório Comunitário Paulo Freire, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda Books, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1995. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf> . Acesso em 03 mar. 2023.

GOMES, Cassios Clay Oliveira. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Millheiro Lau**. Preparatório Comunitário Paulo Freire, RJ, 2023.

GOMES, Renato dos Santos. **A formação histórica do pré-vestibular para negros e carentes: núcleo Vila Operária**. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

GONÇALVES, Claudio Alves. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro Lau**. Preparatório Comunitário Paulo Freire, RJ, 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir, a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas. **Reformas Pombalinas de Educação."História, Sociedade e Educação no Brasil"**. São Paulo: UNICAMP, 2006. Disponível em: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/reformas-pombalinas-de-educacao#_ftn1. Acesso em: 29 out. 2023.

JUNIOR, Amarilio Ferreira; BITTAR, Marisa. A pedagogia da escravidão nos Sermões do Padre Antonio Vieira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 84, n. 206-07-08, 2003. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1373>. Acesso em: 04 nov. 2023.

KANELA, Korêkwyj. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro**. Preparatório Comunitário Paulo Freire, RJ, 2023.

KRENAK, Ailton. A Potência do Sujeito Coletivo" – Parte II. Entrevista de Jailson de Souza e Silva. **Revista Periferias**, 2018. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/>. Acesso em 04 nov.2023.

LAU, George Ferreira. **Pré-vestibular Paulo Freire: educação popular, periferias e decolonialidade**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2023.

LINS, M. N. Vinte e cinco anos após chacina que matou família inteira, três irmãs assassinadas permanecem mártires. **Extra Online**, maio 2013. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/vinte-cinco-anos-apos-chacina-que-matou-familia-inteira-tres-irmas-assassinadas-permanecem-martires-8306688.html> Acesso em: 1 jun. 2023.

LYCURGO, André Gustavo Dias. Religião e horizonte utópicos em jovens de comunidades. **PUC-RJ**, 2011. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CTCH/TEO/TEO-Andr%C3%A9%20Gustavo%20Dias%20Lycurgo.pdf. Acesso em: 03 mar. 2023.

MEDEIROS, Daiane Francisco de. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro**. Preparatório Comunitário Paulo Freire RJ, 2023.

MEDEIROS, Daiane Francisco de. **Mandingas poéticas da educação: ancestralizando saberes**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

MOREIRA, Antônio Carlos de Nazaré (TONI BXD). **Poesia: Minha Belford Roxo**. Rio de Janeiro, 2024.

MOURA, Matheus Santos de. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro**. Preparatório Comunitário Paulo Freire RJ, 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **Entrevista de Marcia Caetano Langfeldt**. Paris: Universidade Sorbonne Nouvelle, 2015. Disponível em: <https://univ-sorbonne-nouvelle.hal.science/hal-01494922v1/file/Daniel%20Munduruku%2018-05-2016.pdf> . Acesso em: 12 mar. 2023.

NAGAMATSU, Gabriela Alves da Silva. **Ser negro (a): um estudo das narrativas de alunos negros egressos do Pré-Vestibular Social (PVS) no município de Belford Roxo**.2022. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro**. Preparatório Comunitário Paulo Freire RJ, 2023.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Movimentos sociais, educação e cidadania: um estudo sobre os Cursos Pré-vestibulares populares.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO INSTITUTO UNIBANCO. **Movimento Negro Educador: da luta à conquista da Lei 10639.** Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/movimento-negro-educador>. Acesso em: 20 mar. 2023.

POTIGUARA, Eliane. **A terra é a mãe do índio – Nhadécr.** Rio de Janeiro: GRUMIN – Grupo mulher educação indígena, 1989. Disponível em: https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/lemad-dh-usp_a_terra_%C3%A9_a_m%C3%A3e_do_%C3%ADndio.pdf . Acesso em: 20 mar. 2023.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ROBERTO, Taynara de Oliveira. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro.** Preparatório Comunitário Paulo Freire, RJ, 2023.

ROCHA, André Santos da. **Baixada Fluminense: estudo contemporâneo (re)descobertas histórica-geográfica: Duque de Caxias: Associação dos Amigos do Instituto histórico,** 2020.

SALES, Marcelo Ribeiro. **Memórias da violência e resistências silenciadas: as ações político-educativas da paróquia São Simão em Belford Roxo (RJ).** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

SANTOS, Angela Cristina da Silva. **Pensando estratégias para o enfrentamento da evasão em pré-vestibulares populares: um estudo de caso na Maré - Rio de Janeiro/RJ.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

SANTOS, Julio Cesar Araujo dos. **A importância do Projeto Africanidades como possibilidade “Outra” no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP 201).** 2021. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/ Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do. **Brasil 1930 – 1961: Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. Revista HISTEDBR On-line,** 2006. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10_22.pdf . Acesso em: 12 jun. 2023.

SANTOS, Lourrane Cardoso dos. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro.** Preparatório Comunitário Paulo Freire, RJ, 2023.

SAVIANI, Dermeval. **A ideia de sistema nacional de ensinos e as dificuldades para**

sua realização no Brasil no século XIX. São Paulo: Unicamp, 2001. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/dermeval/texto2001-1.html> . Acesso em: 12 abr. 2023.

SILVA, Dom Gilson de Andrade da. **Nota de Pesar pelo Falecimento do Revmo. Sr. Padre Luigi Costanzo Bruno.** Assessoria de Imprensa da Diocese de Nova Iguaçu, RJ, 2022. Disponível em: <https://diocesedenovaiguacu.org.br/2022/11/09/nota-de-pesar-pelo-falecimento-do-revmo-sr-padre-luigi-costanzo-bruno/#:~:text=Padre%20Luigi%20Costanzo%20Bruno,-Por&text=Com%20profundo%20pesar%2C%20mas%20firmes,Cruz%20de%20C%C3%BAneo%2C%20na%20It%C3%A1lia>. Acesso em 27 abr.2024.

SILVA, Lourenço Cezar da. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro.** Preparatório Comunitário Paulo Freire, RJ, 2023.

SIPIÃO, Paula Maren Silva. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro.** Preparatório Comunitário Paulo Freire, RJ, 2023.

SOUZA, MarluCIA Santos de. **Escavando o passado da cidade:** história política da cidade de Duque de Caxias. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2014.

TITÃS, **Marvin.** Rio de Janeiro: WEA, 1984. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/40321/>. Acesso em: 04 set. 2023.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual:** racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

VENTURA, Helio Lucio dos Reis. **Afrocinemusicalidade:** perspectivas de uma ação didático-pedagógico-identitária no Ensino Médio. 2021. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais), Centro Federal Tecnológico Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2021.

VIANA, Camilla da Conceição. **Entrevista de LAU, Maria de Lourdes Soares Milheiro.** Preparatório Comunitário Paulo Freire, RJ, 2023.

WESTIN, Ricardo. O machismo na primeira lei escolar do Brasil. **Agência Brasil**, 2020. Reportagem Especial. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/reportagem-especial/2020/03/06/o-machismo-na-primeira-lei-escolar-do-brasil>. Acesso em: 1 jun. 2023.